

COMPRA
ABR. 1940

SERÕES

LIVRARIA FERREIRA, EDITORA



P.M.

Summario

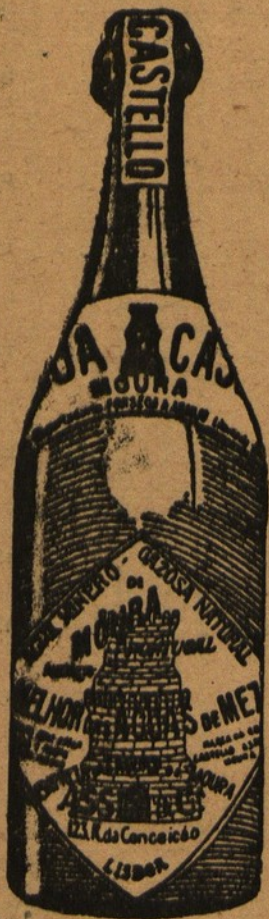
<u>MAGAZINE</u>	PAG.
O CARNAVAL NO PAÇO D'AJUDA (<i>Frontispicio</i>)	82
O CARNAVAL ATRAVÉS DOS TEMPOS (<i>9 illustrações</i>) por A. BELDIABO	83
D. JOÃO II (<i>Versos</i>) de IGNOTUS.	90
EXEMPLOS DO BEM (<i>4 illustrações e 1 vinheta</i>) por VICTOR RIBEIRO.	91
OLHOS (<i>Versos</i>) de EDUARDO METZNER	96
O PAPA PIO X (<i>7 illustrações e 1 vinheta</i>) por S. B.	97
MEU IRMÃO (<i>Versos</i>) de AUGUSTO CASIMIRO	105
A VIDA NA CIDADE E NOS CAMPOS (<i>5 illustrações e 1 vinheta</i>) por CARNEIRO DE MOURA	106
NO CASTELLO (<i>Versos</i>) de MARIA DE CARVALHO	114
A CONQUISTA DO POLO NORTE (<i>6 illustrações e 1 vinheta</i>) por A. RAMOS DA COSTA	115
OBRAS PRIMAS DO THEATRO (<i>12 illustrações e 1 vinheta</i>) compilado por EDUARDO DE NORONHA.	122
OS NOSSOS ERRANTES (<i>1 illustração e 1 vinheta</i>) por EUGENIO VIEIRA	133
Á OLGA (<i>Versos</i>) de ODILON NESTOR	138
A RAINHA DO ORIENTE versão de MANUEL DE MACEDO	139
ECCOS E REFLEXOS (<i>30 illustrações</i>)	144
<u>A MUSICA DOS SERÕES</u>	
BOURRÉE, de JOH. SAB. BACH.	2 pag.

Expediente

Aos nossos assignantes dos “**Serões**” que ainda não satisfizeram a importancia das suas assignaturas, lembramos que começamos a fazer o envió pelo correio dos respectivos recibos de cobrança, rogando a fineza de não demorarem a resposta, não só para nos evitarem despezas maiores com nova remessa de recibos a cobrar, como tambem para não soffrerem interrupção na remessa do nosso magazine “**Serões**”.

Accresce que os chefes das estações dos correios a quem remettemos recibos para cobrança de assignaturas, os não reteem o tempo legal, de fórma, que os assignantes residentes em logares affastados dos locais das estações, não tem, muitas vezes, occasião de liquidar os seus recibos, o que nos prejudica pelas repetidas remessas e augmento de expediente.

A administração.



AGUA CASTELLO

Minero-gazosa, lithinada natural

— DE —

— **MOURA** —

Refrigera os saos e cura os doentes

A melhor, a mais pura e a mais barata das aguas de meza do Paiz.

Agradabilissima ao paladar, tomada simples ou misturada com cognac, leite, wisky, vinho, etc. — premiada na Exposição de S. Luiz e no Palacio Crystal do Porto.

ESCRITORIO E DEPOSITO

123, RUA DA CONCEIÇÃO

Telephone 880

Empreza das Aguas de MOURA ASSIS & C.

LISBOA

As nossas capas de luxo

Com o n.º 48, completou este bello magazine portuguez — **Serões** — o 8.º volume da 2.ª serie.

Os nossos estimaveis assignantes que desejarem utilizar-se das capas — de bello effeito em fundo de percalina vermelha a ouro e negro — pódem enviar-nos os 6 numeros para encadernar, juntamente com a importancia de 300 réis (custo da capa), 100 réis (de empaste) e 100 réis (de porte do correio), ou seja, tudo, **500 réis**, que dentro de cinco dias receberão o volume encadernado.

Os **Serões**, assim acabados, mais evidenciam ser a publicação, relativamente, mais barata que se faz entre nós.

Serões das Senhoras

Capas de luxo para a **SEPARATA** dos
primeiros 7 volumes

CADA ENCADERNAÇÃO 400 RS.



Capas de luxo para a **SEPARATA** dos
primeiros 7 volumes
CADA ENCADERNAÇÃO 400 RS.

Serões das Senhoras

NOTA. — O maço a remetter-nos deverá ser embrulhado em papel consistente, atado com cordel forte, para que os numeros não soffram com o transporte. O pacote, devidamente estampilhado com sello de 80 réis, deve ser dirigido á

Administração dos SERÕES

Praça dos Restauradores, 30 — LISBOA

Brinde mensal a todos os leitores dos SERÕES

CORTAR COM UMA TESOURA SOBRE O PONTEADO

Brinde dos SERÕES

BONUS para o desconto de 10 por 100 em qualquer compra feita pelo portador na

LIVRARIA FERREIRA

Rua Aurea, 132

durante o mez de fevereiro de 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS com o desconto de 50 por 100 em qualquer lugar e dia (excepto domingos e dias santificados) no

SALÃO FOZ

(Calçada da Gloria, em frente da rua do mesmo nome)

durante o mez de fevereiro de 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS com o desconto de 50 por 100 em qualquer lugar nos espectaculos realizados as terças feiras, ou dia seguinte passado aquelle seja festivo, no salão

MUSIC-HALL

PRAÇA DOS RESTAURADORES

durante o mez de fevereiro de 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS para o desconto de 10 por 100 sobre os preços estabelecidos no Consultorio Dental de

Tugmann

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 30

durante o mez de fevereiro de 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS para aquisição de um exemplar do

ANUARIO COMMERCIAL DE PORTUGAL

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 30

com o desconto de 10 por 100 durante o mez de fevereiro de 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS para o desconto de 10 por 100 em qualquer compra feita pelo portador, em instrumentos de precisão na

CASA MIRAMON

46, Praça D. Pedro, 48

durante o mez de fevereiro de 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS para o desconto de 10 por 100 em qualquer encomenda feita pelo portador no atelier de gravura de

PIRES MARINHO & C.^A

Praça dos Restauradores, 27

durante o mez de fevereiro de 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS para aquisição de um exemplar da

AGENDA

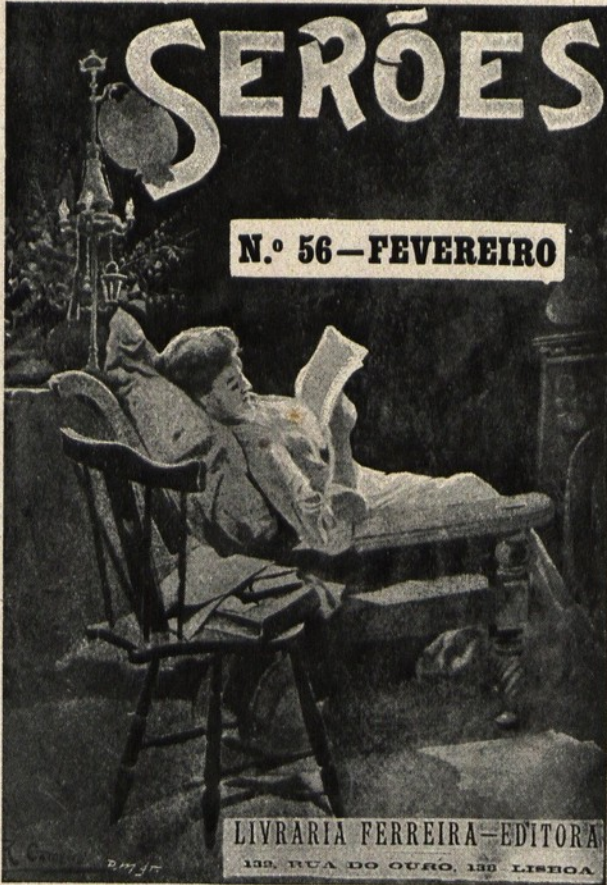
do Anuario Commercial de Portugal

Praça dos Restauradores, 30

com o desconto de 10 por 100 durante o mez de fevereiro de 1910.

SERÕES

N.º 56 — FEVEREIRO



LIVRARIA FERREIRA — EDITORA

132, RUA DO OURO, 130 LISBOA

D. MARGARIDA DE MASCARENHAS



D. JOAQUIM DE MELLO (MURÇA)



CONDE DE SABUGAL (D. LUIZ)



D. MARIA IGNACIA DE BREDERODE



O carnaval através

dos tempos



O CARNAVAL EM VIENNA — COSTUMES POPULARES

(De G. Sieben)

A modo de exordio — A dictadura da Folia — Etimologia da palavra «Carnaval» e da palavra «Entrudo» — Da origem das festas carnavalescas — Os carnavaes famosos de Roma e de Veneza — Os Papas e o Carnaval — Costumes singulares do carnaval estrangeiro — Os «Maccoletti» e os «Pepernotem» — Bailes de mascaras historicos — Um baile no palacio da Ajuda — Diferenças dos tempos — Um famoso «dominó» amarello no baile de mascaras do palacio de Versailles — Enigma vivo e sua decifração.



CHAMO-NOS em plena época de Carnaval, e não vem, portanto, fóra de proposito occuparmos-nos d'elle n'esta Revista em que mensalmente vão sendo registados os diversos acontecimentos artisticos ou sociaes que mais entusiasmo despertam na massa geral dos leitores, tanto de Portugal como do Brazil.

Não nos alongaremos em larga dissertação de eruditos, alardeando conhecimentos que não sejam dos de uso corrente entre pessoas cultas, e tão só a largos traços vamos alludir ao que pode chamar-se o historico do Carnaval, amenisando o assumpto com referencias que nos parecem interessantes, e alguma nota alegre allusiva a este periodo do anno em que a Folia costuma rei-

nar como soberana absoluta, impondo-nos, dictatorialmente, as suas facecias nem sempre do melhor gôsto ou do melhor espirito, contra as quaes não valem protestos praxistas nem argumentos *constitucionaes*...

A Folia manda, e a humanidade obedece aos seus decretos com força de lei, por mais attentatorios que elles sejam da seriedade e do bom tom em qualquer sociedade que se prése. E' ella tambem a que nos dicta a obrigação de abordar hoje um assumpto que outras pennas seguramente tratariam melhor do que a nossa.

Cumpra-se, todavia, a ordenação, já que não são de receber quaesquer escusas.

Manda quem pode!

*

Carnaval ou *Entrudo*? Ambos os termos designam o periodo de tempo que precede a quaresma. Quanto á etymologia attribuida a esses nomes: o de *Carnaval*, mais usado na Italia e em França, diz-se que significa *despedida da carne* (*carnis-carne*, e *valeadeus*), por que da carne se faz abstinencia durante a quaresma; e o de *Entrudo*, mais usado em Portugal e em Hespanha (*antruydo* é como alli se diz), parece ser corrupção da palavra *Intruito*, designando a entrada no tempo santo, embora haja escriptores antigos pretendendo que signifique *Intruso*, «pelos excessos e demasias que n'este tempo se introduziram contra a decencia e gravidade dos costumes».

Prescindindo de entrar na controversia etymologica, proseguiremos dizendo que, segundo testemunhos apurados em documentos e escriptos de remotos tempos, as folganças carnavalescas, ainda hoje em uso em todos os paizes, não passam de uma imi-

tação, modificada mais ou menos pelo decorrer do tempo, dos usos populares e festas gentilicas realisadas na antiguidade, no velho Egypto, na Grecia e em Roma, e conhecidas na historia com os nomes de *bachanaes*, *saturnaes*, ou ainda *dyoniscas*, em honra de Bacho, o deus tradicional dos bebberrões. De um modo geral encontram-se lhe vestigios das festas religiosas, que todos os povos antigos celebravam, nos começos de cada anno, sacrificando aos seus deuses,

para o tornarem mais favoravel a seus desejos, ou no principio da primavera, para symbolisar o renascimento da natureza.

A festa das calendas de janeiro dava, com effeito, logar a mascaradas em que collaboravam todos, desde os primeiros aos ultimos cidadãos, n'uma promiscuidade de verdadeira folia. Depois, em toda a parte, e em todas as épocas, se encontraram festas identicas, degenerando muita vez em vergonhosas desordens, e fomentando a degradação e o vicio. Taes eram, por exemplo, no Egypto as festas do boi Hapis (recordada e parodiada ainda em

França pela festa do *boi-gordo*); entre os judeus a festa instituida em memoria da deposição de Aman; taes foram as *bachanaes* gregas e as *saturnaes* romanas, as *lupercaes*, as festas de Cybele, a festa chamada dos loucos e dos innocentes; tal é, emfim, o Carnaval de Veneza, de Roma, de Napoles, etc., porque sendo a Italia considerada a patria do Carnaval, não é de admirar que elle attingisse n'esse paiz um esplendor e um desenvolvimento excepçionaes.

Os Carnavaes de Roma e de Veneza, sobretudo, gosaram por largo tempo de fama universal. Corria gente de todas as partes do mundo a presenciar e admirar tão-



D. EUGENIA D'ASSIS MASCARENHAS (SABUGAL)

grandiosas festas. E' mesmo n'essa grande affluencia de estrangeiros ricos, a Roma especialmente, que se justifica, por parte de não poucos escriptores, a tolerancia da Egreja Catholica para com esses divertimentos profanos, tão deslocados n'uma cidade directamente submettida á auctoridade dos Papas. Alguns houve que protestaram contra os excessos e licenciosidades do Carnaval romano, mas outros parece ter havido que até collaboraram para a magnificencia das festas, que no tempo de Paulo III attingiram um esplendor desusado.

Nas cavalgatas entrava toda a nobreza romana, com mirabolantes trajas historicos ou mythologicos. Além dos bailes e festas especialmente consagradas ao povo, davam-se espectaculos nos theatros «com todo o sabor de verdadeiras bachanaes dos tempos idos». Foi de balde, ou pouco menos, que Sixto V, Clemente XI e Bento XVI (este ultimo em 1748), pretenderam fulminar o carnaval de Roma com os raios das suas lettras apostolicas.

A auctoridade papal conseguiu, todavia, com o decorrer dos tempos, restringir os folguedos carnavalescos aos ultimos tres dias do periodo, que outr'ora começava na vespera da sexagessima e proseguia sem interrupção.

Quando Roma foi annexada á corôa de Italia, o desbragado Carnaval da velha cidade soffreu o maior golpe, embora não fôsse de todo extincto, como o não foi, nem será tão cedo, em nenhuma outra capital.

Ficaram ainda as corridas de galos, as cavalhadas, as batalhas de flôres e de *confetti*, as mascaradas, os bailes e as corridas de cavallos no Corso (supprimidas em 1864). Havia tambem um divertimento especial, que

por sua singularidade merece mencionar-se, — os *maccoletti*. Celebrava-se na tarde de terça-feira, em que se realisava o enterro do Carnaval, com a queima de um manequim.

Por essa occasião, filas de treços magnificos circulavam no Corso, enorme multidão comprimia-se pelas ruas, e cada pessoa trazia na mão uma pequena véla acceza (*maccoletto*). O divertimento então consistia em cada qual tentar apagar a véla que lhe ficava mais proxima, defendendo a sua de egual proposito. Soprando ou fazendo vento com os lenços ou com os chapéus, resultava d'ahi um combate divertido e pittoresco. D'esta lucta ou jogo da véla ainda hoje ha reminiscencias, mas já sem o interesse e a intensidade d'outros tempos.

O Carnaval de Roma, ainda no seculo findo participava das honras de festa nacional, pois que o governo mandava annunciar, com salvas de artilheria, a abertura e o fim dos jogos e das corridas, que tinham logar nas ultimas semanas do Entrudo.



CONDE D'OBIDOS (D. MANUEL)

Na Baviera, no seculo XVI, corriam as ruas bandos de mascarados batendo nos transeuntes com saccos de cinza peneirada, sujando-lhes o vestuario. Ha quem assevere que d'ahi veiu a origem dos pós de gomma que se jogavam, e jogam ainda (embora o costume vá diminuindo de anno para anno) na época do Carnaval. Ainda na propria quarta-feira de Cinza, rapazes e raparigas costumavam atravessar as ruas atreladas a uma charrua, passeando-a ao som de chifres, á guisa de trompas, e indo, ao fim da tarde, precipital-a no rio.

Até ao seculo findo, o Carnaval perdeu muito do seu fausto e esplendor antigos. No

seculo XIX, porém, como que resuscitou. Não só Paris, mas Colonia, Dusseldorf, Moguncia e Treves, para não falar em outras ci-



D. MARIANNA D'ASSIS MASCARENHAS (SABUGAL)

dades, entraram a rivalisar com Veneza e Roma, e começaram a attrahir verdadeiras tribus de forasteiros com a fama das suas festas carnavalescas. Desde então ficaram celebres tambem os bailes dos tanceiros de Francfort, e os dos carniceiros e tanceiros de Munich.

Na Belgica, em Bruxellas, e sobretudo em Antuerpia, celebra-se ruidosamente o Carnaval, sendo o principal attractivo dos tres dias o *passeio dos gigantes*, que dá logar a peripecias divertidissimas, bem como a batalha dos *pepernotem*. Entre os costumes de Bruxellas são famosos: *petit Jean*, o *petit Michel*, *Jean de Nivelles*, a *Gudula*, o *Sultão* e a *Sultana*, etc., que sempre devem ser um pouco melhores do que o nosso ascoroso *ché-ché* e a nossa irritante *velha de capote e lenço*...

Em Antuerpia apparece o *gigante dos navios* e outras personagens monstruosas, que percorrem as ruas com um immenso cortejo de carros allegoricos, *baleias*, *delphins*, *pierrôts*, *astrologos*, *pagens*, etc. Todos tocam

obtinadamente em uma especie de trompas melhor ou peor... desafinadas, e batem nos transeuntes com bexigas de porco cheias de vento, tal como ainda não ha muitos annos se usava entre nós, especialmente nas provincias do Norte.

Os *pepernotem* a que deixamos feita referencia são uns pequenos cubos cheios de farinha e mel, do tamanho de dados de jogar. Com effeito, são esses cubos jogados da rua para as janellas, e das janellas para a rua, podendo calcular-se o estado em que, ao derramar-se-lhes o conteudo, deixam os *pepernotem* ficar o fato das pobres victimas do tiroteio! Antes isso, porém, do que a nossa *cocotte* com areia (e ás vezes até com pedras, embora miudas), o que é talvez um pouco mais *limpo*, mas é tambem algo mais contundente, e tem já originado conflictos bem serios.

Goya deixou-nos um interessante quadro



JOSÉ EMYGDIO CABRAL

(N'uma soirée no palacio d'Ajuda)

ácêrca dos «costumes carnavalescos no Canal», reproduzindo o afamado cortejo chamado do *enterro da sardinha*, mostrando-nos

a variedade dos trajes e das mascaras e petrechos exhibidos.

Além da gravura que reproduz esse quadro, outras apresentamos allusivas ao Carnaval: na Russia, em que um gravador indigena nos deixa vêr o carro historico da *Rainha do Carnaval*, empunhando uma colossal frigideira, e ao Carnaval em Vienna d'Austria, que nos mostra os trajes populares e costumes nacionaes d'esta época de folia n'aquella cidade.

O costume e o gosto pelas mascaradas, quer nas vias publicas, quer nas casas de espectaculos, e nos domicilios particulares, teem-se transmittido de geração em geração, e de seculo em seculo, até aos nossos dias, gosando de geral predilecção na Italia, França, Allemanha, Hespanha, Brazil e Portugal. Por vezes, até os proprios soberanos



JOSÉ EMYGDIO CABRAL
(N'uma soirée nas Tulherias)

se teem submettido ao costume, já mascarando-se elles proprios, já promovendo em seus palacios a realisação de sumptuosos

bailes de mascaras. D'estes, alguns houve que ficaram memoraveis na historia. Foi, por exemplo, n'um baile de mascaras, realisado



D. MARIA THEREZA DE MASCARENHAS (SABUGAL)

no reinado de Carlos VI, que este monarcha foi assassinado quando se apresentou disfarçado em urso.

Não menos memoraveis foram os bailes de mascaras realisados em Paris, em 1385, por occasião do casamento de Izabel da Baviera com Carlos VI, em que «tudo e todos se entregaram ás maiores licenciosidades e extravagancias».

N'um baile dado por Luiz XIV, quando já o uso da mascara a tornára inviolavel, um dos convivas, disfarçado em paralytico, e que ficou inteiramente desconhecido, arrojou-se a convidar para dançar a propria duqueza de Borgonha, que dirigia o baile. Ella teve de aceitar o convite respeitando as leis inviolaveis da mascara, sem poder jámais saber com quem dançou.

E aqui cabe agora alludir a um baile de mascaras realisado na côrte portugueza, pouco depois do consorcio de Sua Mage-

tade El-Rei D. Luiz, avó do actual soberano, com a princeza D. Maria Pia de Sabya. Que saibamos, foi esse o unico baile de mascaras que se realisou no palacio da Ajuda. Reminiscencias que temos de informações lidas com respeito a essa festa, dizem-nos que foi verdadeiramente real, pelo fausto de que se revestiu, pela riqueza e variedade dos *costumes* exhibidos, e pelas personagens de representação que n'esse baile tomaram parte. De algumas d'essas personagens, damos os retratos, acompanhando este artigo, reproduzindo-os de photographias d'essa época, que nos foram obsequiosamente cedidas pelo sr. D. Miguel de Mello (Murça).

De José Emygdio Cabral damos dois retratos, sendo um representando-o em riquissimo *costume* de pescador de perolas, com que se exhibiu n'uma *soirée* dada, no palacio das Tulherias, pela imperatriz Eugénia, nos ultimos tempos do imperio de Napoleão III, ao qual Sédan poz o seu ponto final. O nosso retratado era então addido da legação portugueza na capital de França, e ali geralmente estimado.

Voltando, porém, ao baile da Ajuda, a apresentação d'esses retratos e a evocação da lembrança d'essa festa principesca, a quantos dos nossos leitores não trarão, talvez, a *amarga consolação* da saudade por esses felizes tempos idos para não mais voltarem? . . .

«Recordar-se é consolar-se», na phrase de Herculano; mas não é menos certa a designação de «gosto amargo de infelizes», achada por Almeida Garrett para esse sentimento tão bellamente expresso em a nossa palavra: Saudade! Ella traz até nós o «delicioso pungir d'acerbo espinho», mas quem «de a não sentir não morrerá saudoso», como escreveu um outro poeta nosso, que não recordamos, de momento, qual fôsse? . . .

Saudade d'esse baile

não a sentimos nós, que não tinhamos edade nem categoria para a elle assistirmos. Sentimol-a, todavia, por muitos dos que puderam ter essa ventura, e que já dormem hoje o eterno somno, ou ostentam uma decrepitude desolante!

E' que o esplendor e a paz e a alegria d'esses tempos não existem hoje . . . O tempo



O ENTERRO DA SARDINHA, MASCARADA POPULAR, NO CANAL

(De um quadro de Goija)

é outro. Circumstancias, côrte, personagens, caractéres, tudo mudou com o rodar dos annos; e a differença a notar-se ainda mais funda cava a saudade do que não volta!

Mas... um artigo da ordem d'este, que estamos escrevendo, não pode nem deve terminar pelo modo a que o conduziriam lamentações como as que ficam acima. Precisa de uma nota alegre.

Dal-a-hêmos alludindo ao que se passou no esplendido baile de mascarar realizado no sumptuoso palacio de Versailles, no tempo de Luiz XVI, para celebrar o nascimento do Delphim.

Os salões estavam bellamente adornados, e o *buffete*, que a historia diz fôra de proporções colossaes, ostentava enorme profusão de vitualhas, preciosos vinhos e exquisitos licôres. Apesar da extraordinaria

animação, e do deslumbramento de uma festa de tal ordem, em breve começou a chamar a attenção de toda a gente, um mascarado, de elevada estatura (e por certo — suppunha-se — de não menos elevada estirpe), que vestia um *dominó* amarello, com largas fitas de seda, e que não fazia senão entrar e sahir do *buffete*.

A sua primeira investida aos solidos e

aos liquidos ali amontoados, comquanto pudesse dizer-se terrivel, não chamou demasiado a attenção. Quando, poucos momentos depois, o viram voltar a servir-se com identica furia, o caso passou a constituir successo, a noticia começou de correr pelos salões, intrigando todos os convidados. Quem seria? era o que todos perguntavam, mas ninguem o sabia dizer.

Terceira investida ao *buffete*, e novo destreço formidavel nas comidas e bebidas. Não

era já sómente um caso phenomenal, mas entrava a constituir motivo de inquietação, pelas consequencias que eram de receber, dada a *sêde insaciavel* do alentado comilão!

Como o estomago humano, por mais vasto que seja, tem seus limites, depois de apreciado o *estrago* feito no *buffete* pelo terceiro assalto do *dominó* amarello, toda a gente de raciocinio se tranquillizou, reflectindo judiciosamente, que, quem tanto comera e be-

bera, attingira, seguramente, o maximo das suas faculdades gastricas e havia posto ponto nas façanhas já dignas de chronica.

Pura illusão! Apenas alguns minutos transcorridos, e eis que pela quarta vez o famoso *dominó* entra no *buffete*, e de novo começa a comer e a beber como se estivera em jejum, e bem disposto a espantar o maior gastronomo d'este mundo. Aquillo não era



NA RUSSIA — O CARRO DA RAINHA DO CARNAVAL

(De H. Karazin)

estomago: era um poço sem fundo. A credulidade do tempo levou mesmo diversos convidados a suporem que se tratava de algum ser sobrenatural.

A phantastica personagem não se contentou com os quatro assaltos. Foi-os repetindo, sempre com igual voracidade, e ainda a intervallos mais curtos do que até ahí, como que receando se acabassem as provisões fabulosas do *buffete* real. Decididamente era preciso descobrir-se o mysterio que envolvia uma pessoa de tão prodigioso estomago e de tão insaciavel appetite.

Um dos convivas, mais audaz ou mais atilado do que os restantes, deliberou fazer uma coisa, aliaz bem simples, mas da qual até então ninguem se lembrára: seguir o *dominó*, á sua sahida do *buffete*, e não o largar sem saber quem estava dentro do

disfarce. Decifrou-se, a breve trecho, o enigma, e toda a gente poude ter a explicação do estranho caso. O que parecia um inequalavel prodigio gastronomico, reduzia-se a que os cem Suissos da guarda do palacio, verdadeiros gigantes, iam successivamente envergando o *dominó* amarello para disfarçadamente poderem... tirar a barriga de miserias!

E tudo largou então a rir, sendo a propria rainha das que riu mais perdidamente com o caso, dando logo ordens terminantes para que se não puzessem embargos á continuação da *habilidade* dos guardas.

O *buffete* achava-se tão bem fornecido, que mesmo quando o ultimo dos Suissos realisou o derradeiro assalto aos *comes* e *bebes* da famosa festa, as provisões ainda estavam longe de acabar.

A. BELDIABO.



D. JOÃO II

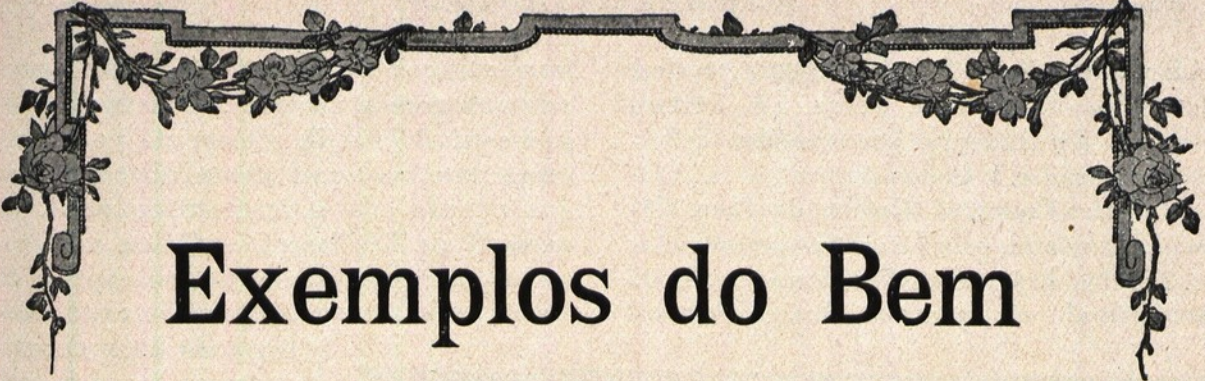
A vontade e valor, que o realçaram,
Buscando só no povo sua firmeza,
Derribaram os fóros da nobreza
E parentes, que contra o rei tramaram;

Judeus, que de Castella expulsaram,
Com trabalho, sciencia e riqueza,
Foram logo acolhidos com presteza:
E por tudo—o Perfeito—lhe chamaram!

Do D. Henrique foi:—continuador;
Da Boa-Esperança o cabo fez dobrar;
Morreu, sonhando a India, em Alvôr.

Pena foi que só houvesse, a empanar
Um tal reinado, um triste dissabor:
A Colombo não soube adivinhar!

IGNOTUS.



Exemplos do Bem

Fr. Miguel Contreiras, o Instituidor das Misericordias



GRANDES figuras nos aponta a *Historia do Bem*, como exemplos raros de nobres e caritativas almas, esbatidas na penumbra de vagas tradições, de lendas divulgadas pelos chronistas fradescos, e sobre as quaes, os documentos poeirentos e traçados dos archivos nada dizem, de formal e positivo, veridico e provado, ácerca da sua vida e obras.

Pertence a este numero de figuras notaveis e mal biographadas o celebre frade da ordem da Santissima Trindade, Miguel Contreiras, o fundador da Misericordia de Lisboa — a primeira de Portugal, da qual depois, por imitação feliz, se derivaram as irmandades da Misericordia, espalhadas por todo o paiz, pelas ilhas adjacentes, provincias do ultramar, India, China, Japão e Brasil.

Pouco se sabe de fr. Miguel, além do que as *Chronicas da Santissima Trindade* de Hespanha, escripta por fr. Pedro Lopez de Altuna em 1687, e da provincia da mesma ordem, de Portugal, por fr. Jeronymo de São José em 1789, assim como outros chronistas de conventos, nos deixaram dito a seu respeito.

Dão-n'o uns como valenciano, outros como filho de Segovia, attribuindo-lhe até alguns nobre ascendencia genealogica, mania corrente nos velhos livros de frades e de historiadores.

Attribuem-lhe como data de nascimento a de 29 de setembro de 1498; mas só veiu para Lisboa, na idade de 56 annos, com fama e reputação de excelso prégador.

Confirmou-a em sermões que prégava na Sé e n'outras egrejas.

Mas o que desde logo sobrelevou á fama de prégador, foi a aura popular que o acolhia, pelas suas virtudes, a todo o momento demonstradas, de santo e venerando varão.

A popularidade que adquiriu foi grande, dizem os chronistas; elle era o protector das viudas e dos orfãos; esmolava para elles dia e noite percorrendo as estreitas ruas da velha capital, com um jumentinho, em cujos ceirões ia amontoando as dadivas, ajudado por um servo anão, figuras populares de grande relevo typico n'aquelle meio, em que os peditorios dos frades, mendigos e dos memposteiros, as caixas para esmolas para santos e para as almas, abundavam por toda a parte.

Recolhia o bom frade ao pateo da Sé Cathedral, e alli contava o producto do peditorio do dia; e, dividindo o monte em tres porções, enviava uma, por um grupo de homens bons, que o ajudavam na empreza, a casa das viudas pobres e recolhidas, de que tinha o rol; a segunda distribuia-a alli mesmo pelas viudas pobres que acudiam com seus orfãos; e a terceira, ia elle proprio, com o anão e o jumento, leval-a aos presos pobres.

D'esses homens bons, velhos e prudentes, que passeando gravemente no adro e pateos da Sé, como conta fr. Luiz de Sousa, tiveram com o frade a idéa, abençoada durante seculos, de fundar a Misericordia de Lisboa, conservou-nos uma tradição documental os nomes, que são: — João Rodrigues Ronca, Contim dô Poço ou do Paço, flamengo, mo-

rador á Rua Nova, João Rodrigues, cereeiro, que vivia á Porta de Ferro, um livreiro Gonçalo Fernandes, e um bordador valenciano, morador á Correaria.

De um d'estes, o Contim do Poço, flamengo, ainda ha pouco o erudito investigador sr. Anselmo Braamcamp Freire, no seu estudo documental, tão precioso, ácerca da Fei-



ESTATUA EXISTENTE NO HOSPITAL DO RIO

toria dos Portuguezes na Flandres (Antuerpia) (1), encontrou n'um velho documento, do seculo xv, o nome como testemunha, comprovando-se assim a sua existencia e nacionalidade.

Fundaram pois estes homens bons a Con-

fraria; e como fr. Miguel era ao tempo, pela sua grande nomeada, Confessor e Prêgador da Rainha D. Leonor de Lencastre, influíu elle no animo d'esta princeza, para que estando ella governante do reino, na ausencia de D. Manoel, instituisse solemne-mente na Sé a Misericordia, na capella da Terra Solta, aos 15 de agosto de 1498, confirmando logo o *compromisso* da nova confraria de caridade, aos 29 de setembro, anniversario de fr. Miguel.

Entregava-se o venerando fundador ao resgate dos christãos, que ficavam captivos dos mouros no Norte de Africa, e em correr as ruas e as praias para recolher, amortallar e sepultar piedosamente os cadaveres dos escravos e infelizes, que, áquelle tempo, succedia apparecerem mortos nas ruas ou eram arrojados á praia pelo mar, evitando assim, com louvavel caridade, que os cães vadios e esfomeados viessem devoral-os, como a miudo acontecia n'aquelles tempos de barbaros costumes.

Vivia fr. Miguel no convento da Santissima Trindade, junto á muralha de Lisboa, a S. Roque, e alli morreu, e se sepultou, segundo os chronistas, em 29 de janeiro de 1505. O seu tumulo foi uma campa rasa, sem letreiro nem

epitaphio, na capella-mór da igreja do convento, perdendo-se assim pela destruição completa do edificio em 1755, a memoria sepulcral d'este illustre varão.

Nem nos papeis do seu convento, nem no vasto repositório da Torre do Tombo, os indices accusam noticia alguma diplomatica da sua vida. Apenas em livros de escripturas de aforamentos e outros, apparece

(1) *Archivo Historico Portuguez*, n.ºs 9 e 10, de 1908.

como testemunha presente, o licenciado fr. Miguel de Contreiras, e isto nos annos de 1497 até 1502 (segundo obsequiosa informação do erudito investigador sr. general Brito Rebello).

N'este periodo, notavel para a *Historia da Misericordia* que eu largamente esbocei, tanto quanto m'o permittiram os minguados subsidios documentaes de que pude servir-me, apparecem muitos alvarás de privilegios e de importantes immunidades, concedidos pelo rei á nascente Confraria. Em nenhum d'elles porém, nem no *Compromisso*, se lê o nome do Instituidor.

A sua memoria chegou mesmo a perder-se, segundo se vê por um precioso documento de 1574, existente no Archivo Nacional; e então a Ordem da Santissima Trindade, ciosa de tão notavel gloria da sua casa professa, promoveu o inquerito ácerca do Instituidor, do que resultou o Provedor e mesarios resolverem em 1575, que, para não se tornar ao olvido, se pintasse a figura do religioso nas bandeiras da Misericordia, pela fórma que já indiquei no meu artigo sobre a bandeira da Misericordia de Lisboa, publicado no n.º 43 dos *Serões*, de janeiro de 1909.

O alvará de Filipe II, de 24 de abril de 1627, mandou que as bandeiras de todas as Misericordias do reino, se conformassem com aquella determinação da Misericordia de Lisboa, pintando-se n'ellas a imagem do religioso com as letras *F. M. I.* — que significam *Frei Miguel Instituidor*.

Assim se fez, perpetuando-se a memoria do bondoso frade. Infelizmente porém a

pouco mais se limitou esta tardia homenagem.

Escasseiam, ou desapareceram porventura os documentos officiaes ou particulares relativos a tão illustre benemerito da Patria.

Existe no maço 4.º das *Cartas missivas* da Torre do Tombo uma carta em castelhano, dirigida — *al rey y reyna nosos*



ESTATUA EXISTENTE NO HOSPITAL DO RIO

señores — de tres meias folhas de papel almasso, sem data nem logar, contendo apenas consolações christãs e evangelicas pela morte de pessoa querida, que bem poderia ser a do principe D. Affonso, e assignada simplesmente *Frey miguel*, sem que possa dizer-se com segurança que seja do Instituidor das Misericordias; e em todo o caso, esta carta nada absolutamente nos re-

vela da vida nem da obra do venerando ancião.

O seu tumulo sumiu-se nos escombros do terremoto, e jazem quiçá os seus ossos de baixo dos alicerces de algum dos predios da Trindade, ou sob o chão de algum dos pateos, antigos claustros, que ainda alli existem.

Quanto á sua verdadeira figura, tambem a mesma nebulosa vacuidade. Houve, na varanda do claustro pequeno do antigo convento da Trindade, um quadro de pintura remota, tido como o verdadeiro retrato de fr. Miguel. D'elle diz o auctor dos *Retratos e Elogios dos Varões e Donas illustres de Portugal*, ter reproduzido pela gravura, o que a companhia

essa valiosa obra, e d'ella tem sido reproduzido por diversos.

O chronista da Santissima Trindade declara que outros retratos havia: mas só possuímos hoje o que na collecção da *Bibliotheca Nacional de Lisboa* existe, sob n.º 11, pintado em 1766 por Carlos Antonio Leoni,

e reputado o mais autentico entre os que hoje conhecemos.

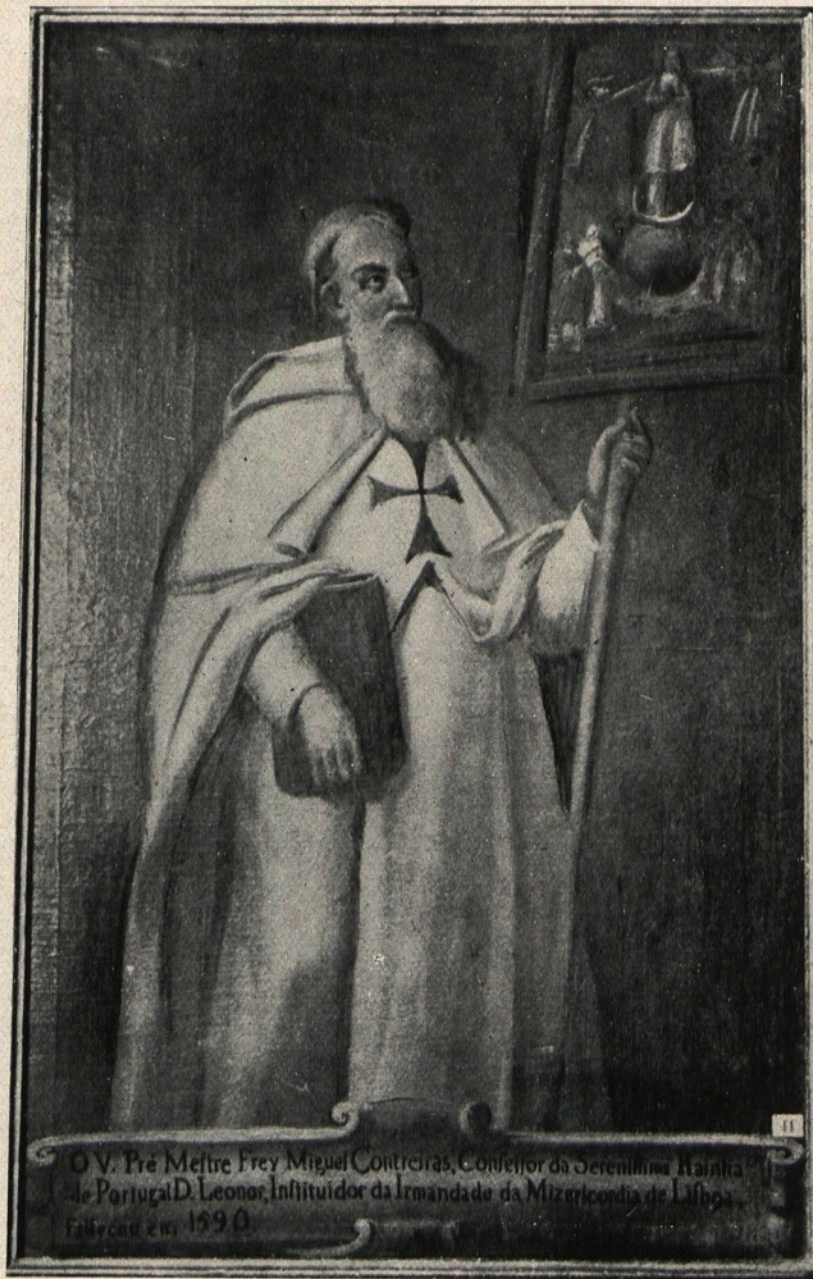
Differe porém este retrato, profunda e radicalmente, do dos *Varões e Donas*. O da *Bibliotheca Nacional*, representa um homem

de já pro-
vecta edade, rosto venerando, insinuante, sympathica cabeça de velho, de longas barbas alvejan-
tes. Traja o habito branco dos trinos e hasteia na mão a bandeira da Misericordia.

D'este retrato mandou o fallecido provedor da Misericordia de Lisboa, dr. Thomaz de Carvalho, tirar uma copia, pelo pintor Antonio Thomaz da Conceição e Silva, para o collocar na sala das sessões da Administração da Santa Casa.

Nunca se prestou outra mais

condigna homenagem ao emerito varão, cujo vulto parece estar representado no grupo allegorico de pedra, da *Senhora da Misericordia*, collocado sobre a bella porta manuelina da igreja da Conceição Velha, que é, como se sabe, a ultima reliquia do magnifico edificio, que o rei *Venturoso* mandou construir



FREI MIGUEL CONTREIRAS
(Quadro de Carlos A. Leoni, na Bibliotheca Nacional)

para a Confraria, na qual elle se inscrevera como *irmão e protector*.

No Brasil abundam as estatuas e homenagens publicas prestadas aos grandes vultos dos *heroes do Bem*, como Braz Cubas, honrado portuguez, que com a cidade de Santos, lançou juntamente os alicerces do seu grande hospital de Todos os Santos (1543), em tudo analogo ao grande hospital do mesmo nome, de Lisboa, e ao qual a cidade reconhecida erigiu uma estatua em 1908, ou ainda, como o abençoado bispo do Pará, D. fr. Caetano Brandão, a cujas boas obras e santa memoria, me referi já, no meu artigo inserto nos *Serões*, n.º 6, de dezembro de 1905.

Tambem o Brasil erigiu um publico testemunho de homenagem a fr. Miguel, o fundador das Confrarias de Misericordia, que n'aquelle florescente paiz ainda hoje exercem a sua benefica acção caritativa. Na sala ou vestibulo do grandioso hospital do Rio de Janeiro, vêem-se desde 1841, a um lado a magnifica estatua de fr. Miguel,

do outro, em harmonioso paralelo, a estatua do famoso padre José de Anchieta, missionario jesuita, que em 1552, entre o maior numero de monumentos religiosos e de caridade, que ainda presentemente se admiram no Brasil, lançou os fundamentos

da igreja e hospital da Misericordia do Rio de Janeiro.

Bello contraste! O fundador das *Misericordias*, esses institutos pios, que durante seculos amontoando os piedosos legados de tantas almas caritativas, congregaram na sua acção humanitaria, n'uma obra pia colossal, as intenções bemfazejas de tantas gerações, constituindo o mais notavel exemplo de quanto podem a



RAINHA D. LEONOR

(Segundo o quadro no côro da igreja da Madre de Deus)

iniciativa individual e a força associativa, colligadas, fr. Miguel Contreiras, emfim, posto a par do *apostolo do Brasil*, — «poeta, guerreiro, naturalista, que para fazer-se util sabia tomar todas as fôrmas: dando escola ás creancinhas, commandando tropas, compondo canticos, pensando doentes, congra-

çando entre si, com risco de vida, as tribus gentias, ainda as mais ferozes, defendendo os colonos portuguezes contra o furor dos indios e as tribus dos indios contra as depredações dos colonisadores!»

As duas estatuas, collocadas em más condições de luz, foram expressamente mandadas photographar pelo meu bom amigo e illustradissimo cidadão brasileiro, residente entre nós, o sr. Luiz José Fernandes, com o fim de me offerter a imagem do benemerito fr. Miguel Contreiras, que em tempo eu lhe pedira. Por occasião da sua visita ao Rio, em 1908, encarregou d'esse trabalho o photographo Leterre, de cujas photographias

se reproduzem hoje as gravuras que acompanham este artigo.

Tal é a mais significativa homenagem com que o Brasil consagrou a memoria do illustre benemerito, cujo nome e obras, se emparceiram perante a admiração das gerações, com tantos outros immorredouros bemfeitores da Humanidade, como José de Anchieta, São Vicente de Paulo, São Francisco Xavier, D. fr. Bartholomeu dos Martyres, D. fr. Caetano Brandão, D. Francisco Gomes de Avellar, e muitos outros que constituem lidimas glorias patrias e alheias, da galeria luminosa dos *Exemplos do Bem*.

Lisboa — Janeiro de 1910.

VICTOR RIBEIRO.



OLHOS

A Deolinda

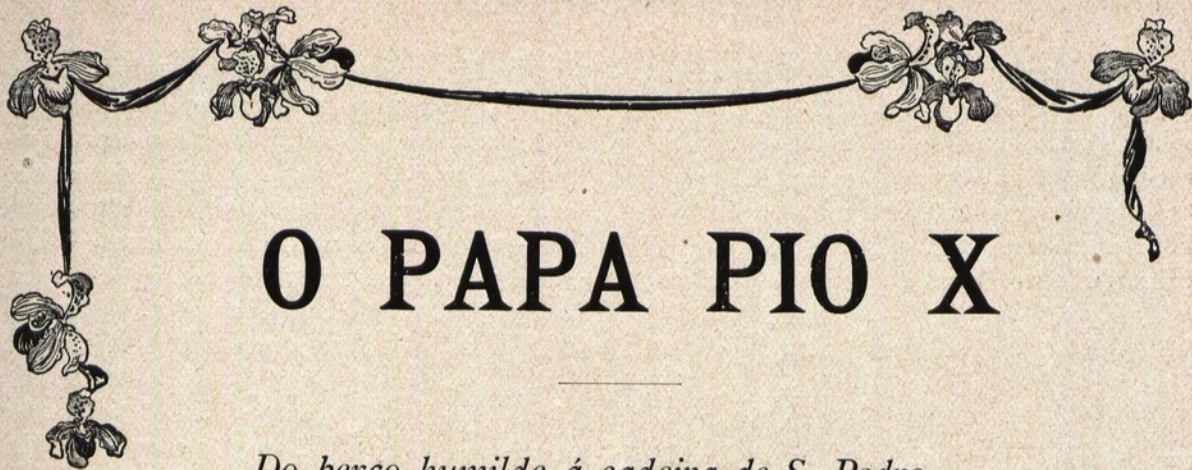
*Deus, que fez as gangrenas do Poente,
— Esse borrão phantastico, sem norma,
N'uma arte rebelde, que não sente
Rudes grilhões convencionaes da Fôrma;*

*Elle, que um dia, bebendo com opio,
Evocou o sabbát da vida tragica,
Cyclorama de Dór, kaleidoscopio
Com relumbrancias de lanterna magica;*

*Deus, que creou o Mal, — o Shakspeare,
Que me fez o «Hamlet» e o «Rei Lear»,
— O peregrino errante da Ventura...*

*Pizando cardos, tremedaes, abrolhos,
Fez uma cousa boa, — essa doçura
Angelical dos teus formosos olhos...*

Eduardo Metzner.



O PAPA PIO X

Do berço humilde á cadeira de S. Pedro.

Na escola, na parochia, no bispado, no sacro collegio e no throno pontificio.

O dia official e intimo de Pio X. Prophecias e anedotas.

(CONTINUAÇÃO)

Sarto, cardeal e patriarcha de Veneza

Leão XIII não perdia de vista o tacto administrativo e disciplinar com que o bispo de Mantua dirigia a sua diocese; de maneira que, vagando o patriarchado de Veneza, o pontifice escolheu para tão difficil e delicada missão Mons. Sarto; mas como prova de deferencia e estima pessoal para com elle, e testemunho de apreço pelas suas virtudes, nomeou-o Cardeal.

Na visita do estylo que Mons. Sarto fez a Leão XIII, como alludisse a sua mãe, o papa interrompeu-o dizendo-lhe: «Pois tendes ainda mãe?! E em seguida ordenou que fosse enviada a benção apostolica á veneranda octogenaria.

Com 81 annos se finava em 1894 a boa velhinha, Margherita Sanson, e foi este um dos golpes mais rudes soffridos pelo actual pontifice. Modestissima, jamais esquecida da humildade em que vivera muitos annos, e embora visse o filho ir subindo desde simples sacerdote até ás eminencias ecclesiasticas, antolhava-se-lhe sempre, acima de tudo, o seu Guiseppe, ainda menino, esperanza e alegria da familia. Exequias solemnes lhe foram feitas na majestosa igreja de S. Marcos, assistindo á cerimonia o alto clero e grande concurso de povo.

Em Veneza, a noticia da nomeação de Mons. Sarto causara uma alegria immensa, o que se explica: eram já bem sabidas do

povo as altas qualidades que exornavam a figura sympathica do bispo de Mantua, entre as quaes sobresahia uma encantadora affabilidade, temperada com muita firmeza em tudo quanto dizia respeito á disciplina ecclesiastica, como já dissemos. Por isso a recepção imponentissima que lhe fizeram os venezianos, equivaleu quasi a um triumpho. Concorriam tambem para esse fim certas razões, provenientes de intrigas que haviam trazido como resultante o ter permanecido a séde patriarchal tres annos sem prelado. O povo veneziano, no seu triumpho, protestou indirectamente contra essas intrigas. Imaginar-se-ha então a imponencia pittoresca do espectáculo: a estação do caminho de ferro, decorada rica e vistosamente, repleta de venezianos; depois, o novo patriarcha, na sua gondola, seguida de muitas outras e de toda a especie de barcos, barcas, pequenos vapores, atulhados de gente, em grande grita festiva; o cortejo seguindo pelo canal grande; as janellas trasbordantes de senhoras, com suas vestes de côres variegadas, acenando com lenços; os homens ás portas das fabricas e das outras casas, saudando o prelado que, de rosto risonho, mas nobre e grave, ia lançando a benção e agradecendo essas effusivas demonstrações, no esplendor da purpura, rodeado de officiaes de marinha em grande uniforme. Apenas, o palacio municipal destacava pela sua mudez, não se ven-

do ali o menor signal festivo. Em compensação, no palacio patriarchal, onde a mó de gente quasi impedia a entrada do cortejo, a recepção foi egualmente ruidosa e imponente. Ahi foram offerecidos a Mons. Sarto valiosissimos presentes, e, entre elles, um bello calix de ouro, uma gondola artisticamente

as victimas dos terremotos da Sicilia e da Calabria; a segunda foi para o hospital, aonde levou consolações espirituas e soccorros materiaes avultados. E depois foram outras visitas a hospicios e estabelecimentos de caridade. A sua ternura com as crianças, essa então fazia saltar lagrimas até dos corações os mais impedernidos. Visitas ás auctoridades civis, ás auctoridades militares, e a outros elementos officiaes: em todos conquistava immediatamente as sympathias dos mais desconfiados ou dos mais remissos. O seu proposito era com effeito viver com as suas ovelhas na paz e na mutua estima.

Escusado será accrescentar que o seu alvo principal consistiu em fortificar na área da sua jurisdição a instrucção religiosa, a disciplina ecclesiastica, alargando e creando fundações pias para orfãos, para os desprotegidos da sorte, sem esquecer os operarios, com os quaes continúa as tradições do papa, seu antecessor na cadeira de Christo. Quando pré-gava, o povo, que o escutava e em tudo o entendia, observava: *como predica bene questo cardinale!*

Sentia-se o cardeal Sarto em extremo feliz: alma de artista, Venezia dava-lhe pasto amplo ás suas faculdades estheticas; tinha a confiança e a estima de todos; nos raros momentos de des-

canso, entregava-se á musica; as suas ambições parece que se confinavam na historica cidade das lagunas, onde cada pedra representa um trecho da historia passada, cidade cheia de tradições espantosas.

Limitavam-se ali as suas ambições? Assim tudo o levava a crer: elle mesmo dizia



S. E. O CARDEAL PATRIARCHA G. SARTO

lavrada, trabalho notavel do artista Casal, com entalhes do celebre Besarel.

Não era o novo prelado de Venezia homem para pagar agravos com agravos: a sua primeira visita foi precisamente a que elle fez ao sindaco da camara municipal, com quem logo combinou a maneira de soccorrer



ENTRADA DO CARDEAL PATRIARCA SARTEO, EM VENEZA

frequentemente aos intimos: *sou um cardeal do campo; não espereis de mim grandes coisas.*

A insistencia no dito, provava a sinceridade de um animo insuspeito: nunca a sua palavra peccara por falsa!

De cardeal a Papa

No dia 20 de julho de 1905, Leão XIII finava-se com 93 annos e 4 mezes, em seguida a uma *pulomonite adinamica con susseguente pleurite emorragica* — assim rezava o boletim assignado pelo medico de Sua Santidade, o dr. Lapponi. Colhera-o a morte ainda no equilibrio das suas extraordinarias faculdades mentaes, não lhe abrindo as portas da immortalidade, porque de ha muito o nome de Leão XIII se inscrevera a par das figuras mais notaveis do Pontificado Romano. Muito se escreveu laudatoria e campanudamente sobre o successor de Pio IX; mas não ha duvida de que foi um papa essencialmente politico e diplomata, a quem Bismarck, o *homem de ferro*, que nop arlamento declarara *não ir jamais a Canossa*, entregou a arbitragem na questão das *ilhas Carolinas*. Concordatas estipuladas com Portugal, com o Montenegro e com a Colombia; creação de legações na Prussia; arbitragem entre a Allemanha

e a Hespanha na questão das Carolinas, entre Portugal e a Belgica para os limites do Congo; entre a Republica do Haiti e Republica de S. Domingos; retiráda das leis de maio na Allemanha; relações effectuadas entre o imperador Guilherme e a Santa Sé — eis as grandes linhas da politica, toda de paz e de bom conselho, sustentada por Leão XIII, com tal brilho e rara habilidade que todas as nações da Europa e da America — não esquecendo a propria Turquia — testemunharam em diversas occasiões, por meio de embaixadas solemnes ou de missões extraordinarias junto do Pontifice, a altissima consideração que lhes merecia esse grande vulto da Igreja.

Papa morto, Papa a eleger. Logo o cardeal Oreglia di Santo Stefano, decano do Collegio Sacro, tratou dos aprestos necessarios para o conclave que elegeria o futuro

Vigario de Christo. Arranjaram-se as cellas ou compartimentos destinados aos eleitores na basilica de S. Marcos, ficando estes, como se sabe, alojados no rez-do-chão e nos tres andares superiores. Cada cardeal teria, como é do estylo, a sua cella com tres ou quatro quartos, onde se poderia albergar com o conclavista e o domestico. As cellas eram completamente separadas umas das outras, restando aos cardeaes a liberdade de tomar a refeição nos seus aposentos ou em commum. Dos 62 eleitores que figuravam no conclave, 42 declararam tomar as suas refeições na sua cella: os outros comeriam em commum. Cada cella tinha o competente numero.

Começaram os cardeaes de dirigir-se a Roma; o cardeal patriarcha de Veneza, porém, não foi dos primeiros a chegar á cidade eterna: re-tiveram-no as ordens sacras que, por dever do cargo, administrou em 26 de julho, na egreja de Santa Maria della Salute. O adeus ás irmans foi uma scena commoventissima. As boas velhi-



GONDOLA DO CARDEAL PATRIARCHA SARTO

nhas, como se presentissem que o irmão não tornaria a Veneza, quizeram beijar-lhe o anel. Não o permittiu elle, e beijando-as no rosto, bem como á sobrinha Amalia, alegre e calmo ao mesmo tempo, dizia-lhes, com a sua habitual meiguice:

— Ir a Roma não é o mesmo que ir á America.

— *Fato presto il conclave e tornate anche presto* (1), disse por ultimo a sobrinha.

— Cedo ou tarde, observou o tio cardeal, não importa. Entretanto vai a Passagno tomar um pouco de ar fresco. Asseguro-te que virei a Passagno quando menos o esperares.

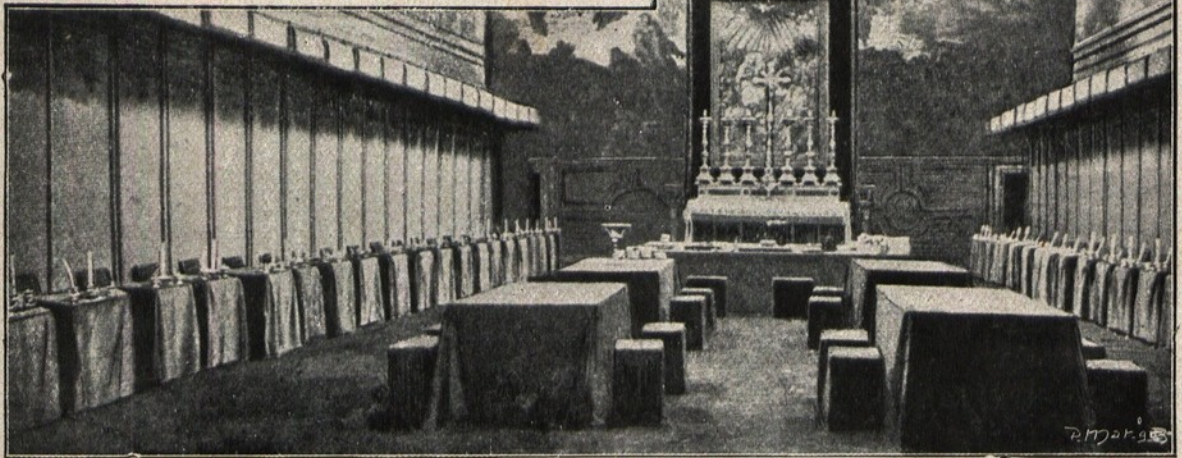
E o cardeal Sarto, mettendo-se na gondola, dirigiu-se á estação, seguido do cortejo fluvial que lhe dava a despedida no

(1) Apressa o conclave e volta breve.

meio dos repiques de sinos e das aclamações dos seus diocesanos, a quem agradecia, de momento a momento, as saudações.

Acompanhá-lo-ia já algum presentimento? Naturalmente, quando um cardeal se dirige ao conclave, por mais desprendido que seja das ambições ou das vaidades do mundo, verá erguer-se na sua frente este ponto de interrogação: *Serei eu o eleito? Verificar-se-ha em mim o famoso inter duo litigantes tertius gaudet?* Que o patriarca Sarto se não fartava de observar que era um *pobre cardeal do campo*, é certo: de mais a mais, n'esse tempo não falava elle francez. E a proposito, um incidente curioso e significativo. N'uma das primeiras reuniões preparatorias do conclave, accaso se achava ao lado do cardeal Sarto um cardeal francez que o não conhecia. Em certa altura, dirigiu-lhe a palavra n'estes termos:

— *Votre Eminence est sans doute archevêque en Italie? Dans quel diocese?*



A CAPELLA SISTINA PREPARADA PARA O CONCLAVE

— *Non parlo franceze;* respondeu o interrogado.

— *In quam diœcesi es archiepiscopus?* tornou o cardeal francez, falando então latim.

— *Sum patriarcha Venetiarum.*

— *Non loqueris gallice? Ergo non es papabilis, siquidem papa debe gallice loqui.*

— *Verum est, Eminentissime Domine;* apressou-se logo a dizer, o cardeal Sarto. *Non sum papabilis. Deo gratias!* (1)

(1) — V. Em.^a é sem duvida arcebispo em Italia. Em que diocese?

— Não falo francez.

Agitado ou não pela secreta esperança de cingir a tiara pontificia, se partiu o cardeal Sarto para Roma, com dinheiro... emprestado! A sua caridade, como já observámos, ampliava-se com os annos, de geito que quando resolveu ir ao conclave, não teria em casa com que comprar uma duzia de gallinhas. A obsequiosidade de um amigo nosso, diplomata bem visto na côrte pontificia, e a quem devemos informações muito interessantes para a biographia de Pio X, permittiu-nos saber uma particularidade sobre aquella ida a Roma, pormenor ouvido

da bocca da condessa C... a quem o cardeal Sarto tratava com especial estima. S. Em.^a dirigira-se, em Veneza, a um conhecido, pedindo-lhe 300 liras para poder seguir viagem. Surpreza do homem: com tal bagatela seria lá possivel a um cardeal fazer viagem e estar em Roma uns poucos de dias?

— Em que diocese és arcebispo?

— Sou patriarcha de Veneza.

— Não falas francez? Logo, não és elegivel a papa, se é verdade que o papa deve falar francez.

— E' verdade, Em.^{mo} senhor. Não sou «papabile», graças a Deus!

A' disposição de S. Em.^a estavam 3:000 liras, 10:000, o que quizesse...

— Não! 300 liras me bastam para estar em Roma com o meu secretario.

Perante uma tal insistencia, não havia remedio senão ceder.

E lá se foi o cardeal Sarto, com 300 liras apenas na algibeira, acompanhado simplesmente do seu secretario, começando logo por fazer uma economia na viagem. Com effeito o cardeal tomou bilhete de ida e volta.

Será esta mais uma razão para crer que effectivamente se não julgava *papabile*...?

Mas, antecipemo-nos um pouco e perscrutemos o destino do pedacinho de cartão que viria a ter honras de coisa historica. Voltasse o cardeal-patriarcha a Veneza, ficando Rampolla, ou Gotti, ou Oreglia eleito: o pedacinho de cartão seria recolhido automaticamente pelo modesto empregado á porta da estação e sepultado no olvido. Mas o cardeal Sarto ficara em Roma, eleito papa e internado no Vaticano. Logo o fragmento de cartão passou a constituir o pesadêlo de collectionadores e amadores de curiosidades. Da America, então, vieram propostas seductoras para a aquisição do bilhete que S. S. conservava em seu poder, como recordação de uma viagem de ida... sem volta: até parece que o Papa, se desse ouvidos a taes propostas, poderia ter avolumado sensivel-

mente o *dinheiro de S. Pedro*... S. S. contudo declinou todas as offertas, repugnando-lhe sem duvida a idéa de mercancia.

O *Figaro*, porém, deu-nos ha pouco uma curiosa noticia ácerca do destino do historico bilhete. Na visita que o rei da Grecia fez ao pontifice, teve artes de derivar a conversação para a viagem... sem volta do patriarcha de Veneza, mostrando desejos de possuir o tão apreciado cartãozinho. Logo

S. S. annuiu com a mais requintada amabilidade aos desejos do rei da Grecia.

Veja-se como um pouco de cartão assumiu as honras quasi de monumento historico, invejado e perduravel!

Passemos agora de alto sobre as ceremonias religiosas que precedem os escrutinios para a eleição do Pontifice. Bastará dizer que ellas começaram no 1.º de agosto, sob um calor canicular abafante. A primeira sessão que não déra resultado, indicou que o

cardeal Rampolla obtivera 24 votos, Gotti 17, Sarto 5, Vannutellí 4, Oreglia 2, Capelatro 2, Di Pietro 2. A *sfumata* durara cêrca de 6 minutos. Como se sabe, os boletins da votação são queimados, e o fumo indica que a eleição não deu resultado. Na praça de S. Pedro, sempre cheia n'essas occasiões de gente que morre de curiosidade por saber o nome do novo pontifice, os photographos, de objectiva apontada á *sfumata*, voltaram, como os mirões, de ore-



SUA SANTIDADE O PAPA PIO X

lha cahida, esperando o dia da seguinte votação.

Ora, logo no dia 2, o cardeal Puzyna, bispo de Cracovia, declarara haver recebido do imperador Francisco José, communições do desejo que S. M. I. tinha de que não fosse eleito papa o cardeal Rampolla. O primeiro a protestar contra esta intrusão de um poder estranho sobre o conclave foi o decano do Collegio Sacro (Oreglia): «Esta comunicação, disse, não pôde ser acolhida pelo Conclave senão a titulo *officioso*; e de tal se não tomará conta.»

Por seu turno o cardeal Rampolla (que no 2.º escrutinio do dia 1 de agosto alcançara ainda mais cinco votos, isto é, 29), asseverou, que nada lhe podia succeder de mais grato, quanto á sua humilde pessoa; mas que muito o molestava que um poder civil (*laico*), entrasse onde não tinha o direito de tolher a liberdade dos eleitores. Ao seu protesto uniu-se tambem o do cardeal Perraud, bispo de Autun.

Não obstante a communição austriaca, os dois escrutinios da sessão seguinte deram, um 29 votos, o outro 30 ao cardeal Rampolla; 21 e 24 ao cardeal Sarto. Ainda a *sfumata* carregada e escura disse a mais de 50:000 pessoas, reunidas na

praça de S. Pedro, que não se elegera o papa.

Tivessem paciencia: o caso seria resolvido em breve...

Que se passou naturalmente no animo de José Sarto? Sabendo-se quanta' somma de modestia exorna o caracter do pobre collegial de Riese, não admira crer na sua sinceridade, ao vê-lo andar em volta dos collegas, supplicando-lhes que o não elegessem: que elle não era digno do cargo; que era incapaz de cingir a tiara pontificia. Pois foram precisamente esses discursos, esses protestos com lagrimas na voz, que moveram ainda mais os eleitores a seu favor, solicitando-o na sua *cella* a que accettasse a eleição.

O voto de Francisco José não era um *voto*, puro e simples? Era apenas uma formalidade? Seria. Certo é porém que, receosos de complicações politicas, os eleitores do Conclave arripiaram caminho, por fórma que na proxima sessão, os escrutinios, deram: o quinto, 27 votos ao cardeal Sarto;

24 a Rampolla; o sexto, 35 a Sarto; 16 a Rampolla.

Francisco José poderia esfregar as mãos de contente...

A *sfumata* mais uma vez convidava o povo a dispersar.



S. S. PIO X NA «SEDIA GESTATORIA» (CADEIRA PORTATIL)

Eram já passados tres dias, e nenhum dos 62 cardeaes obtivera os dois terços da votação, numero indispensavel para ser pontifice. A anciedade no dia 4 de agosto chegara ao paroxysmo; a curiosidade em todos attingira o seu ponto culminante. A

ajoelhariam, n'esse caso, segundo as ordens recebidas. No emtanto, as tropas apresentam armas. A' *loggia* assoma o cardeal Machi, primeiro entre os cardeaes diaconos, e, em voz forte, sonora, pronuncia a formula classica: *Annuntio vobis gaudium magnum: Habemus Papam Eminen-tissimum et Reverendissimum Dominum Josephum Sarto, qui sibi nomen imposuit Pium X.*



ROSA, MARIA E ANNA SARTO, IRMÃS DE SUA SANTIDADE PIO X

Vozes atroadoras romperam da multidão: todos os sinos de Roma, em concerto festivo e ruído, saudaram o novo pontifice. A setima e ultima votação d'esse dia 4 dera este resultado: Cardeal SARTO, 50 votos; Cardeal RAMPOLLA, 10 votos; Cardeal GOTTI, 2 votos; total, 62 votos.

Consoante o estylo, os tres cardeaes *capi d'ordine* apresentaram-se ao eleito; o decano Oreglia pronunciou então a formula ritual: *Acceptasne electionem de te canonice factam in Summum Pontificem?* O eleito respondeu que se julgava indigno de tão grande honra, mas que, visto os votos se haverem unido concordantemente na sua pessoa, via no facto a vontade de Deus, perante a qual se prostrava, recebendo o calix que lhe era offerecido. Por fim, disse a palavra sacramental: **ACCEPTO.**

multidão soltou um grito de alivio e de satisfação quando foram vistos dois camareiros, nas suas vestes vermelhas, estendendo um amplo tapete na *loggia* grande, superior á entrada principal da Basilica Vaticana. Não havia duvida: o papa fôra eleito! Até correu voz de que o novo pontifice viria á janella lançar a benção papal: os regimentos, postados junto da igreja de S. Pedro,

Ainda n'este ponto intercalaremos um episodio que nos foi referido pelo diplomata a que acima alludimos. Antes do cardeal Machi haver assomado á *loggia* para annunciar o resultado da eleição, algumas pessoas notaram que se abriera uma das janellas da Basilica e um braço saccudira nervosamente uma jaqueta de homem. Este pormenor passou geralmente despercebido da mó de gente que pejava a praça de S. Pedro,

mas algumas pessoas comprehenderam a significação do enigma. O facto de saccudir roupa de homem queria dizer que fôra eleito um cardeal de appellido *Sarto*: em italiano esta palavra quer dizer *alfaiate*.

Não deixou de revelar certo engenho, o

domestico do Vaticano que se lembrou de saccudir uma peça de alfaiataria a uma das janellas da Basilica Vaticana!

Fizera então o destino a vontade contraria á do modesto *cardinale di campagna*, sentando-o na Cadeira de S. Pedro!

(Continúa.)

S. B.



Meu irmão!...

Rude guerreiro heroico de olhar brando,
Em campo aberto, á luz do sol, e aos brados
Embriagantes, roucos, inflammados, —
— Vai pela vida, meu irmão, luctando!

E, calmo e forte, vê unicamente
Sombras da tua Força em toda a parte,
— Vive parte da Vida a procurar-te,
— Vive a outra a cantar triumphalmente!

— Conhece-te, domina-te, sentindo,
Por seres o mais justo e o mais forte,
Tudo p'ra ti apenas existindo!

E sê grande na luota e na Victoria!...
— E olha a sorrir a tua preza — a Morte, —
— E olha a cantar a tua irmã — a Gloria! —



A vida na cidade e nos campos

A INFLUENCIA DA INSTRUÇÃO

(CONCLUSÃO)

V

A suggestão educadora do campo

Na serra, na planicie e no valle a vida do campo é um perenne encantamento, e quando as familias dos trabalhadores recolhem aos frescos casaes, limpos e tranquilos, onde as maçãs aromatizam as arcas de linhos frescos, o aldeão é bem mais feliz do que o attribulado habitante das grandes cidades, envenenado pelo ambiente degenerativo dos burgos decadentes.

Nada mais lindo do que as festas da aldeia; nada mais humanamente grande do que a doce serenidade e independencia das familias dos campos (1).

Felizes os povos, como o portuguez, que podem viver pela agricultura, e que podem por isso viver a vida grande, livre e espontanea da natureza.

Uma só cousa falta á vida dos nossos aldeões: é a illustração, a educação mais apropriada, para tirarem da terra a riqueza de que carecem para serem ricos e felizes. Não se illudam os que se interessam pelos destinos communs: o mundo moderno não

pode já ficar em equilibrio só porque ás classes trabalhadoras lhes é promettida a felicidade. . . no ceu. Isso é o idealismo em que viveu a época feudal. Hoje o povo trabalhador quer mais; deslocou o ideal do velho misticismo, e quer ter na terra a felicidade que aliás os velhos evangelizadores não dispensavam para si, ao passo que ordenavam resignação, pobreza e obediencia aos outros, que iriam para o ceu, se os servissem na terra.

Hoje, pela acção benefica da imprensa, da viação accelerada e do industrialismo, quem manda são as multidões: só desconhecem estes factos os ignorantes. Resta procurar o equilibrio das multidões por via da riqueza, e esta reside primordialmente na terra, acompanhada pelo esforço humano. Portugal tem a sua grandeza garantida na cultura da terra. O territorio da metropole, quando fôr agricultado como o da Belgica, será sufficiente para o duplo da actual população empobrecida.

Só o professor primario poderá realizar este ideal moderno: educar homens que façam a patria grande, poderosa e rica (1).

Para isto o professor primario não ha de

(1) GUILLON — *L'émigration des champs sur les villes.*

(1) LAVISSE — *Questions d'enseignement nacional.*

obrigar os seus discipulos a decorar paginas de livros sempre inexpressivos para as crianças na época da escolaridade. Mais alta é a missão do professor primario, cuja acção não tem de confiar demasiado na obrigatoriedade e gratuidade do ensino. As creanças e seus paes procurarão a escola quando vejam no professor o benemerito que deve ser.

O professor nada ensinará com fadiga: tudo na vida deve ser facil e espontaneo. A creança, ella propria, habilmente provocada pelo mestre, procurará o que mais lhe convem saber. O professor aproveitará todas as inclinações do alumno, como que brincando, para lhe ensinar elementos de astronomia na contemplação agradável do ceu; ele-

mentos de physica na queda das aguas, no ribombar do trovão, na medição e apreciação dos solidos, dos liquidos e dos gazes que o rodeiam; elementos de chimica na cremação das urzes do monte, como na fermentação dos lagares; elementos de geologia na observação dos mineraes, na experimentação da sua regidez, da sua utilidade e da sua applicação mais usual.

Aproveitará o professor a curiosidade

dos alumnos para lhes ensinar elementos de botanica na observação da flora local, colhida em herbanarios apropriados a passeios no campo; elementos de zoologia ensinar-lh'os-ha junto ao estabulo dos casaes, nos corregos onde bebem os rebanhos e os passarinhos. Tal deve ser o professor.

A vida complexa dos povos não lh'a mostrará em grandes quadros historicos, mas deixar-lh'a-ha adivinhar na biographia de almas boas que fizeram o bem sem ostentação. A economia social e domestica ensinar-lh'a-ha mostrando-lhes primeiro os campos, indicando-lhes a topographia local em passeios de convivio alegre, revelando-lhes a producção da terra bem-dita que a



TRAJO DOMINGUEIRO NO MINHO

todos nos alimenta, mostrando-lhes como em casa de seus paes se gasta o que tanto custa a ganhar, e como melhor convem gastar o producto honrado do trabalho.

Isto tudo deve ser ensinado, não tanto por discursos que fatigariam a creança, como por meio e a proposito de factos occorrentes. Nada se deve tentar ensinar ás creanças que não seja pela lição intuitiva das cousas e dos factos.

Tudo na vida é simples, e só a mania doutrinaria do homem tem encontrado dificuldades. Tudo na vida se prolonga e coordena; quatro vem depois de tres, e assim é em tudo, como na arithmetica: tudo se coordena na vida e tudo é simples; só o espirito do homem é complicador.

VI

A escola na aldeia

O professor primario conseguirá elevar o civismo por meio de festas apropriadas, que tanto encantam as creanças; ensinará hygiene pelo exemplo, e a escola terá banhos, gymnasios, tudo quanto possa desenvolver a raça pela hygiene, pela educação phisica (1). Os habitos de trabalho adquiri-los-hão as creanças manipulando, com plasticina, areia e madeiras, pequenas charruas, pequenas construcções que vão transformando o espirito imitador das creanças em alma creadora e fecunda pelo trabalho facil e methodico. Sobretudo é preciso ensinar ás creanças a saber trabalhar. Saber ler e escrever não é um fim; é um meio, para que ellas possam alargar o espirito pela leitura de bons livros; para que possam, quando lavradores, escripturar as contas da sua casa, conhecer onde existem centros de consumo para os productos agricolas; para que saibam redigir a correspondencia aos commerciantes e industriaes com que se houverem de relacionar; para que nos livros encontrem a exposição dos melhores processos agricolas.

E assim educados os filhos dos nossos trabalhadores dos campos, deixará a industria agricola de estar reduzida, como na Russia, a um trabalho de escravos, sempre mesquinho, porque só a liberdade e a dignidade humana podem occasionar a grande, a

prospera riqueza. Deve procurar-se o trabalho espontaneo e a liberdade civica.

Tal é o principio da pedagogia britannica. Stuart Mill sustentou que n'um povo onde os cidadãos sejam disciplinados até ao ponto de todos pensarem da mesma maneira, onde todos queiram e façam a mesma cousa, onde todos obedeçam a um poder central e absorvente, a degradação e a pobreza é um corollario inevitavel.

Os chinezes são pobres e estacionaram depois que todos se resignaram á obediencia cega e á uniformidade do uso do rabicho.

Só a liberdade dá grandeza aos povos; e Stuart Mill pensa que o maior elogio que

se pode fazer do povo britannico é chamar-lhe excentrico, porque em Inglaterra, com a condição de não fazer mal a outrem, cada um faz o que quer, e até se entende que a grandeza britannica provém de não se parecerem dois inglezes um com o outro: são originaes; são excentricos. Na Gran-Bretanha é da desharmonia aparente, da liberdade de cada um, que provém a grandeza e harmonia geral (1).

Na Russia, ou na China, é da harmonia forçada do poder central que provém a pobreza.

Na Gran-Bretanha não é só livre o cidadão, é tambem livre a parochia, o burgo e o condado que se governam por si, até o ponto de poderem, na maioria dos casos, negarem-se a pôr em pratica resoluções votadas pelo Parlamento.

E' tambem pela acção intelligente e liberal do professor primario que se poderá encontrar um Portugal novo. O professor provará como pelo desenvolvimento da industria agricola podem os trabalhadores dos campos ser felizes e ricos, se aproveitarem a instrucção como meio educativo, que lhes permita melhorar os processos de producção, applicar com methodo os adubos, utili-



LAVRADEIRA DO MINHO

(1) NICOLAY — *Les enfants mal élevés.*(1) STUART MILL — *La Liberté*, trad.

zar os pousios, comprar em tempo e logar opportuno as sementes, adquirir alfaias agricolas modernas, associar-se na parochia como centro de acção civica e economica, nas cooperativas de credito, de producção e de consumo, nas caixas economicas, nos syndicatos agricolas (1). Facil será ao professor provar, e persuadir os filhos dos trabalhadores dos campos, a geração de amanhã, por meio de caixas escolares em que a gerencia directa dos alumnos lhes incuta habitos de economia, de gerencia, de iniciativa, de trabalho, e de ordem — provar que não é necessario que a emigração para o Brazil continue á procura de pão, nas terras inclementes, porque na patria ha logar para todos poderem ganhar com abastança o pão de cada dia, se todos souberem e quizerem trabalhar, e impôr a obrigação geral do trabalho aos parasitas de toda a ordem. O Brazil não é necessario que os portuguezes o procurem fóra da sua terra, porque nas nossas colonias e nos nossos campos da metropole ha territorio para se desenvolver um povo rico, depois que n'elle se desenvolvam as naturaes qualidades de trabalho pela instrucção educativa.

VII

O professor primario e a riqueza nacional

Não queremos dizer que a riqueza publica em Portugal só ha de provir da população educada para a producção agricola interna. Não. Com base na industria agricola ha de criar-se um commercio opulento com as colonias que hão de ser o nosso principal centro de consumo, sem virem as colonias a ser victimas de uma exploração atrophadora da metropole. Pelo contrario: os productos coloniaes serão protegidos no consumo da metropole de modo a virem a ser n'esta materias primas de florescentes industrias, como o algodão, a borracha, as madeiras, etc. (2).

Mas ha de o professor primario preparar a população para o trabalho, pela formação do character, conduzido pelo methodo

e pelo conhecimento das cousas. O nosso agricultor ainda hoje se interessa muito em tirar da terra só o que ella mais expontaneamente produz. As aguas não são aproveitadas convenientemente, as estagnadas impalludam as regiões, e as torrencias arrazam os campos; a hydraulica agricola poderá indicar novas fontes de riqueza para motores e para vastas areas irrigadas. A *hulha branca* pode e deve dar tanta riqueza como a hulha que sae das entranhas da terra. como que em caudaes de ouro.

Os poços artesianos tambem hão de augmentar a producção agricola, e bem pouco está feito para arrancar da terra o que a terra pode dar beneficiada pela agua. Os trabalhos da regularização das correntes, pelos açudes, albufeiras e minas, não merecem o abandono a que tem sido votados pela ignorancia publica.

Quando a escola primaria encaminhar as aptidões agricolas do povo portuguez, a prosperidade do nosso clima, cuja temperatura não excede 35^o nem baixa a mais de 4^o negativos nas regiões extra-litoraes, n'um paiz onde não ha geadas nem neves, com uma grande zona propria para culturas delicadas, onde a salubridade, apesar do desleixo das construcções ruraes e dos pequenos pantanos descurados é notavel, fará da terra portugueza um dos mais ricos centros de producção agricola da Europa. Porque, graças aos dados da chimica agricola, não ha terras pobres; com agua, sol e adubos todos os terrenos são ricos. E' necessario dar á terra o que a terra dá á planta, e a agua e os adubos que não faltam se o productor agricola fór trabalhador e instruido, triplicarão dentro em pouco tempo a producção agricola nacional.

Desnecessario é andarmos para ahi a mendigar tratados de commercio com sacrificio da propria expansão nacional. Emquanto a Europa anda transviada n'uma producção industrial convencional, sejamos nós um paiz de intensa producção agricola; os nossos productos baratos penetrarão todos os mercados. Produzamos cereaes não já para não termos de os importar, mas para os exportar no valor de 5:000 contos de réis, o que não é difficil, se cultivarmos e irrigarmos todos os incultos. Exportemos mais 1:000 contos de réis de frutas, mais 500 contos de réis de flôres, mais 900 con-

(1) L. POINSARD — *La production, le travail et le probleme social dans tous les pays.*

(2) COLETTI — *Il costo da produzione dell'uomo.*

tos de réis de essencias, mais 800 contos de réis de azeite, mais 1:000 contos de réis de cortiça, mais 2:000 contos de réis de bons typos de vinhos generosos e communs, mais 1:500 contos de réis de lactinicios, mais 3:000 contos de réis de gados, e façamos pela arte mais lindas e alegres as nossas serranias, as nossas praias e as nossas estancias de aguas medicinaes, cortemos o paiz de linhas ferreas, devassemos as cumiadas com funiculares, plantemos jardins ao pé de grandes casinos, façamos grandes hoteis, e abramos esta terra bemdita aos estrangeiros, que não de vir aqui deixar o dinheiro que até agora teem levado a terras menos bellas (1). Mas para tudo isto, é necessario fazer a base do grandioso edificio — a instrucção educativa que está a cargo do professor primario.

O povo portuguez é tão audacioso como o hespanhol, tão intelligente como o francez, tão independente como o inglez, tão trabalhador como o allemão, tão sobrio como o suisso, tão artista como o italiano... se o arrancamos ao marasmo em que tem vivido ignorante e atrophiado.

Anthropologicamente tudo nos indica a superioridade da nossa raça dolichocephala apenas esmorecida por uma eclosão historica.

A pobreza agricola, a falta de educação physica, o regime centralista, teem obstado ao desenvolvimento da população, apesar da natural prolicidade da raça. A emigração tem-se feito sem systema e disciplina, porque á falta de uma seria organização colonial os desgraçados emigram estonteados pela fome, e algumas vezes pelo espirito

aventureiro de raça. Em Portugal em regra ha ainda hoje só duas profissões — a do homem que moureja na terra, sem orientação, e a do empregado publico, militar ou civil. Isto revela um estado social degradante, que só a instrucção pode evitar, criando um povo capaz de ser rico e forte para eliminar o parasitismo. As escolas medias e superiores, incapazes de educarem para o trabalho productivo, só teem servido para agravar o mal.

Se em todas as parochias o professor primario, encorporado n'um serviço communal de beneficencia, instrucção e assistencia, ensinasse a todos a amar o trabalho e o campo, se em todos os municipios se criassem escolas primarias superiores para receberem os mais intelligentes alumnos das escolas parochiaes, escolas para anormaes, hospitaes, museus agricolas, escolas agricolas, campos para ensaio, — a população triplicaria, as suas qualidades de trabalho tornariam o paiz rico e poderoso (1). O povo portuguez é mais que nenhum outro ten-



COSTUME DE VIANNA DO CASTELLO

dente a uma organização de cooperação social, revelada até na origem tão antiga das Mizericordias.

Muito mal causou á sua indole a centralização administrativa. Se em Inglaterra se houvesse atrophiado o *self-government* das parochias, dos burgos e dos condados, não seria hoje o povo inglez o primeiro do mundo.

Se não se houvesse destruido entre nós a independencia das parochias, porque só na parochia ou communa existe vivo o sentimento colectivo do interesse commum; se

(1) MESNAUD DE SAINT PAUL — *De l'immigration étrangère.*

(1) J. J. ROUSSEAU — *Emile.*

em vez dos artificios administrativos se houvesse reconhecido e mantido o organismo da parochia, com o regimen communal, com o forno vicinal, com os seus animaes procreadores do *logar*, como apesar de tudo ainda hoje persistem, mesmo contra a lei; se se houvesse cuidado da instrucção popular posta ao serviço do *self-government* communal, — não estaríamos tão pobres e tão abatidos.

O sentimento da familia é tão vivo no povo portuguez que elle só revela de quanto é capaz a alma nacional devidamente educada.

VIII

Os impulsos educativos do povo

O portuguez ainda hoje vive uma existencia alheada da realidade economica do mundo moderno. Só a necessidade immediata de viver o estimula. Só a fome o impelle na vida material. Para muitos o sentimento religioso, para todos o sentimento da familia e os interesses da parochia são os estimulos sociaes que o professor primario ha de procurar como base da sua acção educativa.

A população é em geral agrupada nos aldeamentos em um termo demarcado. Os vizinhos trocam serviços, o que diminue a necessidade de numerario. Os habitos de limpeza e hygiene são raros, por falta de illustração e disciplina instructiva. Mas a intelligencia natural do povo acceita com facilidade os costumes de exercicios physicos, e de banhos hygienicos. Os filhos do povo não teem *sport* habitual. Mas ha jogos populares. Aos domingos, nas eiras, as crianças em bandos, dansam, cantam, jogam a bilharda, a barra, o *botão*: vão ás *prezas*

dos corregos onde se banham e onde nadam. Em dias de festas religiosas fazem arraiaes, descantes e musicas, e nas vespervas das festas, de noite, o arraial é uma manifestação do espirito vivo e alegre do povo portuguez, principalmente no norte.

A caça, que aliás não existe organizada como industria, é um *sport* vulgar do povo nos dias santificados. Com «reclamos» que imitam o canto da codorniz e da perdiz, os homens do campo vão á caça, nos terrenos baldios e até nos terrenos particulares, murados, e exercitam-se no *sport* venatorio. A pesca que no litoral é uma primacial industria, embora não esteja protegida por fabricas de conserva como conviria e por um conveniente policiamento da costa, é tambem um *sport* nos rios, nos quaes ha trutas e enguias, que uma industria apropriada poderia desenvolver em tanques de

grande criação artificial. Tudo isto deve conhecer e estudar o professor primario para habituar as crianças a taes elementos de riqueza e educação.

A vida social nas parochias é simples e attrahente. Todos os vizinhos se conhecem e estimam. Aos domingos, no adro da igreja, nos largos da povoação, os vizinhos lêem velhos *in folios*, e jornaes, e falam dos seus interesses communs. Mas apesar de se juntarem em certos dias do anno para fazerem ou limparem os caminhos vicinaes, para abrirem as riagueiras de aguas

communs, falta-lhes uma organização parochial propria como teem as parochias inglezas, em que a *taxa dos pobres* dá recursos para a instituição de escolas, medicos, hospitaes, e bolsa de trabalho, que garantam o trabalho e a existencia a todos.

As nossas aldeias não teem illuminação, poucas teem pharmacia, e este abandono é



UM OVARINO

a causa do urbanismo que arrasta para as cidades muitos braços que poderiam ser uteis, applicados ao desenvolvimento da riqueza da terra.

A população dos campos, simples e trabalhadora, é no entanto mais feliz do que a das cidades. O homem para ser feliz precisa estar na posse da sua actividade moral, e para isso ha de ser forte, e não ha de ser abalado por um desequilibrio nervoso entre o que tem e o que deseja (1).

A mulher, muitas vezes chega a perder a noção das conveniencias sociaes, a prodigalizar-se em *coquetteries* que a revelam menos boa do que realmente ella é, só para conseguir atenções, adulações e lisonjas que lhe dêem o convencimento da sua *importancia*. E' que os espiritos fracos vivem mais da percussão alheia do que do intimo convencimento de dignidade e do valor proprio. Um cumprimento de uma pessoa notada dá a um espirito fraco mais alegria do que uma boa acção cumprida. E' necessario que o professor primario fórme o caracter dos seus alumnos, no sentido de os convencer que o homem forte e sobrio é o que vive principalmente dentro de si, respeitando os outros e cumprindo o seu dever. O portuguez tem sob este aspecto grandes defeitos.

Um homem fardado, com ostentações vistosas é para muitos um homem de valor, como se a farda dourada valesse mais do que a nobreza incomparavel de um espirito forte, sem invejas, contente pelo trabalho. Na escola ha de ensinar-se isto: que uma menina capaz de governar a sua casa, trabalhadora, illustrada, conhecedora do mundo para evitar o mal e para praticar o bem, e que um rapaz educado para viver pelo tra-

balho, valem muito mais do que os espiritos enfermiços que se contentam com bugiaras e falsas e privilegiadas grandesas.

Mas não deve esquecer-se que o *exemplo* é sempre indispensavel como factor educativo. A *imitação* domina os espiritos, ainda os mais educados e fortes. Por isso na escola não ha de ensinar-se apenas a *vida* tal qual como ella é, antes ha de dirigir-se o animo das crianças por meios praticos: pela compostura, serenidade e correção inalteravel do professor, por meio de caixas economicas de alumnos e por elles dirigidas para assim irem adquirindo o senso administrativo, o methodo de trabalho, que tanto falta ao povo portuguez, cujo atavismo historico o tem lançado num messianismo doentio.

Emfim, é necessario ensinar á criança, que antes de tudo tem de confiar n'ella propria (1).

IX

O meio onde tem de actuar a instrucção

Em familia o povo portuguez dos campos vive n'um doce communismo.

A mãe auxilia o pae nos trabalhos agricolas; o espirito christão domina a familia portugueza, mas nas provincias do sul a mulher dos campos tem o retrahimento das arabes, o que a torna como agente agricola inferior á mulher das provincias do norte embora tenha a sua casa mais limpa e ordenada.

As casas de habitação dos trabalhadores dos campos, no norte, excepção feita de reduzido numero de familias, que se *nobilita-*



UM CAÇADOR

(1) MADAME GUISOT — *L'education domestique*.

(1) E. DEMOLINS — *A' quoi tient la superiorité des anglo-saxons*.

ram por terem algum padre, doutor ou official militar na ascendencia, são construidas de rochas de região que o tempo denigre, cobertas de colmo, ou de telha vã, com janelas raro envidraçadas, com varandas salientes de pedra ou de madeira, agasalhadas á sombra de uma figueira ou de *latada*. Ali vivem tambem os gados em curraes cobertos, como os dos negros no kraal.

Se as nossas pitorescas montanhas fossem atravessadas por linhas ferreas, por estradas orladas de castanheiros; se fossem accessiveis por funiculares; se junto aos nossos rios que se despenham dos planaltos e que serpenteiam no fundo das gargantas e vales, se construissem frescas casas agricolas, *chalets* claros, esta nossa faxa occidental da Europa seria um encantador torrão agricola, capaz de enriquecer dez milhões de portuguezes e de aqui chamar os estrangeiros, que nos julgam barbaros, para contemplarem um dos mais lindos paizes da Terra.

Mas as provincias portuguezas são intransitaveis, sem estradas, sem matas frondosas, sem hoteis que dêem encanto aos que queriam gozar o bom clima de Portugal.

Não se transforma um paiz assim, sem primeiro educar os seus habitantes. A Helvetia só veiu a ser a procurada Suissa moderna depois que os rudes montanhezes dos Alpes se transformaram nos attenciosos e emprehendedores cidadãos livres dos modernos cantões helveticos. E isto foi a obra de Pestalozzi que iniciou as escolas populares.

O valor usual dos terrenos para construcções urbanas nas provincias do norte, é infimo.

Ninguem quer alienar os seus casaes, nem as suas pequenas geiras de terra. Mas tambem os compradores são raros, a não ser alguns repatriados do Brasil que voltam á sua aldeia doentes, com o desejo de ali terem uma casa apalaçada, quasi sempre fria e desmedida.

A usura dos bancos obriga no entanto á venda de propriedades rusticas e urbanas, e por trinta mil réis onde quer se tem um hectare de terreno para construcções, n'uma encosta abrigada.

Poucos são os novos aldeamentos—que foram tão faceis aos velhos conventos de frades. Hoje só no littoral se tem desenvolvido alguns centros de população. O urbanismo

diminue a população das aldeias e villas. Os melhores materiaes de construcção, no norte do paiz, são o granito, o castanheiro e o carvalho.

As fabricas de telha, primitivas, abundam; as fabricas de cal são raras, o que dá um aspecto triste ás populações do norte pela falta da caiamento.

Regiões ha onde a telha não resiste á acção das neves no inverno, e as casas então são cobertas de colmo, o que origina repetidos incendios de aldeias inteiras, com prejuizo do velho mobilario de castanho que vae desaparecendo nas suas fórmulas simples em *catres*, cadeiras e mesas de pitoresca industria local e caseira.

N'estas condições é difficil encontrar quem arrende casas para escolas, e as que se arrendam são insufficientes e improprias.

Em cada freguezia deveria o Estado mandar construir uma casa para escola.

Com um bom systema de administração publica os 3:200 empregados dos serviços das obras publicas poderiam ser mandados trabalhar na construcção dos edificios escolares, amplos, arejados, bem expostos ao sol, com jardins, gymnasios, terrenos para jogos e campos de trabalho ao ar livre. Em cada freguezia poderia construir o Estado, até para dar trabalho aos operarios famintos dos grandes centros de população, um edificio escolar que fosse a um tempo, modelo de bom gosto e de simplicidade architectonica, installação escolar e edificio parochial para os actos eleitoraes, para conferencias, para museu, para secretaria das sociedades de soccorro mutuo e de cooperação, para bibliotheca popular e para centro de conferencias.

Um mobilario apropriado serviria este edificio parochial modelo. O material froebeliano para ensinar crianças, carteiras adaptadas ás diversas idades, cartas muraes, quadros historicos, solidos geometricos, modelos picturaes, balanças, herbanarios, mostruarios agricolas e industriaes, tudo seria material proprio para instruir intuitivamente e para formar o caracter das crianças. A idade das grandes impressões e por isso a idade mais propria para a formação do caracter é a dos seis aos doze annos. Dar ás crianças exemplos de bom gosto, de hygiene, de methodo, — é ministrar-lhes a educação facil e agradável.

Mas a vida da escola, na maior parte das nossas aldeias, é impropria para o fim que se deve ter em vista na regeneração do povo portuguez. O professor, installado n'uma casa escolar lobrega, sem luz apropriada, sem campos proprios de recreio e observação, sem mobilario e material de ensino, apenas ensina as crianças a ler e a escrever, e estas decoram uma esteril, inutil e

incomprehendida nomenclatura geographica, erichada de difinições inexpressivas; decoram series de dynastias marcadas por nomes sem significação historica, fixam mnemonicamente preceitos de moral e de uma chamada educação civica, que só serve para criar entidades phantasticas como se faz nas escolas da China. E é necessario que em Portugal não haja *mujiks* como na Russia.

CARNEIRO DE MOURA.



No castello

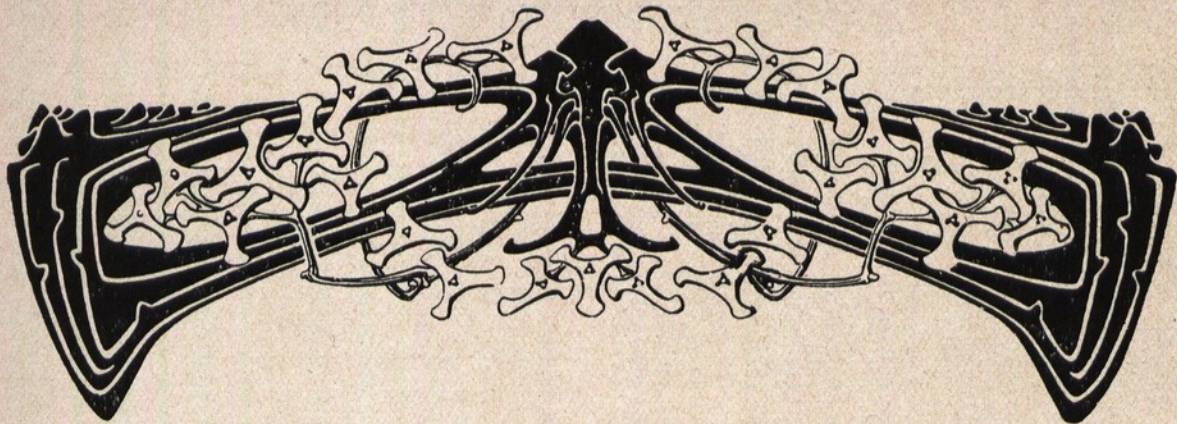
Sorria a noite limpida e estrellada
Sobre esse velho e historico terraço,
Onde as heras se prendem, n'um abraço,
A's muralhas de pedra arruinada!

A escuridão no campo, semeada,
De luzes, scintillando espaço a espaço,
Era como outro céo, mas negro e baço,
Larga treva de maguas habitada.

Senti cahir então, no pensamento,
Uma enorme tristeza silenciosa,
E meditei que todo o sentimento,

Vacilla, n'uma duvida forçosa,
Entre o suave azul do firmamento
E o negrume da terra dolorosa.

Maria de Carvalho.



A conquista do Polo Norte

As expedições polares — Vantagens que d'ahi adveem para a sciencia



O passo que a expedição ao polo Sul, dirigida pelo dr. Charcot e embarcada a bordo do *Pourquoi-Pas*, procura reconhecer as regiões do polo austral, acaba de ser feita a conquista do polo Norte pelos exploradores dr. Cook e commandante Peary

Aquelle sabio explorador, acompanhado dos seguintes homens de sciencia: Senouque, Liouville, Baudon, Gain, Bugrain, Rouet e Godfroy, para os estudos da physica, zoologia, botanica, geologia, meteorologia, astronomia, hydrographia e oceanographia, devem invernar nas terras de Alexandre I, que serão estudadas em trenós automoveis, os quaes fizeram, ha cêrca de um anno, as suas provas nos *Alpes*.

E' certo que o dr. Charcot não visa exclusivamente a descobrir o polo Sul, esse ponto mathematico, extremidade da linha em torno da qual gira a Terra, mas um fim mais scientifico deseja naturalmente obter. A oceanographia e a hydrographia são as sciencias que mais especialmente predominam nos seus trabalhos; todavia, elle diligencia colher elementos que mais interessem a fauna e a flora d'essas regiões, e bem assim a physica do globo.

A expedição ingleza antarctica, sob a direcção do tenente da marinha britannica Shkelton, a bordo do *Nemrod*, que devia regressar á Inglaterra, em agosto de 1909, contava tambem com o emprego de automoveis para alcançar o polo.

Ainda se noticiou a partida do dr. William Bruce, director do laboratorio oceanographico da Escocia, para explorar o oceano austral na parte relativa á oceanographia.

A expedição franceza, após a sua invernação nas terras de Alexandre I, tentará executar a ligação das operações inglezas com as operações francezas.

No polo Norte, por fórma variada se tem procedido; assim, desde o seculo xvii, exploradores antigos e modernos, por differentes rumos e por meios diversos, teem pretendido desvendar as regiões mysteriosas d'este polo.

As primeiras tentativas, feitas pelas caravelas hollandezas e inglezas, d'outr'ora, que não possuíam a rapidez, nem a resistencia necessaria para transpôr os gelos, foram quasi todas mallogradas.

Mais tarde, com o desenvolvimento da arte de construcção naval, os navios tornaram-se mais adequados ao fim para que eram empregados, ao mesmo tempo que o entusiasmo por este genero de pesquisa attingia o seu maximo, de maneira a origi-

nar um verdadeiro assalto ás regiões polares.

Além d'isso, os exploradores polares teem utilizado os trenós tirados por cães, como usam as tribus da Asia e da America septentrionaes.

Ainda o explorador Parry realizou um terceiro modo de locomoção que consiste no emprego combinado do trenó com a embarcação.

E com estes varios modos de locomoção, até que a aviação seja prática, teem os exploradores ensaiado alcançar o polo.

A penetração na bacia polar arctica tem sido feita por quatro caminhos distinctos: pelo estreito de Smith; pelos dois canaes, que formam a ilha de Spitzberg, no immenso braço de mar comprehendido entre a Groenlandia e as terras de Francisco José; e, finalmente, pelo estreito de Behring.

A primeira tentativa, levada a effeito pelo estreito de Behring, foi a de Cook em 1776, e a ultima a da infructuosa expedição, a bordo do *Jeanette*, o qual aprisionado n'uma massa de gelo, em 6 de setembro de 1879, ao sueste da ilha de Wrangel, foi sossobrar, no fim de dois annos, ao Norte do archipelago da Nova Siberia.

Decorridos tres annos, destroços authenticos d'este barco foram divisados sobre uma massa de gelo fluctuante, perto de Julianehaab, ao sudoeste da Groenlandia. E' claro que estes destroços tiveram de atravessar a bacia polar para ahi chegar.

Mas porque rumo?

Não tendo descido o estreito de Smith, por isso que a corrente polar cos-teia as terras de Baffin e de Labrador, e traz as massas de gelo para a costa americana e nunca para a da Groenlandia; os destroços deveriam ter então passado o oceano glacial da Siberia, o Norte das terras de Francisco José e da ilha de Spitzberg, e, provavelmente, na visinhança do polo, terem seguido nas aguas da Groenlandia oriental até serem arrastados para o Sul pela corrente polar d'essa região.

Vamos tentar enumerar as diversas expedições que, n'estes ultimos tempos, acabam de irromper, simultaneamente e por diferentes lados, no polo Norte. Assim:

— A do explorador Bernier, o qual, segundo noticias transmittidas por balieiros, declarava ter visto na bahia de Erebus (ilha Norte-Devon) dois barcos pertencentes á infortunada expedição de J. Franklin, cuja partida de Inglaterra data de 1845. Estas noticias já foram contestadas, em tempo, pelo explorador polar Amundsen;

— Também por não merecerem grande credito e com o fim de constatar as apprehensões trazidas pelo capitão balieiro Klinkenberg,

relativas ao encontro d'uma tribu que se lhe afigurou não pertencer a indios nem a esquimós, os americanos projectaram organizar, em 1908, mais uma expedição ás terras do Principe Alberto. Essa tribu, composta de umas centenas de indigenas, vive apenas da pesca, e maneja com perfeição o arco e a flecha, os quaes são em cobre, pois o ferro é ali totalmente desconhecido;

— Outra expedição, dirigida pelo explorador Bénard, embarcou, em meados de 1908, a bordo do *Jacques Cartier*, no intuito de: estudar a ilha de Nova Zembla; atravessar o estreito de Matotshin; proceder a trabalhos hydrographicos e hydrologicos; e, por ultimo, continuar os estudos do fallecido explorador Nordenskjöld que presentiu ser o mar de Kara d'uma grande riqueza biologica. Esta expedição, comquanto fosse scientifica, tinha principalmente por fim abrir novos campos de actividade aos pescadores da costa septentrional da França. Pelo exame dos trabalhos já realizados se depreheende que a mesma tratou de preencher, por assim dizer, os diversos pontos da carta polar que ainda estavam em branco. Posto que tal tarefa não revista o brilhantismo d'aquellas que determinam o descobrimento d'um polo, tem, entretanto, mais utilidade para a actividade mundial e



O TRENÓ TIRADO POR CÃES

maior interesse para o commercio das nações.

Esta travessia servirá, talvez, conjuntamente com a traçada por Nansen, para em 1910 o explorador Amundsen partir de novo a bordo do *Gjoesa* para o estudo das correntes arcticas. Amundsen, que é um explorador experimentado, fez as suas primeiras provas a bordo do *Belgica*, navio onde embarcou o duque de Orleans, em 1905, sob o commando de Gerlache;

— A expedição do dr. Nansen (junho de 1903), na qual este illustre professor e valente explorador se associou a Sverdrup e a Amundsen, foi aquella que mais valiosos conhecimentos trouxe do polo boreal, assim como foi tambem Nansen que primeiro concebeu o audacioso projecto de se deixar arrastar para o Norte pelo movimento das aguas que acarretam as massas de gelo através da bacia polar.

Como verdadeiras façanhas attribuidas a Nansen podem ser consideradas: a sua marcha com um unico companheiro nos desertos glaciaes; e a sua invernagem nas terras de Francisco José. A Noruega empregou todos os esforços para que a expedição, sob a direcção d'este seu filho e audaz explorador, adquirisse bom exito, subvencionando-a com uma importante quantia. Tal subsidio foi utilizado

na construcção d'um barco — o *Fram* — perfeitamente apropriado e capaz de resistir aos assaltos dos gelos, durante o aprisionamento em qualquer massa glacial.

O engenheiro norueguez, escolhido, foi Colin Archer, que soube fazer d'esse navio um refugio solido e confortavel durante a travessia no oceano polar. O *Fram* era uma especie de barco quebra-gelo, embora não offerecesse as qualidades do celebre *Yermach*, navio mandado construir pelo governo russo,

em Newcastle, sob os planos do almirante Makarow. Este illustre official, que prestou em 1899 importantes serviços no porto gelado de Cronstadt, a bordo do *Yermach*, fez, mais tarde, um novo cruzeiro no oceano arctico, nas paragens de Nova Zembía e terras de Francisco José, morrendo, sem ter dado publicidade aos trabalhos d'esse cruzeiro, na explosão do couraçado *Petropawlowsk*, em abril de 1904, durante a guerra russo-japoneza.

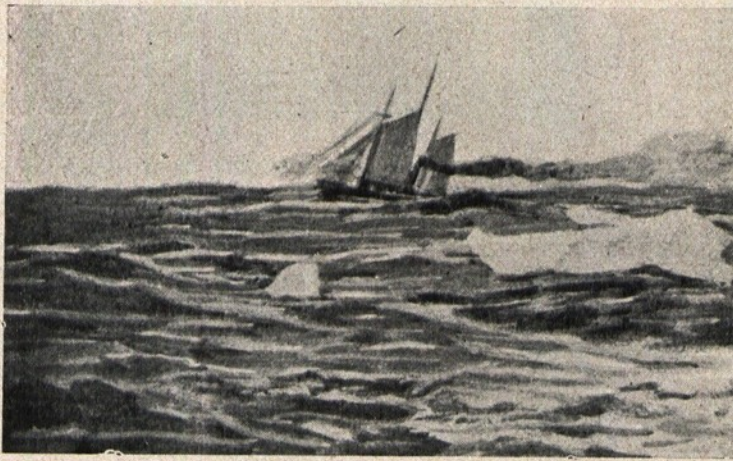
Não mereceu menos cuidado, ao chefe da expedição Nansen, a aquisição de instrumentos, e bem assim a selecção da equipagem que o havia de acompanhar. Uma outra vantagem, de que elle se soube aproveitar, foi a da procura de cães da Sibéria oriental, que são os melhores animaes, n'estas paragens, para a tracção.

Depois de aturado estudo e de não desmentida coragem, Nansen chegou a concluir que o oceano que envolve o polo Norte, e no meio do qual se encontra esse ponto mathematico tão requestado, é muito fundo e e não semeado de ilhas e continentes dis-

persos, como os geographos phantasiavam. E' a continuação das fossas abyssaes do Atlantico abertas entre a Groenlandia e Spitzberg. Varias razões conduziram Nansen a supôr que esses abysmos oceanicos se extendem bastante para o

Norte, pois que, na direcção do polo, o gelo parecia mover-se livremente; além d'isso, assim como as massas de gelo veem para o Sul, quando sopra o vento dos quadrantes do Norte, com a mesma rapidez vão para o Norte quando sopram ventos do Sul, o que corrobora o facto de não haver terra firme que as possa deter no seu movimento.

Outro resultado excellente, que elle ainda obteve, foi o da descoberta do itinerario, seguido pelas fluctuantes massas de gelo,



O «FRAM» NO MAR DE KARA

através da bacia arctica, desde o estreito de Behring até ao Atlantico. D'esta sorte, em vez da calota de gelo immovel que os cartographos imaginavam existir no polo, foram reconhecidas massas de gelo em perpetuo movimento, produzido na maioria dos casos pelos ventos dominantes.

As observações hydrographicas deram tambem ensejo a concludentes illações, porquanto se até então se admittia que a bacia polar era cheia de agua fria a uma temperatura de $-1^{\circ},5$, Nansen mostrou, ao contrario, que abaixo da camada superficial subsistem camadas d'agua relativamente quentes, isto é, com a temperatura de $+1^{\circ}$ e de grande salinidade, o que Nansen attribue á existencia da corrente atlantica do *Gulf-Stream*. Outras observações, como magneticas, astronomicas e meteorologicas, foram cabalmente executadas; comtudo, muitos outros problemas scientificos concernentes ás regiões polares aguardam ainda solução. E' obvio que a expedição de Nansen e as subsequentes permitem fazer já uma idéa, senão nitida, pelo menos exacta da parte do globo terrestre até então encoberta em mysterio;

— Outras expedições se realizaram, como a do dr. Speathman com destino ás regiões vulcanicas da Islandia; e a do capitão Michelsen, a qual devia ter partido em 1908, a encontrar-se com o commandante Peary;

— Porém, ao presente, as attenções todas estão dirigidas para os exploradores Peary e Cook que annunciaram separadamente ter ambos tornado effectiva a conquista do polo Norte.

O commandante Peary, nascido em 6 de maio de 1856, nos Estados-Unidos do Norte, fez parte, durante muitos annos, do corpo de engenharia naval norte-americana. Elle foi, pelos seus trabalhos, elevado á honra de presidir á *American geographical Society*. Depois de 1886, que embarcou a bordo do *Eagle* com destino ás regiões arcticas, elle descobriu a *Inlandsis* (calota glacial typica, na Groenlandia), mais tarde atravessada ao Norte pelo illustre explorador Nansen; es-

teve cêrca de treze mezes na Groenlandia, tendo por companheiro o dr. Cook (1891-1892); vinte e cinco mezes n'uma nova expedição a bordo do *Falcon* (1893-1895); cêrca de quatro annos a bordo do *Windward* na determinação insular da Groenlandia, e, por ultimo, no *Roosevelt*, seu actual navio.

N'esta ultima expedição, ida a bordo do *Roosevelt*, Peary largou de New-York em 6 de julho de 1908, fazendo as *étapes* seguintes: Sydney (Nova Escocia), em 17 de julho; cabo York, em 1 de agosto; e Etah (proximo do parallelo 79° e na Groenlandia occidental) em 8 de agosto, invernando em Sheridan (terras de Grant); transportou-se em trenó directamente para o Norte, batendo os *records* britannico, italiano e americano respectivamente em 21, 24 e 28 de março, attingindo a 2 de abril o parallelo 88° ; em 4, o de 89° ; e, por fim, o polo em 6 de abril de 1909.

Peary, que não avistou novas terras, confirmando assim a convicção de Nansen e de Sverdrup, frisa a existencia d'um oceano polar arctico, opposto á *Antarctide*, continente polar no hemispherio austral, e no qual Ross (1839-1841) verificou a presença de picos elevadissimos com altura de mais de 4:000 metros; sendo certo

que tal disposição garante o facto já universalmente estabelecido do antagonismo dado entre os continentes e os mares, e entre as depressões e as elevações nos dois hemispherios terrestres.

A rapidez, com que Peary realizou a viagem de regresso do polo ao cabo Sheridan, manifesta a existencia de correntes maritimas e não a immobilidade da massa congelada (*paléochrystica*) indicada pela expedição ingleza *Discovrey*.

Pela mesma época, o dr. Cook fez saber por telegramma remettido de Lerwich (ilhas de Shetland) no dia 1 de setembro d'este anno, que, em 21 de abril de 1908, isto é, um anno antes do commandante Peary, tinha alcançado o polo Norte.

O dr. Cook, partindo em julho de 1907 dos Estados-Unidos do Norte a bordo d'uma escuna pertencente a um dos seus compa-



O PILAR PARA OBSERVAÇÕES
ASTRONOMICAS

triotas Bradley, chegou a Etah (região onde vivem numerosos esquimós); depois de ali ter invernoado e quando as circumstancias lhe pareceram favoraveis, elle poz-se a caminho com dez esquimós, onze trenós, e cento e tres cães, o que teve logar em 19 de fevereiro de 1908. Atravessou o estreito de Smith, as terras de Grinell e, por ultimo, a ilha de Heiberg. Aqui, elle lançou-se, sobre uma massa de gelo fluctuante, para o polo, acompanhado apenas de dois esquimós e vinte e seis cães, percorrendo a distancia de oitocentos e cinquenta e dois kilometros em trinta e tres dias. Em 21 de abril, elle hasteou a bandeira americana n'um local que imaginou ser o polo. Em 23, largou do polo em direcção á ilha Norte-Devon, onde fez a sua segunda invernoagem.

Em 21 de maio, elle alcançou Upernavich, perto da Groenlandia; em seguida, Shetland, e em 4 de setembro, Copenhague, depois de ter enviado directamente para os Estados-Unidos, por um baleeiro, os documentos scientificos e os registos d'observação.

Deve ser esta a terceira viagem arctica do dr. Cook, sendo: a primeira feita com o commandante Peary (1891 e 1892); a segunda com Gerlache no *Belgica*, servindo de medico; e a terceira, como chefe de expedição.

Como se vê, é consideravel o numero de sabios e de navegadores que tem procurado attingir os polos, a despeito de toda a casta de soffrimentos e de toda a serie de perigos.

As primeiras explorações polares, que remontam ao seculo xvii, foram comprehendidas tendo por objectivo o incremento commer-

cial. As potencias maritimas do Norte, de ha muito que buscavam alcançar a India e a China, quer pela passagem nordeste contornando a Noruega e seguindo as costas da Siberia, quer pela passagem noroeste entre a Groenlandia e a costa septentrional da America.

Actualmente, como já dissémos, não é a especulação lucrativa a mira a que visam os exploradores; mas um fim mais altruista os attrahe que é o scientifico, por isso as ultimas expedições se tem encarregado de novos estudos geographicos; da obtenção de documentos geologicos, zoologicos e botanicos; e, por ultimo, da eluci-

dação de certos pontos ainda ignorados da physica do globo.

Sob o ponto de vista astronomico, a conquista do polo Norte não ensina, nem justifica as despezas de energia feitas pela humanidade, porquanto a sciencia astronomica só ganharia, se o polo, em vez de se encontrar na superficie oceanica, estivesse em terra firme, onde fosse possivel fazer observações com instrumentos fixos e de alta precisão. Nada d'isso é realizavel no polo boreal! Em compensação, os estudos meteorologicos, oceanographicos e, sobretudo, os da physica do globo devem recolher das explorações scientificas, nas regiões polares, dados preciosos para a resolução de innumeros problemas. A propria geographia obtem vantagens do conhecimento minucioso das regiões polares.

Foi assim que, depois dos ensinamentos colhidos nas regiões arctica e antarctica e da analyse dos relevos continentaes e oceanicos, o celebre physico inglez Lowthian Green deduziu que — se as depressões da superficie terrestre não obedecem a uma lei



O OBSERVATORIO DE SUKKERTOP



O CAÇADOR

relativamente simples, se a fôrma real da lithosphera não se approxima d'uma fôrma geometrica perfeitamente definida, e se o nosso globo foi, como o Sol, uma esphera incandescente — é natural que o resfriamento lhe tenha dado uma apparencia vagamente crystallina, de modo que a serie dos grandes accidentes geographicos podem assemelhar-se a uma especie de symetria crystallographica. E como a experiencia mostra que a fôrma tetraedrica é aquella para que tende a d'uma esphera que se contrahe, sob uma pressão uniforme, quando se lhe faz o vacuo, tudo leva a crêr que a fôrma da Terra seja identificada com a d'um tetraedro de faces curvas. Os tres grandes fusos continentaes (Americas, Europa com a Africa e Asia com a Australia), aguçando-se na parte que aponta para o polo Sul, correspondem ás tres arestas do tetraedro (pyramide de base triangular), enquanto que entre esses mesmos fusos se intercalam as depressões oceanicas (Atlantico, Indico e Pacifico) correlativas ás tres faces.

O polo Sul deve ser um ponto do continente polar (*Antarctide*) e representa o vertice da pyramide, ao passo que o oceano boreal significa a face opposta a esse vertice. A obliquidade dos fusos continentaes, cujas extremidades (Sul) se deslocam para Este, pôde ser explicada por um movimento de torsão, resultante de deseguaes velocidades de rotação, no momento em que a solidificação do nosso globo não estava terminada.

Como vimos, o estudo das regiões polares Norte e Sul vale bastante mais do que o descobrimento d'um polo, o qual, embora não seja uma questão de *sport*, pôde acceitar-se como objecto de galanteria, o de pôr o pé sobre o polo, voltando e atravessando todos os meridianos em alguns segundos.

A exploração das regiões polares é importantissima para o discernimento do nosso globo; pois, sem o conhecimento dos seus problemas, não só a geographia propriamente dita, como todas as outras sciencias, ficariam inacessiveis.

No decurso das explorações polares, dois periodos se salientam, que são: o da travessia do *Belgica*, 1897, 1898 e 1899, sob o commando de Gerlache de Gomery, pela quantidade e precisão de observações meteorologicas, hydrographicas e oceanographicas, as quaes observações, a par de revelarem quanto servem a coragem e o devotamento á sciencia, não obstante a falta de instrumentos, a penuria de soccorros e a assistencia

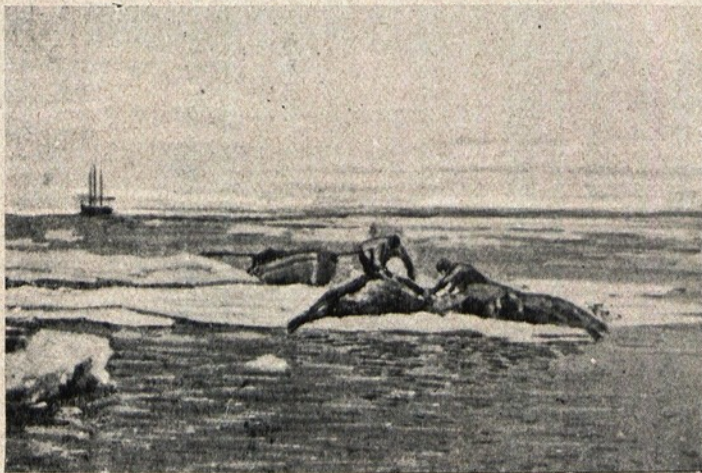
á omnipresença dos gelos durante largos mezes, determinam ainda a resolução de immensos problemas scientificos. Estas observações foram devidas a Arctowisk, no *Belgica*; e o da travessia de Nansen, na celebre e valiosa exploração a bordo do *Fram*.

Ao fechar o

balanço das diversas expedições do polo Norte, seja-nos permittido mencionar a desventurada, mas não menos gloriosa, expedição do navegador Ericcsen.

Esta expedição, que teve lugar posteriormente ao duque de Orleans ter procedido a trabalhos topographicos na extensão de 200 metros ao Norte do Cabo Bismark (paralelo 77°), era destinada a explorar em trenó toda a região nordeste da Groenlandia. A mesma expedição foi dividida em quatro missões, das quaes: a primeira, a de Ericcsen destinada a ligar estes novos estudos com os de Peary; a segunda, a explorar as terras de Peary (ilha situada no Norte da Groenlandia); e as duas outras, a effectuar varios trabalhos topographicos ao Sul da Groenlandia.

Ella, depois de ter experimentado toda a



ESQUARTEJAMENTO DE PHOCAS

casta de desgraças, veio terminar pela morte dos chefes, os quaes não puderam ser socorridos pela expedição do commandante Trolle, que tinha ido em auxilio dos tres exploradores Ericcsen, Hagen e Brölund.

A titulo de curiosidade vamos dar umas leves indicações sobre os instrumentos mais empregados para determinar o ponto (latitude e longitude) nas regiões polares, referindo-nos, de preferencia, ás do polo Norte.

Em theoria, as difficuldades com que ha a superar, na execução das observações astronomicas n'estas regiões, não parecem ultrapassar as que sobreveem em qualquer outro lugar. Os instrumentos utilizados são, em geral, os que servem na navegação de todas as marinhas, tendo em vista a excellencia da construcção quer na ligeireza, quer contra os erros possiveis que resultam das deseguaes variações (expansão ou contracção) dos diversos metaes, attenta a alterabilidade da temperatura. Na expedição do duque de Abruzzos, o sextante era construido de aluminio.

A selecção dos chronometros tambem requer especial cuidado, sendo quasi sempre inevitavel a congelação dos oleos com que são lubrificados; porém, como o seu principal uso está na determinação das longitudes, exigua importancia tem, visto que no polo se dá a convergencia de todos os meridianos. As alturas observadas são tambem meridianas, não carecendo, por consequencia, de chronometros a deducção da latitude.

O maior embaraço consiste na busca d'um horizonte capaz para a observação das alturas dos astros, pois se até o mercurio do horizonte artificial se solidifica, o que não admira, visto a temperatura ambiente ser de 40 graus centigrados, e mais, abaixo de zero; e assim a maioria dos liquidos n'elle usada. Os espelhos e as lentes n'esta atmosphaera tornam-se com facilidade baços.

Durante o dia dos seis mezes de verão, a luz solar impede de ver as estrellas e, até mesmo, os planetas, os quaes só em circumstancias especiaes são visiveis. De inverno, ha a observação da estrella polar que nenhuma importancia tem.

Por ultimo, o precioso instrumento, a agulha magnetica, a que Victor Hugo chamou a *alma do navio*, e que nos guia através dos mares e dos desertos não pôde ser aproveitada com segurança, porquanto o polo magnetico não coincidindo com o polo terrestre estando mesmo bastante afastado (ao noroeste da bahia de Hudson), faz com que, em qualquer lugar, entre aquelle polo e o terrestre, a agulha aponte Sul em vez de apontar Norte.

Para terminar, diremos que a esperanza de muitos exploradores polares está na aerostação e na radiotelegraphia.

Mas o aerostato moderno quer dirigivel, quer aereoplano, para se elevar acima das massas de gelo, com o fim de evitar a fadiga do explorador a pé e do aprisionamento do navio, tem de ficar bastante tempo no ar e consequentemente, necessita de bastant^e mais viveres do que a actual machina aerea pôde transportar. Afoitamente, pôde dizer-se que emquanto o *equilibrio altitudinal independente* da aerostação não estiver decidido, a conquista do polo por este processo é impossivel. Victima da sua temeridade pela aviação foi o explorador Andréé, que ha cêrca de dez annos, estimulado no seu amor proprio, partiu, apesar de tudo, para o polo; não tornando mais a apparecer.

A telegraphia sem fio, essa é questãoasente, e tanto que os ultimos exploradores puzeram já em communicação alguns locaes da região arctica com Nova-York, e portanto com o mundo inteiro.

Como vimos, todos os esforços d'esses audazes exploradores teem contribuido para a divulgacão de consideraveis verdades scientificas, pois que o conhecimento do nosso globo, que ainda ha pouco offerecia uma vasta região desconhecida — constituindo o grande problema da exploração polar — vae successiva e gradualmente avançando.

Tal progredimento, além de abrir novos e vastos horizontes para a sciencia em geral, resolve este enigmatico problema, o qual durante seculos ficou irresolovel, a despeito da boa vontade e intrepidez dos antigos exploradores.

Obras primas do theatro

I

Sácuntalá e Pi-pa-ki

Bharata — Cálidása — O drama «Sácuntalá» — William Jones — «O carro da criança» — «O orfão da casa de Tchao» — Estanislau Julien — Os dramaturgos chineses — «Pi-pa-ki»

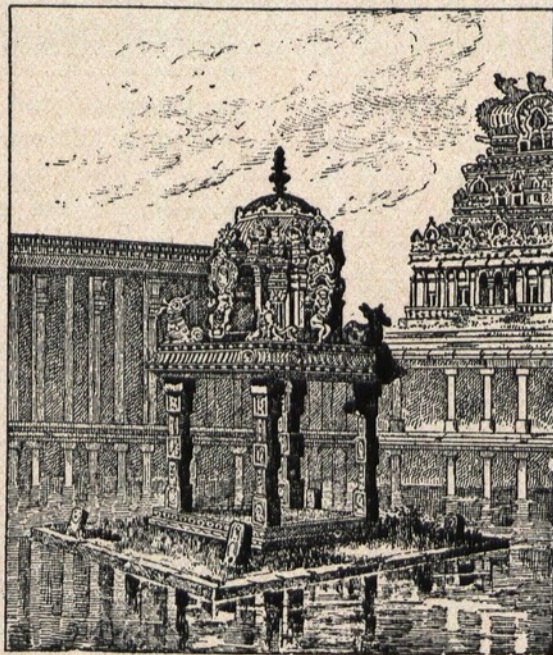
Bem aceita é por todos os criticos a convicção de que foi Bharata ou Bharatamuni quem primeiro expoz na India as regras da arte dramatica. Bharata ou Bharatamuni era, segundo a tradição, um sabio a quem Brahma, Civa e Durga revelaram essas regras, regras que elle exarou no quinto véda chamado *Gandharva-Véda* ou *Nátya-Véda*. Esta especie de tratado comprehende ao mesmo tempo a analyse das paixões dramaticas, a musica vocal e instrumental, etc.

No período classico do theatro indú ha a considerar dois dramaturgos do mais alto merito e valor. São elles Cálidása ou Kalidasa e Babbavuti. Cálidása viveu na côrte do rei Vicramá-ditya de Avanti ou Ujjaina, pretendem uns

biographos que no seculo I, outros no seculo VI da nossa era. A auréola de celebridade que o circumda deve-a principalmente ao seu drama *Sácuntalá* incontestavel obra prima da litteratura sanscrita. Cálidása passa por ter escripto ainda mais duas peças. Uma, um drama *Vicrama e Urvasi* «O heroe e a nimpha», não offerece duvidas acêrca da sua paternidade; outra, uma comedia, *Málavicagnimitra*, ha quem presume que pertença a auctor diferente com o mesmo nome.

Vejamos agora qual é a base historica do drama *Sácuntalá* ou *Çacuntalá*. Sacuntalá era filha do richi-chatria Viçvamitza e da apsara (nimpha) Ménacá, recolhida e educada pelo anachoreta Canva. Casou com o rei Duchmanta e foi mãe de Bharata, o lendario soberano que deu á India o nome de Bharata-varcha, ou paiz de Bharata. Cálidása desenvolveu esse assumpto da seguinte fórma:

Sácuntalá ama perdidamente o rei Duchmanta, seu esposo, que a repudia em seguida á maldição de um muni ou sabio a quem elle descontentou. Sácuntalá refugia-se na solidão onde cria seu filho Bharata. De regresso á



INDIA — TANQUE SAGRADO EM TRICHINOPOLY

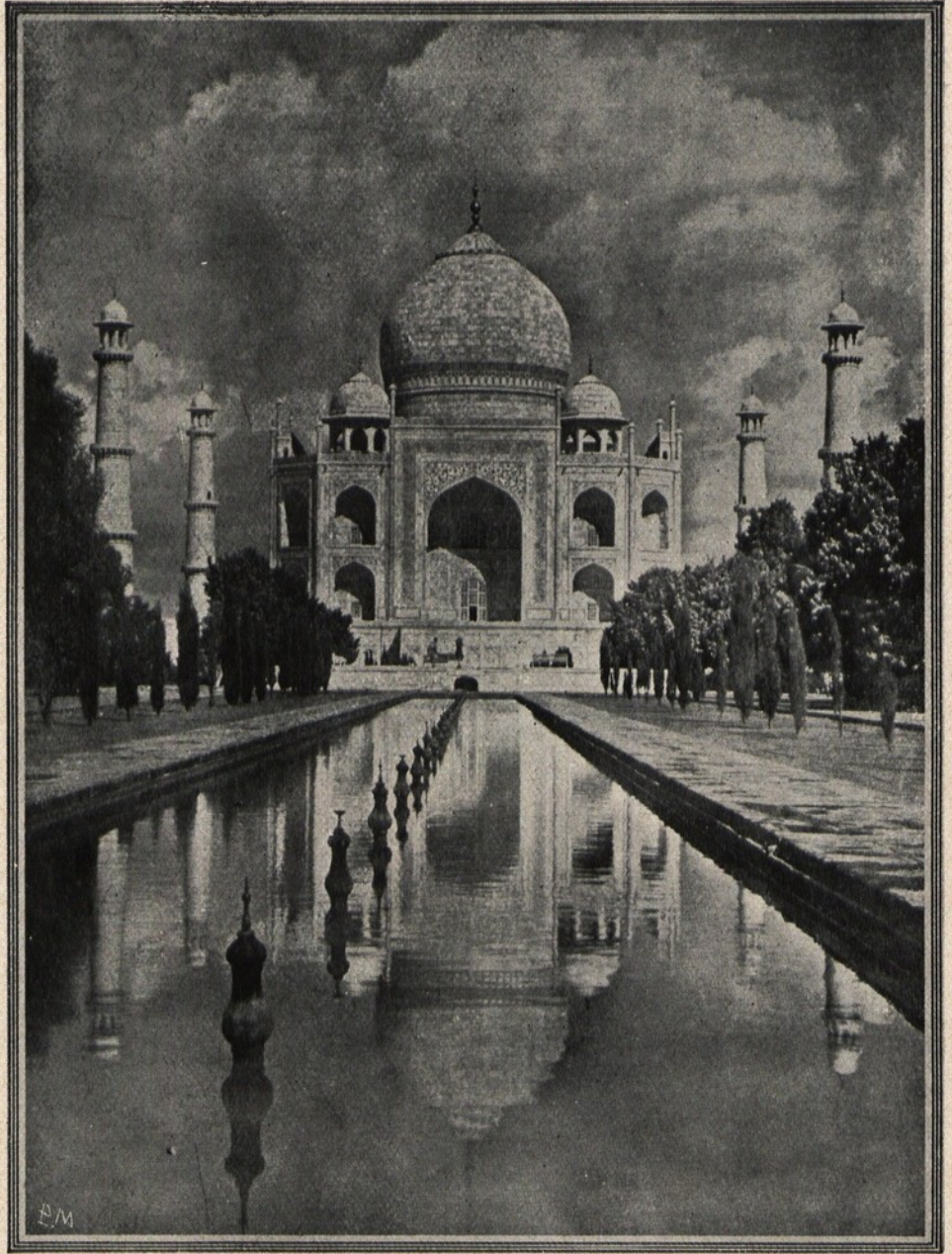
côrte, é repellida por Duchmanta que se recusa a reconhecê-la, mas graças ao anel do casamento, que ella lhe mostra, cede á evidencia e restitue-lhe a devida categoria. E' este o entrecho do drama *Sácontalá*, que Theophilo Gautier aproveitou para fazer d'elle um gracioso bailado com o titulo: o *Anel de Sácontalá*.

Babhavuti ou Bhavabhuti era brahmane de origem. Floresceu no começo do seculo VIII. Os annaes de Cachemira asseguram que esse poeta viveu em 720. Das suas obras dramaticas chegaram até nós, tres: *Mahdvára-Charitra*, *Uttara-Rama-Charitra* e *Málati e Madhava*. Os dois primeiros são dramas heroicos, baseiam-se nas aventuras de Ráma, a setima incarnação de Vichnú. O ultimo é um drama da vida domestica, com observação de costumes, tem por mola principal o amor e lembra nas suas linhas geraes o *Roméo e Julieta* de Shakspeare.

O *Veni-Samhara*, outra obra dramatica notavel da litteratura indú, foi escripta, segundo todas as probabilidades, no seculo VIII ou IX, por auctor de nome duvidoso. O seu entrecho attinge o maximo do horror, do

pathetico e da violencia. As peças que se lhe seguem assignalam a época de transição entre o periodo classico e de declinação.

N'este ultimo surge o *Hanuman-Nataka* «O grande Nataka» no seculo X ou XI. E' um drama extensissimo, com quatorze actos,



INDIA — UMA VISÃO DA ETERNA BELLEZA — O TAJ MAHAL VISTO DOS JARDINS

em que collaboraram muitos auctores. Depois no seculo XI ou XII vem o *Prabodha-Chandrodaya* «O conhecimento do nascer da lua» que desenvolve o thema da victoria da boa doutrina sobre o erro. Em seguida classifica-se o *Ratnavali* «O collar» comedia

de intriga e de amores palacianos. Apoz este apparece o drama budhista *Nágánanda*, em que ha erotismo a principio e acaba por preconisar o sacrificio de si mesmo. Fecha este periodo o drama de intriga politica *Mudrá-Rakshasa* «O sinete do ministro», de Visakhadatta.

Citam-se ainda as seguintes peças, que pertencem já ao periodo da decadencia: *Anagha-Rághava*; *Arichandra* «O martyr da verdade», *Chitra-Yajna*, *Vidda-Salabhanjika*.

A traducção do drama *Sácuntalá* é devida ao sabio orientalista William Jones. Este erudito conhecia a maior parte das linguas antigas e modernas da Europa e do Oriente. Nasceu em Londres em 1746 e publicou em francez, muito novo ainda, a *Vida de Nadir-Chah*, um *Tratado sobre a poesia oriental* e uma *Grammatica persa*, muito apreciada ainda hoje. Foi juiz do tribunal supremo de Calcuttá e fundou a Sociedade Asiatica, a que presidiu enquanto viveu. Os seus trabalhos foram o ponto de partida do desenvolvimento que o estudo das coisas do Oriente alcançaram mais tarde. As suas obras principaes são: *Sácuntalá*, traduzido do sanscrito em 1789; *Leis de Manú*, em 1794; *Digesto das leis indús*, publicado por Collebroke, em 1800; *Cartas sobre o Estado da India*, em 1803. As suas obras completas publicaram-se em Londres em 1799.

Para terminar este rapido esboço sobre a dramaturgia indú relataremos o enredo de *O carro de criança*, drama em cinco actos e sete quadros, attribuido ao rei Sudraka, que viveu no seculo II da nossa era.

O seu thema baseia-se no amor que um ministro cahido em desagrado, Tcharudatta, dedica á cortezan Vasentasena. A pecca-

dora é apunhalada pelo cunhado do rei, o qual, praticado este delicto, accusa do crime Tcharudatta. O antigo favorito é preso por homicida e soffreria a pena capital se Vasentasena, que não succumbira aos ferimentos recebidos, se não se apresentasse subitamente em frente do verdadeiro assassino para o accusar. D'este drama fizeram Mery e Gerard de Nerval uma traducção em verso, representada no theatro Odéon de Paris em 1850.



WILLIAM JONES

Muito deve a litteratura dramatica do Occidente ao missionario jesuita Prémare. Foi elle o primeiro a desvendar aos dramaturgos europeus a existencia da tragedia *Tchaochi-ku-eul* «O orfão da casa de Tchao». Voltaire leu essa bella obra e aproveitou-a com muita habilidade para d'ella extrahir a sua tragedia *O orfão da China*, representada em Paris a 20 de agosto de 1775. Modificou-a um tanto e dotou-a com uma intriga amorosa, que falta no original.

A acção da tragedia decorre quando os tartaros estabeleceram o seu dominio na China. Gengis-Khan quer assegurar a posse do seu throno mandando assassinar o ultimo rebento da dynastia que reinava antes da sua usurpação. Esse rebento é uma creança confiada a um mandarim, que, para a salvar, está prompto a entregar o seu proprio filho ao tyranno, em lugar do juvenil principe. Idamé, mulher do mandarim, quer salvar o fructo das

CHINA — ESTATUA DE MANDARIM
D'UM TUMULO IMPERIAL DA DYNASTIA DOS MING

suas entranhas e denuncia a Gengis-Khan a substituição com que o marido pretende ludibriar os designios do usurpador. O tartaro, n'outros tempos, amara Idamé, e a sua

antiga paixão reaccende-se ao vê-la. Quer tirá-la ao mandarim e desposá-la. Idamê, porém, é uma mulher virtuosa, esposa tão fiel como mãe cheia de carinho. Propõe ao marido o suicidar-se com ella. Gengis-Khan surprehende os dois n'este colloquio, que constitue uma scena immensamente pathetica. O usurpador encantado com a virtude da sua antiga amada concede a vida ao desventurado principe e transforma o mandarim em seu conselheiro.

O character de Zam-Ti é vigorosamente traçado. O do chefe tartaro seria igualmente bello, se Gengis-Khan apaixonado não representasse um contrasenso. A novidade do assumpto agradou. Não deixava de ter uma certa originalidade e ousadia pôr chinezes na tragedia quando até ahí só tinham apparecido gregos e romanos.

Apoz o jesuita Prémare vem Estanislau, ou melhor Noel Julien, um dos orientalistas que mais se dedicaram ao estudo da dramaturgia chinesa. Nascido em Orleans, em 1779, traduziu, entre ou-

tras obras, os dramas *Hoei-lan-ki* ou «Historia do circulo de giz», em 1832, e o mesmo *Tchao-chi-ku-eul* «O orphão da China» a que nos acabamos de referir, em 1834. Julien substituiu Gall em 1821, na cadeira de lingua e litteratura gregas no Collegio de França, em Paris.

Pelas traducções realizadas por sir Davis, Bazin e ainda outros sinólogos conhecemos mais desenvolvidamente cinco dramaturgos oriundos do Celeste Imperio. São elles: Chang-pchong-hien, Kao-tong-kia, Kuanhang-king, Pe-jin-fu e Wang-chi-tu.

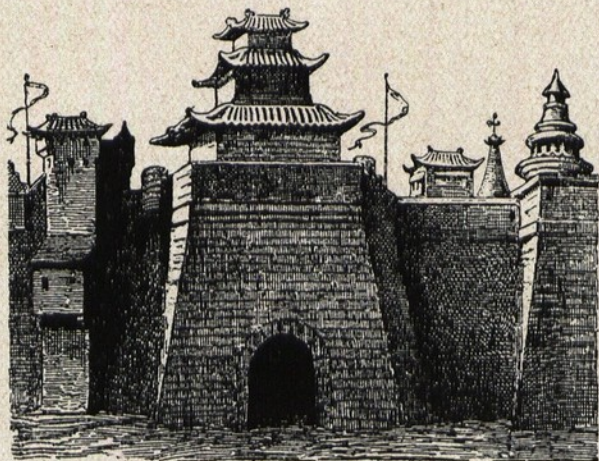
O primeiro Chang-tchong-hien viveu no seculo dos Yuens, de 1260 a 1368. Escreveu *Tan-pien-tho-so* ou «O combate de Yutchi-king-te», drama historico, e *Liêu-t'chuen* ou o «Rei dos dragões», drama mythologico. Estes dois trabalhos foram analysados e criticados por Bazin no *Journal Asiatique* de 1851.

O segundo, Kao-tong-hia, floresceu pelos fins do seculo XIV, durante a dynastia dos Yuen. Sabe-se apenas que o denominavam *Tsé-tching*, que viveu retirado e que morreu na pobreza. E auctor do drama *Pi-pa-ki* ou «A historia do alaúde» que passa por ser a obra prima do theatro chinez. Foi só em 1404, na dynastia dos Ming, que o seu drama, representado pela primeira vez em Pekim, recebeu um acolhimento entusiastico. O *Pi-pa-ki* foi traduzido, do texto original, por Bazin, em 1841. Adeante trataremos d'esse momentoso trabalho.

O terceiro, Kuan-han-king, nasceu em Kiai-Tchéu, na provincia de Chan-Si, na dynastia dos Yuen, cêrca do seculo XIII da

nossa era. A mais celebre das suas peças, que tem por titulo: *Téu-ngo-yuen*. «O resentimento de Téu-ngo» foi traduzida tambem por Bazin em 1838 no seu «Theatro Chinez». O mesmo erudito sinólogo analysou no «Seculo dos Yuen», em 1850, mais sete outras peças suas, que são: *O espeelho de jade*, *A cortezan sabia*, *A cortezan salva*, *Os sonhos de Pao-kong*, *O raptor*, *O casamento á força* e *a Casa de recreio*.

O quarto Pe-jin-fu viveu no seculo XIII. Compoz quinze peças. *A queda das folhas de U-thong*, o seu melhor drama, tem por assumpto a revolta do tartaro Ngan-Luchan contra o imperador Hiuan-Tsong. Finalmente Wang-chi-Fu conquistou a sua fama na dynastia dos Yuen, igualmente no seculo XIII. Consideram-no como o verdadeiro creador das obras de theatro chamadas *thsa-khi*, especie de dramas lyricos ou operas. Este celebre auctor, que os seus compatriotas collocaram no numero dos dez *thsa-tseu* ou escriptores de genio, compoz treze obras, entre as quaes o *Sisiang-ki* ou «Pavilhão do Occidente» obteve um exito extraordinario. Pode considerar-se como o verdadeiro inventor da opera chineza *thsa-khi*.



CHINA — MURALHAS E PORTA DE PEKIM

Vejamos agora o que é o tão apregoado drama *Pi-pa-ki* ou «A historia do alaúde». Foi composto, como atraz se disse, no fim do seculo xiv, por Kao-tong-kia e retocado mais tarde pelo seu commentador Mao-tsé.

primeiras classificações entre todos os doutores. Nomeiam-no magistrado e ascende em seguida a ministro de Estado. O imperador constringe-o então a desposar a formosa Nieu-Chi. Cheio de saudades pela sua juvenil

esposa, Tsai-Yong sente-se vergar ao peso dos remorsos. Maldiz a sciencia e as grandezas, que o obrigaram a separar de Tchao. Uma das mais bellas scenas da peça é aquella em que uma noite arranca, pensativo, alguns accordes do seu alaúde e canta, em presença de Nieu-Chi, canções que alludem sempre á sua primeira consorte. Durante este tempo, morrem os paes de Tsai-Yong, e Tchao, cahida na miseria, enca minha-se para a capital pedindo esmola. A desventurada bate á porta do palacio onde reside seu marido. E' ahi acolhida por Nieu-Chi. As duas mulheres reconhecem-se, simpatizam



CHINA — ESPECTACULO OFFERECIDO EM TIEN-TSIN, AO CORPO DIPLOMATICO, PARA CELEBRAR O ANNIVERSARIO NATALICIO DA IMPERATRIZ VIUVA ALGUNS DIAS ANTES DA SUA MORTE

Eis o seu entrecho:

Tsai-Yong é bacharel. Acaba de se casar com Tchao, quando o pae se resolve a mandá-lo aos concursos que se vão realizar na capital. Tsai-Yong parte. Obtem uma das

uma com a outra e Tsai-Yong parte com as suas duas esposas para celebrar as ceremonias funebres em honra de seu pae e de sua mãe.

Este drama foi igualmente traduzido por

Bazin, em 1841. Antonio Pedro Luiz Bazin, sinólogo francez, nasceu em Saint-Brice, Sena e Oise, em 1879 e morreu em 1863.



VESTUARIO
DA TRAGEDIA GREGA
— M. MÁSCARA

Discipulo de Abel Rémusat e de Estanislaw Julien, lecionou chinez na Bibliotheca Real e depois na Escola das Linguas Orientaes; foi secretario adjunto da *Sociedade Asiatica*. Entre as suas obras convem citar a sua *Grammatica mandarina*, publicada em 1856 e a sua *Escolha de peças de theatro, compostas no tempo dos imperadores mongoes*, estudo publicado em 1836.

Eis o que de mais importante nos apresenta a litteratura dramatica chinesa.

II

Eschylo

Thespis — *Choerilos* — *Pratinas* — *Alcman* — *A tragedia* — *Os choregos* — *Monumentos choregicos* — *Eschylo* — *As «Supplicantes»* — *Os «Persas»* — *Os «Sete chefes em frente de Thebas»* — *«Prometheu encadeado»* — *«Agamemnon»* — *As «Choephoras»* — *As «Eumenides»* — *As tydamas* — *Bion* — *Agathon* — *Aristarco de Tegéa* — *Os tres Carcinos* — *Phrynicho*.

As dansas e os hymnos deram o primeiro passo para a constituição do theatro grego; mais tarde Arion moldou o dithyrambo n'uma forma definitiva. Foi elle o inventor da *tragedia lyrica*, transição entre o dithyrambo e o drama regular. Os *rhapsodos* forneceram um contingente valioso recitando poesias épicas, e Thespis, com ou sem razão, engrinalda-se com os louros de inventor da tragedia.

D'este primeiro período, antes de Eschylo, e que abrange os annos decorridos de 535 a 499 antes da nossa era, citam-se varios poetas tragicos. A' frente d'elles apparece Thespis, nascido no burgo attico da Icaria,

perto de Marathona, no seculo VI antes de Christo. As tradições athenienses conferem-lhe a honra de ser elle o creador da tragedia. Na verdade, commentam os criticos, só foi o mais ousado e o mais celebre das primeiras gerações de poetas dramaticos. Parece ter gosado da protecção de Solon e de Pisistrato. Introduziu nos espectaculos dionysicos dos dêmos narrativas de aventuras de heroes. Não existe d'elle um unico verso authenticico. Os antigos attribuiam-lhe varios dramas, dos quaes só ha quatro fragmentos. Esses dramas tinham por titulos: *os Jogos funebres de Pelias*, *a Gente nova*, *Pentheu*, *Phorbas*, *os Sacerdotes*. Assegura-se que foram todos fabricados por falsificadores engenhosos.

Considera-se émulo do antecedente, Choerilos de Athenas, nascido no seculo V antes de Christo. Tomou parte em numerosos concursos de tragedias, disputou premios a Phrynicho, a Pratinas, a Eschylo, e foi coroado treze vezes. Affirma-se que compôz cento e cincoenta tragedias e dramas satiricos, genero em que era primoroso. Não chegou até nós nenhum fragmento. O mesmo succede com Pratinas, oriundo de Phlonte e contemporaneo dos seus tres rivaes. Compôz cincoenta peças, sendo d'estas dezoito tragedias e trinta e dois dramas satiricos. Sabemos os titulos de duas das suas peças: *as Caryatides* e *os Luctadores*, e temos d'elle alguns fragmentos sobre tudo lyricos. Seu filho Aristias foi tambem celebre pelos seus dramas satiricos.

Antes de proseguir não é justo deixar no esquecimento o poeta Alcman, nascido em Sardes, na Lydia, no seculo VII antes de Christo. A sua nomeada provém de ser elle o verdadeiro fundador da poesia coral, o primeiro dos grandes lyricos gregos. Compôz um poema sobre os *Dioscuros*, *Parthenias* ou *Elogios das raparigas* e diversas poesias eroticas.

Tratemos agora do chamado período classico da tragedia classica, que teve o seu inicio na transição do seculo VI para o V antes de Christo. Fulguram n'esse primeiro



A TRAGEDIA
(Estatua
de Duret)

periodo Astydamas, Bion e o inolvidavel Eschylo.

A tragedia grega, repitâmo-lo succintamente, nasceu entre os gregos em seguida á epopéa e ao lyrismo. Constituiu-se definitivamente no tempo das guerras medicas; produziu todas as suas obras primas no decorrer do seculo v antes de Christo e estava em plena decadencia desde o principio do seculo iv.

A tragedia brotou do culto de Dionysio, que introduzira no lyrismo religioso elementos novos: a exaltação dos sentimentos, alternativas de queixumes e cantos de regosijo. Este culto desenvolveu tambem o elemento mimico. Nas festas dionysicas, os côros eram constituídos por satiros, companheiros do deus e executavam o dithyrambo. Davam a *deixa* a um cantor, o *coripheu*, que improvisava ou declamava narrativas respeitantes ás aventuras de Dionysio ou a qualquer heroe local incluído nas mesmas aventuras. Estes *cantos tragicos* estiveram principalmente em moda no Peloponeso; uma tradição attribuía até a invenção do drama tragico a Epigêno de Sicyone. O atheniense Thespiis, a quem atraz nos referimos experimentou sem duvida a influencia dos poetas doricos. Cêrca do meio do seculo vi antes da nossa era, creou ou attribuem-lhe que creou, definitivamente a tragedia substituindo o *coripheu* do dithyrambo por um verdadeiro actor, que desempenhava em frente do côro um papel distincto, ás vezes até muitos papeis. Assim se desenvolveram a narrativa, o dialogo e a acção; o côro deixou de se compôr de sátiros e passou a ter personagens que tomavam parte no drama. Pisistrato favoreceu estas inovações e instituiu em Athenas concursos dramaticos em que Thespiis obteve a victoria cêrca do anno 535.

D'ahi em diante a tragedia figurou regularmente, em Athenas, no programma das festas dionysicas, especialmente nas grandes dionysicas, celebradas na primavera. O *archonte éponymo* estava encarregado da organização e da vigilancia dos concursos em que, juizes nomeados pelo povo, concediam os premios. Entre os concorrentes, escolhiam-se tres poetas. Cada um devia apresentar quatro trabalhos. O Estado comprava-lhe esses quatro trabalhos e dava-lhes em seguida um côro e actores. As despesas

da representação eram quasi sempre pagas pelo *chorego*.

Dava-se o nome de *chorego* aos cidadãos ricos que exerciam a *choregia*. A *choregia* era uma *liturgia*, isto é, um cargo honorífico imposto por escala aos cidadãos ricos. Na Attica eram dispensados de o exercer quem possuísse menos de tres talentos. Só mil e duzentos cidadãos eram compellidos a esta liturgia. A choregia existiu em muitos estados gregos, mas tinha sobretudo grande importancia em Athenas. Os *choregos* eram nomeados por occasião das festas dionysicas, das thargelias, das panathenéas. Em principio, cada uma das dez tribus devia fornecer um côro com o seu *chorego*. Mas, de facto, muitas tribus abstinham-se. O *chorego* era designado pela sua tribo, e acceto pelo *archonte*, *archonte éponymo*, ou *archonte-rei*, conforme o caso. Devia recrutar os seus coreutas ou coristas, equipá-los, mandá-los instruir por um *chorodidascal* pagar todas as despezas, era responsavel por tudo. No dia do concurso, conduzia solemnemente o seu côro ao theatro e tinha direito a um logar de honra; enquanto desempenhava as suas funções, fruía um character sagrado. Logo que os juizes do concurso classificavam os coros por ordem de merito, o primeiro da lista era proclamado vencedor. O *chorego* coroado recebia o premio em nome da sua tribo e consagrava-o ao deus com uma inscripção commemorativa. Não sahia nada barato a gloria do *chorego*. Lysias conta que um côro tragico custára tres mil drachmas, e um côro comico mil e seiscentas; relata mais que um cidadão dispendera treze mil drachmas em nove annos, entre 411 e 403 em diversas *choregias*. Por causa d'este encargo em 406, os cidadãos foram auctorizados a associarem-se dois a dois para acudir a estas despezas. Mais tarde, o Estado avocou a si, com frequencia, o dispendio das *choregias*.

Os monumentos choregicos ou choragicos eram edificados pelos *choregos* em memoria dos seus triumphos nos concursos dramaticos e musicaes e destinavam-se a conservar o premio obtido. Esse premio era ordinariamente um trípede de bronze. Exigia o uso que fosse consagrado ao deus que presidia ao concurso. Os monumentos choregicos eram numerosos em Athenas, nos recintos de Dionysio Apollo, sobretudo ao longo da *rua dos*

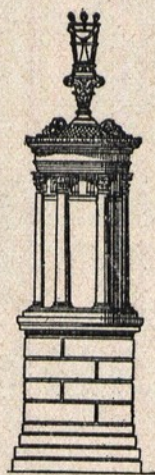
Tripodes que ladeava a Acrópole a nordeste e terminava no theatro. Todos destinados a sustentar ou a encerrar trípedes, apresentavam as formas mais variadas; pedestal com degraus; columna com capitel triangular; ediculo com pilastras e entablamento; rotunda em nicho. Visitam-se ainda, em Athenas, dois d'estes monumentos: o *monumento de Lysicrato*, consagrado em 335 antes de Christo, pequena construcção circular ornada com um portico, de seis columnas corinthias e de um lindo friso; o *monumento de Thrasyllus*, consagrado em 320, especie de gruta excavada na rocha na ladeira meridional da Acrópole, com uma fachada enfeitada com tres pilastras doricas, com um architrave e com um friso onde estão esculpidas corôas de louro.

Voltemos, porém, á tragedia.

O poeta nos primeiros tempos era tambem actor; mais tarde contentou-se em dirigir a instrucção do côro. O assumpto das tragedias era quasi sempre tirado de qualquer lenda, com frequencia de uma epopéa. As partes lyricas da peça eram o *parodos*, que o côro cantava á entrada; os *stasima*, que executava no auge da acção, no intervallo dos actos; o *exodos*, que entoava á sahida; diversas *monodias* e pequenos dialogos lyricos, executados no meio de uma scena commovente seja pelo côro, seja por uma personagem. O dialogo propriamente dito comprehendia o *prologos* ou exposição, antes da entrada do côro, e os *episodios* que se desenrolavam entre os cantos do côro e correspondiam aos nossos actos. A unidade do tempo era menos rigorosamente observada que as unidades de acção e de logar.

Entre os mais eminentes tragicos da Grecia avulta em primeiro logar Eschylo. Nasceu em Eleusis cêrca de 525. Era filho de Euphorion, e pertencia a uma antiga familia nobre da Attica. Era irmão de Cynegiro, heroe de Marathona. O proprio Eschylo tambem se encontrou n'essa celebre e encarnçada batalha, em Salamina e em Platêa. Dedicou-se muito cedo á poesia e a principio tomou parte como actor nas suas peças. Conquistou a sua primeira victoria, no concurso de tragedia, em 485. Viveu, ora em Athenas, ora na Sicilia, junto de

Hieron, rei de Syracusa. Morreu provavelmente de morte natural em 456, apesar das fabulas ridiculas espalhadas a este respeito. O povo atheniense venerou piedosamente a sua memoria. Derogando o uso, foi ordenado que voltassem de novo ao proscenio as peças já representadas do velho poeta; e varias das suas tragedias foram apresentadas aos concursos por seu filho Euphorion, e obtiveram premio. No seculo immediato foi collocada no theatro de Athenas, uma estatua de Eschylo, de bronze, e durante muito tempo houve uma constante romaria ao seu tumulo em Gela.



MONUMENTO CHOREGICO DE LYSICRATO.

A obra de Eschylo é consideravel. Em primeiro logar acabou de constituir a tragedia, introduzindo-lhe um segundo actor, depois um terceiro em face do côro, o aperfeiçoamento das mascaras, dos trajes e das decorações, o desenvolvimento da acção dramatica no intervallo dos cantos. Poz em scena altas concepções religiosas e collocou em frente uma da outra a liberdade humana e a fatalidade. Compoz approximadamente oitenta peças, tragedias ou dramas satiricos, a maior parte agrupadas em tetralogias, isto é quatro a quatro, conforme o costume da época. Bastam os titulos para demonstrar a variedade dos assumptos. Eschylo explorou quasi todo o dominio dos velhos mythos, sobre tudo a theogonia, o cyclo troiano, a historia dos

argonautas, as lendas thebanas e argianas. Só conhecemos fragmentos da maioria d'estas peças. Só sete chegaram até hoje completas: As *Supplicantes*, uma das tragedias mais antigas, especie de quadro lyrico que pinta a protecção concedida por Argos ás filhas de Danaos; Os *Persas*, que data de 472, magnifico cantico de triumpho em honra da victoria de Salamina; Os *Sete contra Thebas*, escripto em 467, em que o poeta traça a rivalidade dos dois filhos de Oedipo. Eteocle e Polynice; *Prometheu encadeado*, grandiosa evocação de um velho mytho que resumia os primeiros esforços da civilisação; finalmente as tres peças que formavam a trilogia da *Orestia*, representada em 458, em que o poeta põe successivamente em scena o crime de Clytemnestra e de Egistho (*Agammemnon*), o castigo dos assassinos

(*Choephoras*) e a expiação de Orestes (*Electras*).

Hoje melhor compreendido, considera-se Eschylo como um dos maiores poetas que teem existido. Foi verdadeiramente creador e na mais larga accepção da palavra: pela sua invenção original, pela sua imaginação poderosa animada pela natureza, pela lenda e pelo homem, pela profundidade do sentimento religioso e das vistas philosophicas, pela sua versificação e pelo seu estylo, pelas largas perspectivas que rasga em todos os sentidos. E, na mais ampla significação do termo, creou o theatro, addicionando o drama ao quadro lyrico.

Vejamus qual é o entrecho d'estas tragedias:

As *Supplices* a mais antiga das tragedias que nos restam de Eschylo, foram representadas em Athenas em 475. As *Supplices* teem por entrecho a chegada a Argolida das filhas de Danao, que fugiram da Lybia para não casar com os filhos de Egypto, e a protecção concedida pelos argianos ás danai-des. As personagens são Danao, pae das supplices; Pelasgo, rei dos argianos; um arauto egypcio e soldados argianos. O côro é constituído por cincoenta danai-des. A tragedia passa-se á beiramar, á vista de Argos. A peça quasi não contem incidentes; reduz-se tudo ás supplicas de Danao e do côro, ás hesitações dos pelasgos, ao voto favoravel dos argianos, á reclamação final do arauto, enviado pelas filhas de Egypto, e que parte ameaçando. As *Supplices* são um simples quadro lyrico, mas mesmo pela simplicidade da estructura, esclarecem as origens da tragedia.

A tragedia os *Persas* foi representada em 472, oito annos depois da batalha de Salamina. O poeta concebeu celebrar a victoria dos gregos, principalmente de Athenas, sobre os persas. As personagens são pouco numerosas: Xerxes, rei dos Persas; Atossa, viuva de Darío e mãe de Xerxes; a sombra de Darío; um mensageiro. O côro é composto de velhos persas. A scena passa-se em Susa, defronte do palacio do rei,

perto do tumulo de Darío. Todo o drama obedece a uma idéa: a derrota de Xerxes é o castigo do seu orgulho. O poeta expõe primeiro os presentimentos do côro e a inquietação de Atossa. Chega um emissario, que participa a derrota dos persas em Salamina. Na sua angustia, Atossa e o côro invocam a sombra de Darío, que vê na derrota a realização de antigos oraculos, uma punição divina. Finalmente Xerxes fica vencido, desesperado. A peça acaba por um concerto de lamentações, d'onde resalta uma involuntaria admiração por Athenas. Os *Persas* tambem se resentem de pouca acção; mas o drama não desfallece um unico instante. E' um magnifico quadro lyrico, muito animado pelo entusiasmo patriotico do poeta.

Os *Sete chefes em frente de Thebas* ou os *Sete contra Thebas* era a terceira parte de uma tetralogia que comprehendia tres tragedias: *Laios*, *Oedipo*, os *Sete* e um drama satyrico, *A Esphinge*. Foi representada em Athenas em 467. As personagens do drama são Eteocle, rei de Thebas; Antígona e Ismenia, irmans de Eteocle e de Polynice, um explorador, um mensageiro, um arauto e soldados thebanos. O côro é composto de mulheres thebanas. A scena decorre nas muralhas de Cadméa. Ha pouca acção n'este drama, que nem por isso deixa de ser ex-



ESCHYLO

tremamente vivo. O poeta faz esperar e prepara com habilidade o acontecimento capital, o duello. Pinta com traços vigorosos a coragem feroz e impaciente de Eteocle, a agitação dos guerreiros e o espanto das mulheres em Thebas sitiada, os preparativos do combate, a exaltação que impelle os dois irmãos ao fratricidio. Sabe-se por uma narrativa dramatica a morte dos irmãos inimigos. Após uma lamentação lyrica, um arauto proclama a prohibição de sepultar Polynice; mas Antígona declara que arrostará com essa prohibição. Perpassa por todo o drama um sôpro de guerra; contem descrições energicas, como os retratos dos chefes argianos e dos chefes thebanos, com admiraveis trechos lyricos cheios de religiosa commoção.

Esta tragedia de Eschylo foi imitada, mas

muito fracamente, pelo poeta e fecundo escriptor francez Racine na sua *Thebaida*.

A tragedia *Prometheu Encadeado* teve as suas primeiras representações em 467. O eixo do seu enredo é o supplicio do titan, punido por Zeus por ter roubado o fogo celeste com que este animara o primeiro homem. No começo da tragedia, Hephaisto, com o auxilio da Força e da Violencia, agrilhôa Prometheu a um rochedo do Caucaso. Vendo-se só, o titan deixa ouvir os seus queixumes sobre a injustiça dos deuses. Aparecem as Oceanidas, que compõem o côro, depois Oceano montado n'um gripho, em seguida Io transformada em vacca e perseguida por um moscardo. Estas personagens, cada uma por sua vez procuram consolar o titan e exortam-no a inclinar-se ante a omnipotencia do senhor dos deuses. Nada verga o orgulho de Prometheu, que lê no futuro e annuncia o castigo do seu inimigo. Zeus, com ser Zeus, inquieta-se. Hermes, enviado por elle, esforça-se baldadamente por arrancar ao titan o seu segredo. Prometheu torna a ficar só; e o drama termina no meio de uma terrivel tempestade.

O *Prometheu encadeado* é um admiravel quadro lyrico, onde o poeta renovou a lenda de Hesiodo pela sua concepção moral, que faz de Prometheu o representante divino da humanidade. Esta tragedia de Eschylo tem sido imitada muitas vezes. Houve as tragedias, hoje perdidas, de Accio e de Tiberano em Roma, e, modernamente, a *Pandora* de Voltaire, a *Estatua de Prometheu* de Calderon, o *Prometheu* de Goethe, o *Prometheu encadeado*, o *Manfredo*

de Byron e o *Prometheu libertado* de Shelley, uma das melhores tragedias inglezas.

A *Orestia*, trilogia dramatica de Eschylo, representada em Athenas em 458, comprehende tres tragedias intituladas *Agamemnon*, as *Choephoras*, as *Eumenides*. A *Orestia* é a unica trilogia grega que hoje possuímos intacta. Como o titulo indica a *Orestia* tem por assumpto as aventuras de Orestes, assumpto tirado das lendas cyclicas dos *Regressos* e das tradições argianas completadas pelas tradições atticas.

Na *Agamemnon* a scena representa a praça publica de Argos e o palacio dos seus reis. No alto d'essa vivenda está um escravo encarregado de esperar o signal da tomada de Troia. Finalmente a noticia chega e breve Agamemnon surge victorioso. A convite instante de Clytemnestra, sua mulher, entra no palacio. Agita-lhe o coração um sombrio presentimento. De subito ouvem-se gritos de gôlam o desventurado rei. E vê-se Clytemnestra apparecer, de machado na mão, sanguinolenta, orgulhosa do seu crime. A tragedia é de uma elevação feroz e soberba.

As *Choephoras* appareceram em scena apôz o *Agamemnon*. Toma por base o castigo dos assassinos de Agamemnon. Orestes e Electra, depois de separados muito tempo, encontram-se junto do tumulo de seu pae. Ahi se reata, se desenrola e acaba a acção pela noticia do assassinio de Clytemnestra e de Egistho, seu amante. O

titulo da peça provém das mulheres que trazem offerendas ao tumulo de Agamemnon e que compõem o côro.



O SUPPLICIO DE PROMETHEU
(Quadro de Gustavo Moreau)



AS ERINNYAS
(Desenho de Gustavo Doré)

As *Eumenides*, onde figura um côro de cinquenta Erinnyas, divindades defensoras da ordem moral, deve o seu titulo a esse côro, pois os gregos tinham dado o nome de Eumenides (benevolentes) áquellas divindades. O thema da tragedia é a fuga de Orestes depois da morte de Clytemnestra e de Egistho, a expiação, depois o perdão concedido aos herôes pelos deuses e a absolvição ante o Tribunal do Areopago. E' seguramente uma das obras primas da tragedia grega.

Eschylo teve um sobrinho, Astydamas, poeta tragico como elle e discipulo de Isocrates. No dizer de Suidas compoz duzentas e quarenta tragedias e ganhou quinze premios. O filho de Eschylo, Bion, como atraz disseimos, entregou-se ao piedoso dever de retocar varias das suas peças.

Do mesmo seculo de Eschylo e dos posteriores ha uma pleiade de poetas tragicos. Agathon, de Athenas, nasceu em 448 e morreu em 401. Era filho de Tisameno e pertencia a uma das familias mais consideradas de Athenas. Platão fál-o figurar no *Banquete*. Hoje, de Agathon, só existem titulos de tragedias e fragmentos conservados por Aristoteles e Atheneu. Aristophanes censura-lhe imitar os defeitos de Euripides e de empregar um estylo affectado, cheio de anáphases e subtilezas sophisticas.

Aristarco de Tegéa, foi poeta tragico de Athenas e contemporaneo de Euripides; introduziu o cothurno no theatro e compoz setenta tragedias, de que só restam fragmentos curtos. Com o nome de Carcino relatei-nos a historia terem havido tres poetas tragicos. Um de Athenas, em 450, conhe-

cido apenas por algumas allusões malignas de Aristophanes; outro, tambem de Athenas, em 330, cujo estylo obscuro originou o proverbio: *é Carcino puro*; outro de Agrigento, de 380, passou uma parte da sua vida na côrte de Dinyz de Siracusa; era um auctor fecundo; Aristoteles fala d'elle frequentemente com elogio.

Um dos mais afamados poetas tragicos dos fins do seculo vi e principios do seculo v foi Phrynicho. Tomou parte na vida politica do seu tempo e pertenceu ao partido de Themistocles. Mas foi sobretudo celebre a escrever tragedias. Segundo Suidas obteve pela primeira vez o premio na sexagesima olympiada, 512-509. Em 409, fez representar a sua *Tomada de Mileto*; esta peça impressionou tão fortemente o publico, que o poeta foi condemnado a uma multa por ter rememorado a catastrophe. Em 476, Phrynicho triumphou com as suas *Phenicias*, onde elle celebrava a victoria de Salamina. Morreu na Sicilia em data incerta. Contemporaneo de Eschylo, herdeiro ou discipulo de Thespiis, brilha entre os creadores da tragedia. Foi elle, consta, que imaginou a mascara e introduziu na scena os papeis de mulheres. Conhecem-se os titulos de nove das suas peças: *Alceste*, *Anteu*, as *Danaides*, as *Egyptcias*, as *Mulheres de Pleuron*, a *Tomada de Mileto*, as *Phenicias*, *Tantalo*, *Troilos*. Não possuímos de Phrynicho senão alguns fragmentos. Tinha, parece, o dom do lyrismo e do pathetico, mas pouca acção.

A corôa da poesia tragica passa então da cabeça veneranda de Eschylo para a fronte refulgente de Sophocles.

Compilado por

EDUARDO DE NORONHA.





Os nossos errantes

Um curioso typo de artista portuguez — O cantor «sportman» Antonio de Abreu — Como elle viaja a pé, cantando — Caminheiro e artista — De Lisboa a Madrid e de Madrid a Barcelona — No theatro da Revolução — O artista viverá? — Captivo ou em liberdade? — Notas criticas e biographicas.

HA, para mim, uma dôr maior, mais pungente, mais lancinante, que essa que me causam os que, de olhos fechados e mãos cruzadas no peito, partem para a morte. E' a d'aquelles que, de olhos abertos, cheios de um como sonambulismo do Ideal, partem para a vida e pela vida.

Partir para a morte, a *região misteriosa de onde ninguém voltou*, na phrase do immortal tragico inglez, é realmente doloroso e despedaçante, mas não é, não será nunca, menos doloroso e despedaçante, o partir para a vida e pela vida, em cata de um ideal sonhado que nunca se realisa, em busca da estrella sempre antevista e jámais alcançada, que, constantemente attrahe e constantemente despenha o nosso ser.

Quem morre, finda e deixa de soffrer, pelo menos na *apparencia das realidades* d'esta vida illusoria, em que se crê que a materia inerte não soffre, embora se corrompa e se fermente. Mas, quem vive soffre, pela certa; continúa a sua maré alta de fel e de dôr, e ha muitas vidas, muitas, que são a morte apparente de muitas vezes, e a surreição de muitas outras.

Philosophava eu assim, quando me passou, rapida, pela mente, uma extranha figura de olhar doce, de olhar calmo e de maneiras originaes, typo de bondade e de sonho, um novo, um artista portuguez, talento facil e

promettedor, alma brava de aventureiro imbelle, um d'esses partidarios do sonho, que, á semilhança dos cysnes, hão de desafiar na alvura da sua alma os negrumes da vida, e hão de morrer cantando. Era um dos taes que partem para a vida, de olhos escancarados para ella, como se n'esse desdobrar de olhar franco e leal quizessem ostentar a panoramisação da sua alma grande e bôa, cheia das quietidões do amor e as aspirações do Bello fugaz e irrealisavel.

Era, em summa, a figura tipicamente original de um bello môço, portuguez, na flôr da vida, e vogando na maré alta das suas aspirações — a figura a um tempo excêntrica e sympathica do barytono Antonio de Abreu, esse novo artista que, a esta hora, ou anda por longes terras espalhando os perfumes sonatinantes da sua alma candida e idealisadora, ou jaz — quem sabe? — n'alguuma das masmorras denegridas, por esse mundo além.

O jovem artista, cujo retrato hoje os *Serões* dão a publico, teve um dia a infelicidade de consagrar-se á profissão do canto, n'uma terra ingrata como a nossa. Embora habilidoso e devotado, o artista teve que, a breve trecho, tomar uma deliberação: partir *por todo o mundo*, fosse como fosse, comtanto que cantasse. Ia, na sua phrase, *formar-se na universidade de canto de todo o mundo*, para voltar depois, a provar o seu amor pela arte, o seu talento, a

sua gloria, e trazer a Portugal todos os possiveis ou provaveis laureis, que um dia, tarde ou cedo, — isso que lhe importava? — daria ao seu torrão natal.

E eil-o partindo, n'uma manhã já^a fria, por um adeantado de estação, viajando em primeiro logar a pé por todo Portugal, *para se acostumar*, dizia elle.

E foi assim, que, em 1907, o vimos partir d'aqui, depois de um fracasso artistico motivado por más vontades de uns, por miseria material do estreiante e um tanto ou quanto pelo seu descuido, porque Abreu é como quasi todos os bons, um inconsequente, um descuidado.

Era por uma manhã nevoenta. Do Tejo subia uma vaga e ondulante nebrina, d'essas que tanto encanto põem no espelho luzente e esmeraldino do nosso rio. Ouço bater á porta, deixo de contemplar o cunjuncto da nossa bella cidade, da minha janella larga de poeta inédito e de esmagado social, e corro a abrir.

— «Sabes? me diz o artista inopinadamente, parto hoje.»

— «Para onde?» lhe pergunto.

— «Por todo o paiz, a pé, cantando. Vou como um passaro d'arribação. Quero que por todas essas terras da provincia, cidades, villas e aldéas, até nos simples burgos e logarejos, se espalhe a musica sã, a musica boa. Por onde eu passar, a mulher do camponez que sachar a terra, a creança que buscar os ninhos, o lavrador que enxertar as arvores, saberão depois cantar, á mistura com os seus lindos cantos populares, algum pedaço de canção ou de opera que eu lhes ensine. Que dizes?»

E ao dizer tal, Antonio de Abreu, tinha no olhar aberto as rutilações de sonho de um enthusiasmo sincero. Respeitei aquelle bello poder d'illusão. Eu entendo que a illusão, quando encaminhada no sentido do Ideal ou do Bello, é uma das poucas dulcificações do amargor da vida. Animei-o, e elle partiu. Atravessou o paiz, cantando como uma ave vingadora da arte, estirando as suas azas de idealista n'um voo de poeta, desde os nossos arrabaldes citadinos até ás alturas da serra do Marão, transpoz a fronteira, entrou em Hespanha. De todo o paiz me enviou postaes illustrados, com uma ou outra nota de um caracteristico flagrante, em que se mistura a originalidade da sua pes-

soa. Destaco alguns pedaços d'elles. De Braga dizia-me:

«Que alegria, meu velho! Tenho sido protegido na minha excursão por todas as auctoridades locaes, quer civis quer militares, por estas terras. Os estudantes acclamam-me em Santarem e em Braga. As senhoras escutam-me e commentam. E, para mais, tenho um cão, tenho um verdadeiro amigo, que não consentirá que nenhum homem, honrado ou salteador, me toque n'um só pélllo. Será o guia que me acompanhará por esse mundo fóra. Custou-me algo caro, chama-se *Tufão*, quasi Tiphon, vê tu. Mando-te o retrato de nós dois. Estima-o tanto como eu, verás que não te late nem cá de longe.»

Effectivamente, o *Tufão* foi o companheiro leal do aventureiro artista, por essas asperas serranias da Beira e Traz-os-Montes. Contou-me Abreu, no seu regresso, que lh'o haviam roubado em Tuy e commentou graciosamente o roubo d'esta maneira: «Como era mas inteligente que muchos de los mortales se quedó en España para aprender a ablar la lengua.»

De Vigo, escrevia no cumulo da alegria: «Sinto-me um feliz mortal, olé! Chamam-me afinal artista. Cheguei a Vigo, onde me abriram, primeiro as portas de um bello casino, depois as do importante theatro Tamberlik. Viva España y las niñas! Conta ahi da minha vida a esses porteguesitos valientes. La salud, buena e *buona la voce*. Remetto jornaes com criticas a meu respeito e um cartaz — annuncio da minha festa.»

Era verdade. O pobre Abreu, o espeshado novato portuguez, era em Hespanha um cantor applaudido. Lisboa batera-lhe com as portas na cara, Vigo, bella cidade Hespanhola, abria-lhe, de par em par, as portas do seu melhor theatro. Não pasmei. Eu sinto de ha muito um enorme orgulho e uma infinita tristeza de ser portuguez. Mezes depois, Abreu voltava. Vinha mais forte, a pelle crestada do sol e do ar puro das montanhas, o torax mais dilatado, e a voz, a sua voz que era um tanto adelgada mas de um soberbo timbre sympathico, melodiosamente flauteante, maviosa e simples, engrossara sem se enrocar, tornava-se potente. A sua linguagem era outra. Abreu fallava um mixto de mau italiano, portuguez e hespanhol. Uma aravia babélica que, por vezes, nem o



ABREU ESTUDANDO, N'UMA SALA DE HOTEL DA PROVINCIA, NO SEU TRAJE DE CAMINHADA

diabo entenderia. Contou-me as suas aventuras de jornada, os seus sustos, as suas alegrias e pezares da caminhada. Conservo de memoria alguns dos episodios, umas ve-

zes tragicos, burlescos outros. Dava um livro de lyrismo o *divorcio abrupto* de dois velhos, por espaço de tres dias, por causa d'uma discussão de antigos ciumes, desper-

tada pela audição da canção de Araujo Vianna, *Maria*, como dava uma comedia burlesca o episodio da fome de Abreu e o furto da tigella de marmellada, cousas que aqui não contarei para não alongar muito o artigo, mas que talvez um dia me disponha a esboçar. Uma das notas mais curiosas d'essa viagem foi o entusiasmo do artista pela cavalgada do *raid* hyppico do *Seculo*. Dizia-me elle: «Acompanhei o tenente Beltrão nas serranias de Traz-os-Montes, fui o seu palafreheiro. Esse homem é um bom; repartiu commigo a sua camaradagem e bom agrado. Cantei a uma ceia dos cavalleiros.»

Porém, Abreu, de volta, não se demorou muito. Em fins de 1908 parte, d'esta vez para mais longe. Quer atravessar, a pé, a Hespanha, para apanhar as chaves de canto da zarzuella, depois dirigir-se-ha a Paris, e á Italia. Quer observar de perto esses campos da arte, e crear escola depois de amalgamar os varios estylos — diz elle. Depois irá á Argentina, ao Brazil, á America do Norte, a toda a parte aonde o seu destino o quizer levar. Soberba aspiração de um artista. O peor é o reverso da medalha — as realidades flagrantes, irrisorias, d'esta vida de contingencias e contrariedades!

Como quer que fosse ou lhe succedesse, depois de um postal conciso, em que annunciava a sua chegada a terras de Hespanha, escrevia de Madrid, em data de 23 de janeiro, uma carta de que porei em destaque alguns dos pedaços mais importantes: «Agora recebi tuya tarjeta. Gracias de tan buenos deseos. Te voi á decir tantas cosas, que quedarás tonto de oílas. (Continúa n'um mixto de hespanhol e portuguez): por aqui, arte, não ha nenhuma, a não ser a Maria Tubau, comediante. e Titta Ruffo, cantor en el Real. Madrid é uma cidade que não tem salões de concerto. Apenas dois casinos, um militar e outro civil. Curas por todas las calles e ramblas, a todas las horas, todos los ratos, com suyos trajes talaes e el sombrero de pello de lustro. Lo que Madrid tiendria de mejor, la animacion de la noche, no la hay, pues la gobernacion presente quiere todos los commercios cerraus a la una y médea de la noche. Ya no se vé como se veía, la noche entera de passeio las guapas señoritas y los mancebos de el *high-life* madrileño!

«O postal que me mandaste é uma carga de cavallaria, e a mim parece-me a carga da vida, que inda é mais dolorosa. Paciencia! a terra não se fez para outra cousa, e ainda é grande. Mais tarde ou mais cedo chegarei ao meu destino.»

Em Madrid, Abreu demora-se bastante tempo, mas a sua vida, ali, deve ter sido bem precaria e contrariante, como se infere de uma outra sua carta: «Fallei com D. Luiz Morote, na redacção do *Heraldo*, onde o que de mais notavel encontrei, a não ser esse homem de bom trato, foram os retratos dos tres pápas, Pio IX, Pio X e Leão XIII. Noto que a Hespanha é uma terra muito religiosa. Não me opponho, mas gosto mais da nossa religião — a Arte. Uma cousa me alegra, o ver-me verdadeiramente criticado por artistas d'aqui, alguns de certa illustração, como verás pelos periodicos.» Era verdade. Os jornaes madrilenos, que tenho presentes, reforçavam as palavras do artista. O sonho d'este dilatava-se, e com elle o seu valor, com a pratica. Porém, essa escassa restea de alegria não devia durar muito, porque, mais adeante, noticiava: «Tenho uma proposta para o theatro Price, e para o Real tambem se arranjaría alguma cousa, se houvesse dinheiro, mas sem elle, que fazer? Marchar, marchar sempre. . . Os cantores, aqui, são maus artistas e más pessoas. Cheios de mal fundado orgulho e amor proprio. O que ahí vae ao D. Amelia é do melhor que por aqui ha. Que se fiquem com *Dios y la Virgen*, que não os importunarei muito. Foi um engano, isto que tive de vir, a Madrid. Mas que se ha de fazer? Vou marchar para Barcelona, a cidade progressiva e revolucionaria e ali farei ou não farei qualquer cousa. Espero, comtudo, fazer um bocado de arte que se veja.»

De 23 de janeiro em deante, não mais soube nada do artista, até que a 2 de março escrevia de Zaragoça: «Meu caro. Desejo que hajas passado de saude. Eu, infelizmente, estive enfermo sete dias, mas hoje sinto-me já bom para cantar e continuar esta dança da minha peregrinação artistica. Tambem estive preso, aqui, 5 horas apenas, pensando as auctoridades ter nas pulchras mãos um anarchista que procuram, natural de Pravia. Custou a convencer estes homens da lei de que eu fosse apenas um humilde artista, pelo mundo adeante, em busca da fe-

licidade, essa coisa que eu nunca vi e nem talvez verei, mas não pensando em matar sequer uma formiga.

«Finalmente lá sahi, depois de se terem capacitado de que não eram falsas as cartas que trago do consulado de Madrid, documentos que fizeram com que me puzessem no olho da rua, esta larga rua que se chama a Europa e por onde eu vou caminhando sempre, sempre, como que infinitamente.»

D'essa data em diante não mais tive noticias do aventureiro moço, até que, n'uma das manhãs de junho passado, o *Diario de Noticias* n'uma das suas *Chronicas* de Barcelona, relatava a estada de Abreu n'aquella cidade, dizendo que «cruéis vicissitudes e amargos episodios castigaram impiedosamente a sorte do novel cantor, e que o longo caminho de Portugal até á bella cidade mediterranea foi para elle doloroso exodo, quatro mezes de miseria, quatro eternos mezes de caminho incerto», o que me prova que em fins de abril chegaria elle á capital da Catalunha.

O chronista dizia ainda: «Comprehende-se assim as grandes privações soffridas em Barcelona durante dois mezes de permanencia aqui, vagueando pela cidade enorme, sem tecto, sem pão, sem amigos, dias e noites n'um soffrimento horrivel. No consulado portuguez não o attendiam. Dizia-lhe o consul que nada podia fazer por elle, pois uma lei de João Franco prohibe aos consules soccorrer os infelizes portuguezes em paiz estrangeiro.» Acabava o chronista por fazer um appello ao governo portuguez para que dêsse protecção ao artista, caso que muito deve ter vexado o seu character de trabalhador, para quem a unica razão da vida é uma constante lucha, em que elle quer vencer pelo trabalho e honestidade, como homem livre e independente. E a prova de que assim é, dil-o uma carta de Abreu, escripta de Barcelona, dois mezes depois da chronica citada, carta em que nenhum queixume pela improtecção, nenhum resaibro de amargura pelo seu martyrio se traduzem: «Barcelona, 5-8-1909. Meu caro: Depois d'este tão grande interregno, provocado não sei porque motivo da tua parte», (eu continuava a escrever, mas não recebia resposta), «cumpre-me hoje escrever-te para saber quaes os motivos que te levam a proceder para mim d'esta maneira, sabendo tu que

não tenho mais amigos a não ser a tua pessoa. Se tens alguma cousa a dizer, emfim, seja o que fôr para mim, todos os criminosos teem defeza e se eu para ti estou n'esse rol, que não me accusa a consciencia de quê, manda dizer, que eu me defenderei; é mesmo um favor especial que me fazes, pois para estar na duvida, podes calcular o quanto não me incommoda o ser. Participo-te que parto para Paris no dia 16. se não houver «empeno» de maior. Já tenho ensaiados os *Palhaços* e *Puritanos* e vou começar com o *Hamlet*, que d'aqui levarei bem estudados, prompts para cantar. Se resolvo ir para ali, é porque estou melhor, é outro meio, mais artistico e de mais nome. Além d'isso, ha ali uma grande colonia brasileira e portugueza, emfim, é Paris. Adeus! Escreverei de Paris, assim que ali chegar.»

E lá vae, lá continúa, pelo mundo, depois de tão amargas vicissitudes, em cata do seu ideal, o illuminado artista. Vae? Mas quem o pode garantir que vá?! Com os acontecimentos tragicos de Hespanha, com as represalias após a semana sangrenta, com as desconfianças, as calumnias, as suspeitas, sahiria o infeliz portuguez, de Hespanha, ou respirará a custo na atmospha pesada de algum presidio, entre esses treze estrangeiros de que falou a imprensa? Estará livre ou engaiolada a ave cantora das distancias, esse homem-passaro, cujo unico ideal é a arte e cuja maior aspiração, como elle proprio diz, é ser livre e marchar. E assim me fico a meditar n'aquellas suas phrases: «á carga da vida que ainda é mais dolorosa». «Mais tarde ou mais cedo chegarei ao meu destino.»

E chegará, o pobre Abreu. Se não chegar á Argentina ou ao Brazil, se não chegar a Paris, pelo menos poderá chegar ao ultimo dos destinos, áquelle a que todos nós havemos de chegar um dia — á estação da morte.

E se assim fôr, não mais me escreverá, não mais se realizará uma das resurreições de um d'esses personagens que me fazem mais tristeza, por partirem de olhar aberto, como que sonambulos do ideal para a vida, mais, infinitamente muito mais tristeza, do que, os que, de olhos fechados, resignadamente e de mãos no peito partiram para a morte.

À OLGA

*Que destino cruel, n'uma noite assombrosa,
te mergulhou p'ra sempre, oh! minha flôr querida?!
Brilhava o céu sem mancha... e, em teu frescor de rosa,
tu tinhas para o céu a doce fronte erguida!*

*Estranha ao teu pensar, entre os clarões da vida,
devera sêr da morte a imagem tenebrosa:
e oh! na sombra eternal, tão depressa envolvida,
talvez nem se assustasse a tu'alma medrosa!...*

*Por qual injusta lei: que a mente me tortura,
sou eu quem vem chorar na tua sepultura
tu que tão bella e moça ao pé de mim sorrias?!*

*Da tarde, iam descendo d frouxa luz, meus cantos,
e a vida, em plena aurora a te cobrir de encantos.
Ah! podera eu morrer, e tu, viver devias!*

*Não, eu não sei dizer-te oh! doce companheira
como tudo morreu com o echo dos teus passos!
N'alma, que te entreguei, hoje feita em pedaços,
não me ficou senão das illusões a esteira...*

*Agora fala a voz da minha magua inteira:
como tudo morreu!... Fugiste-me dos braços,
de tanto amor, p'ra sempre, arrebatando os laços,
vasando-me do peito a gôta derradeira!*

*A seiva, que em meu sangue, ardente fermentava,
provinha do teu sêr; — e, por ti, rebentava,
em madidos festões, a planta resequida...*

*Su vi, de um torvo cahos na confusão sombria,
morrer tão cedo a flôr que sorridente abria:
pôde tobar, sem custo, uma arvore sem vida!...*

*De joelhos, ante o horror do teu sepulchro mudo
nos abysmos da dôr sinto a razão perdida!
Vê que supplicio atroz! — ficar-me a propria vida,
quando em torno de mim, tudo se extingue, tudo!...*

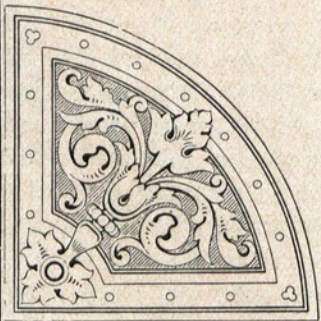
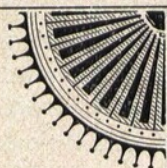
*Eras ultima crença e derradeiro escudo,
fortaleza e illusão!... Doce esperança erguida,
em meio do caminho, a um' alma já deserida,
poiso verde a sorrir n'um penhasco desnudo...*

*Sis que tudo acabou!... Restam doridos threnos
d'uma ventura extineta o mais acerbo canto
de quem, outr'ora, ouviste os madrigaes serenos.*

*Resta uma lousa fria, onde hei chorado tanto!
E a mortalha da noite... em que eu não vejo, ao menos
um só raio a luzir entre as nevoas do pranto!*

Lisboa — Outubro, 1909.

ODILON NESTOR.



Mark Twain

Impressões de viagem — A rainha do Oriente



ONSTANTINOPOLA é um nobre quadro.

Os seus atractivos e o pitoresco principiam e acabam porém ao mesmo tempo. O forasteiro, desde que põe pé em terra até que torna a embarcar, execra-a.

O bote em que se mete é admiravelmente mal calculado em vista do serviço para que foi construido. E' acabado e aparelhado a primor, mas ninguem haverá capaz de o governar em termos através das correntes turbulentas que, vindo do Mar-Negro, enfiam pelo Bosporo, e não haverá muitos mareantes aptos a levá-lo, a remo, nas proprias aguas mortas.

E' uma canôa leve (caïque), larga em uma das extremidades e aguçada na outra, até á grossura do gume de uma faca. Essa parte mais esguia e comprida é onde elles estabelecem a prôa, e já podem calcular a que ponto a agua o fará andar num corropio.

Tem dois remos e, por vezes, quatro, mas nem sombras de leme. O passageiro embarca com destino a um dado ponto e anda a ladear em cincoenta direcções diversas, antes de que lá chegue. Um dos remos impelle primeiro a agua, o outro, depois; é raro mergulharem ámbos a um tempo. Este genero de transporte nautico é calculado para reduzir á insanias qualquer homem impaciente, no espaço de uma semana. Os barqueiros são os mais desastrados, estupidos e faltos de sciencia de quantos possam existir á face do mundo, sem questão.

Em terra — em summa, era um eterno circo de cavalinhos. A gente, mais basta do que um enxame de abelhas, naquellas ruas estreitas, e os homens amantilhados nos trajos mais extravagantes, mais exóticos, mais idolatras, mais disparatados que haverá podido conceber um alfaiate atacado de *delirium tremens*. Não havia capricho indumentario desatinado em demasia para ser posto de parte; absurdo demais para ser tolerado; frenesi em diabolismo andrajoso fantastico em excesso para ser tentado. Não se viam dois individuos trajando do mesmo modo. Cada multidão a barafustar em cada rua estabelecia um quadro dissolvente de estupendos contrastes. Alguns pátrias usam turbantes de infundir terror, mas a grande mole da horda infiel usa o barrete vermelho assanhado a que elles dão o nome de *fez*. Os remanescentes atávios que se permitiam eram absolutamente indiscriptiveis.

As lojas por aqui são meras capoeiras, meros caixotes, quartos de banho, cubiculos — tudo que lhes quizerem chamar —, ao rez-do-chão. Os turcos sentam-se nellas de pernas cruzadas, trabalhando, a fumar nuns cachimbos muito compridos, e cheiram — como turcos. E com isto fica dito tudo. Atulham as ruas, estreitissimas, defronte das lojas mendigos, aos cardumes, a pedir constantemente, sem nunca apanhar coisa nenhuma; e uns aleijados espantosos, contorcidos além de toda e qualquer apparencia humana, quasi; vagabundos a tocar burros; carrejões carregando ás costas caixotes do tamanho de cabanas; vendilhões de uvas, milho assado, pevides de abobora

e um cento de coisas diversas; e a dormir, beatíficos, confortáveis, socegados, por entre a azafama de pés, os famigerados cães de Constantinopola. Deslisam, sem ruido, por toda a parte, esquadrões de mulheres turcas, envoltas desde o queixo até os pés em vestes reçagantes, e com veus brancos-neve de roda da cabeça, desvendando-lhes apenas os olhos e uma noção vaga, nebulosa das feições. A quem as vê cirandar, lá ao longe, por entre as lobregas arcadas do Grande Bazar, não deixarão de apresentar espéctaculo semelhante ao dos mortos envoltos no proprio sudario, no acto de resurgirem das campas por entre os venda-vaes, trovões e terremotos que rebentaram sobre o Calvario, naquella tremenda noite da Crucificação. Uma rua em Constantinopola é um quadro que toda a gente deve vêr uma vez — mas não muitas.

E depois, lá vinha o guardador de gansos — um individuo levando adiante de si um cento delles pela cidade, e tentando vendê-los. Empunhava uma vara com uns quinze palmos de comprido, com um gancho na extremidade, e, eventualmente, um ganso a pisgar-se da manada, e a fazer uma lepada sortida dobrando a esquina, com as asas meio abertas e o pescoço estendido até os limites do possível. Pensam que o homem dos gansos se alterava? Nem por sombras. Brandia a vara e alcançava o ganso com indizível sangue frio, — enganchava-o pelo pescoço e pescava-o outra vez para o seu logar na manada, sem o minimo esforço. Mareava os seus gansos com aquelle pau com tanta facilidade como qualquer individuo haveria mareado uma canôa. Horas depois, vimo-lo sentado numa pedra, a um canto, no meio da barafunda, a dormir a somno solto, ao sol, com os gansos agachados em roda de si, ou a fazerem fósquinhas para se livrar de homens e jumentos. Tornámos a passar por elle, dali a menos de uma hora, e estava a contar a mercancia, para vêr se da manada haveria algum tresmalhado ou bifado. O modo porque o fazia era unico. Assestava a ponta da vara a seis ou oito polegadas de um muro de pedra, e obrigava os gansos a marchar a um de fundo, entre a vara e a parede. A' medida que iam passando, ia-os contando. Não havia meio de defraudarem semelhante combinação.

Se precisarem de anãos — refiro-me a meia duzia delles por curiosidade — vão a Genova. Se desejarem comprá-los por atacado, para vender a retalho, vão a Milão. Fervilham anãos por toda a Italia, mas quis-me parecer que em Milão a colheita era opulenta. Se desejarem vêr um exemplo significativo de aleijados sortidos, vão a Napoles, ou viajem através dos Estados-Romanos. Mas se quizerem vêr o emporio e a séde de aleijados e monstros humanos, vão direitos a Constantinopola. Um mendigo que em Napoles possa alardear um pé transformado de todo num dedo horripilante, com uma unha informe, dispõe de uma fortuna, — mas semelhante exhibição não atrahiria o menor reparo em Constantinopola. O homem morria de fome. Quem é que daria a minima atenção a chamarizes como aquelle entre as monstruosidades raras que atulham as pontes da Cornucopia de Oiro e patenteiam as suas disformidades nos tremedades de Stambul? Miserando impostor! Como poderia elle sustentar o confronto da mulher com três pernas, e do homem com o olho na face? Como lhe cairia a cara, de vergonha, em presença do homem com os dedos no cotovelo! Onde iria elle esconder-se quando o anão dos sete dedos em cada mão, sem beijo superior, e com o queixo de menos comparecesse, majestatico? Bismillah! Os aleijados da Europa são uma illusão dos sentidos e uma fraude. Os verdadeiramente prendados florescem nas veredas de Pera e Stambul, unica e exclusivamente.

A aludida mulher das três pernas pairava na ponte, com o seu fundo mercantil disposto por fórma a produzir o mais impressionante effeito — uma perna natural, e duas ditas, compridas, delgadas, contorcidas, com uns pés taes quaes o antebraço de qualquer individuo.

Depois, campava um homem, mais além, que não tinha olhos, e com a cara da côr de um bifesteque em sangue, engelhada e revolvada que nem uma torrente de lava — e na verdade, tão baralhadas e contorcidas tinha as feições, que ninguem poderia differenciar dos ossos malares a verruga que lhe supria o nariz. Em Stambul havia um homem com uma cabeça desconforme, um

corpo de comprimento descommunal, pernas com oito pelegadas de comprido, e pés como uns patins para a neve. Viajava sobre aquelles pés e aquellas mãos, e era tão selado das costas, que nem que o houvesse cavalgado toda a vida o colosso de Rhodes. Ah! muito prendado tem que ser um mendigo para poder ganhar a vida em Constantinopola! Um homem com a cara azul, nada tendo que offerecer, excepto o haver sido atirado pelos ares numa mina, considerá-lo-iam um impostor das duzias, e um mero soldado avariado e de muletas não conseguiria ajuntar um centésimo.

Fômos ao Grande Bazar, em Stambul, já se vê, e não o descreverei circunstanciadamente, cifrando-me a declarar que é uma colmeia monstruosa de logéas, — milhares dellas, com certeza, — todas debaixo do mesmo tecto, e cortadas em inumeros quanto pequenos quarteirões, por umas ruas estreitas cobertas com arcarias. Uma rua é adscrita a uma qualidade especial de mercadoria, outra, a outra, e assim por diante. Quem desejar adquirir um par de sapatos tem ao seu dispôr toda a correnteza da rua, — escusa de se estafar a palmilhar ruas á caça do objecto em outras localidades. O mesmo se dá com as sedas, antiguidades, chales, etc. O recinto acha-se atulhado de povo, a toda a hora, e como os garridos e alegres artefactos orientaes se acham expostos em profusão na frontaria de cada loja, o grande Bazar de Stambul é espectáculo digno de ser visto. Todo elle vida, movimento, negocio, esqualor, mendigos, burros, vendilhões a vociferar, carrejões, derviches, fêmeas turcas de jerarquia, a compras, gregos e muçulmanos fantasticos, não menos fantasticamente enfunicados, lá das montanhas e das provincias remotas, — e a unica e solitaria coisa que o forasteiro não cheira, ao achar-se no Grande Bazar, é qualquer coisa que cheire bem.

A moral commercial, muito especialmente, é má. Nem soffre contradicção. A moral grega, turca e armenia consiste apenas em frequentar a egreja regularmente, nos sabbados apontados, e em quebrar os dez mandamentos dez vezes por semana. Está-lhes

na massa do sangue o mentir, embaçar, intuitivamente, e em seguida, com a pratica, vão aperfeiçoando os dotes naturaes, até que alcançam a perfeição. Um pae, quando recommenda um filho, a um merçador, como individuo habil em questões de venda, não diz que elle é honesto, moral, recto, que vae no domingo á missa e é bem comportado; mas antes: «Este rapaz vale quanto pesa em dobrões de oiro — pois attente — é capaz de engrolar a quem quer que tenha negocios com elle, e desde o Euxino até ás aguas do Marmora, não se encontra caramboleiro mais prendado!» Que lhes parece a recommendação? Os missionarios afirmam-me que ouvem elogios deste genero dispensados a sujeitos, todos os dias. Dizem de um individuo a quem admiram: Ah! que encanto de farçante, que primôr de pandilha!»

Todos mentem, todos trapaceiam — todos que se dedicam ao negocio, pelo menos. Os proprios estrangeiros não tardam em conformar-se ao costume do país, e a pouco tempo de terem de comprar e vender, vêm a mentir e a trapacear como qualquer grego. Digo como um grego, porque os gregos são apontados como os peores transgressores nessa materia. Varios americanos residentes em Constantinopola atestam que ha muito turco digno de certa confiança, mas poucos são os que sustentam o terem os gregos quaesquer virtudes que um homem possa descobrir — sem a prova do fogo, pelo menos.

Vou estando inclinado a acreditar que os celebres cães de Constantinopla têm sido calumniados — difamados. Fui sempre induzido a suppôr que eram tão bastos pelas ruas que atravancavam o caminho; que giravam em companhias organizadas, pelotões e regimentos e que se apossavam de tudo que lhes fazia falta mediante assédio feroz e determinado; e que, de noite, afogavam a todo e qualquer som com seus uivos horripilantes.

Os cães que eu por aqui vejo não podem ser esses ácerca dos quaes eu tenho lido.

Encontro-os por toda a parte, mas não em grande força. O maior numero que eu tenho encontrado juntos, orçará por uns vinte ou trinta. Quer de dia quer de noite,

uma notavel proporção delles dormiam a somno solto. Aquelles que não estavam a dormir tinham uns ares de quem o desejaria estar. Nunca vi cachorros com aspecto mais desgraçado, faminto, com caras mais tristes e desconsoladas, em dias de minha vida. Parecia uma satira malevola o accusar semelhanças brutos de tomarem coisas á força de armas. Nem sequer apparentavam dispôr de forças ou ambição sufficiente para atravessar a rua — não me lembro de ter visto um unico deitar tão longe. São sarnentos, escanzelados, mutilados, e não raro se vê um ou outro com o pello arrancado, em tiras, tão largas e bem definidas, que fazem lembrar o mappa dos nossos novos territorios. São as alimarias mais tristes de quantas respiram á face da Terra — as mais objectas, as mais dignas de lastima.

Trazem estampada no semblante uma expressão de melancolia, um ar de desespero e de desconsolação. As manchas pelladas num cão escaldado disfrutam a preferencia das pulgas de Constantinopola, em mais vasta proporção do que num cão mais sadio; e os sitios mais expostos ao ar convém justamente ás pulgas. Vi um cão nestas condições pular para aferrar uma pulga — atrahiu-lhe a atenção uma pulga e revirou-lhe o dente; a pulga fez-lhe nova visita, o que o pôs fóra de si para todo o sempre; olhou triste para o seu pascigo de pulgas, e depois, para o seu sitio pellado. Então, desentranhou um suspiro e tombou a cabeça, resignado, sobre as patas. Não estava á altura da situação.

Os cães de Constantinopola dormem pelas ruas, por toda a cidade. De um a outro cabo da rua, suppondo que haverá uma média de uns oito ou dez por quarteirão. A's vezes, é claro, vêem-se quinze ou trinta para um quarteirão. Não têm dono, e parece não terem amizades intimas, pessoas, quaesquer que sejam, entre si. Repartem, porém, entre si, os districtos da cidade, e os cães de cada districto, quer tenha de ambito meio quarteirão quer tenha dez, têm que permanecer dentro dos seus limites. Ai do cão que transpõe a linha! Os seus vizinhos dar-lhe-iam cabo do pello, num segundo. Assim dizem. Mas não o parecem

Elles, estes dias, dormem na rua. São a minha bussola, o meu guia. Quando vejo os cães, placidos, a dormir, ao passo que ho-

mens, carneiros, gansos, e toda a coisa se-movente andam a girar á roda delles, sei que não me acho na grande rua, onde é situado o hotel, e que tenho que andar para diante. Na grande rua, os cães tem assim a modos de uns ares de quem está de atalaia — uns ares cognatos de serem obrigados a livrar-se de inumeras carruagens, todos os dias — e semelhante expressão confirma-a uma pessoa desde logo. Não existe na cara de cão nenhum além dos limites da dita rua. Os outros dormem todos com placidez e não fazem sentinela. Não se arredavam, nem que passasse o proprio Sultão.

Numa rua estreita (ruas largas é coisa que por aqui não ha) vi eu três cães, deitados e muitos encolhidos, a distancia de um palmo uns dos outros. Jaziam cabo com cabo, estabelecendo assim nitidamente uma ponte através da rua, de valeta a valeta. Um rebanho de uns cem carneiros veiu vindo para elles. Galgaram mesmo por cima dos cães, os da retaguarda a empurrar os da frente, impacientes por avançarem. Os cães ergueram a vista, preguiçosos, encolheram-se um tanto quando os pés impacientes dos carneiros lhês tocaram nos pellados lombos — suspiraram e tornaram a deitar-se com toda a pachorra. A propria palavra não seria mais clara. De modo que varios carneiros saltaram por cima delles, esfolando aqui e acolá uma perna, com os acerados cascos, e quando o rebanho em péso houve effectuado a sua excursão, os cães espilraram um tudonada, com a nuvem de poeira, mas nem sequer arredaram o corpo, tanto como uma polegada.

E eu a cuidar que era preguiçoso! Isso sim, comparado a um cão de Constantinopola sou uma machina a vapor. Mas não seria aquillo uma scena singularissima numa cidade de um milhão de habitantes?

Estes cães são os varredores da cidade. E' essa a sua posição official, e não deixa de ser ardua. E' a sua protecção, comtudo. Se não fosse a sua utilidade em limpar parcialmente aquellas temiveis ruas, ha muito tempo que não seriam tolerados. Comem seja o que fór, e quanto apanham a geito, desde cascas de melão e uvas pôdres, incluindo todos os graus e especies de imundicies e rebutalho, até os seus fallecidos amigos e parentes — e não obstante, andam sempre magros, sempre esfomeados, sempre desconsolados.

O povo repugna-lhe dar cabo delles — não os matam, effectivamente. Os turcos têm uma antipathia innata a tirar a vida a todo e qualquer animal mudo, dizem. Mas fazem peor. Inforcam, correm a pontapé e á pedrada e escaldam as pobres creaturas, pondo-as ás portas da morte, e depois deixam-n'as viver e soffrer.

Um dia o Sultão propôs matar a todos os cães, e encetou a obra — o povoleu levantou tal alarido de horror a respeito do caso, que foi sustado o morticinio. Dali a pouco, propôs a remoção de todos elles para uma ilha do Mar de Marmora. Não se levantaram objecções, e carregaram-n'os a bordo de um

navio. Mas quando se veiu a saber, fôsse lá por que fôsse, que os cães nunca chegaram á ilha, mas que iam sempre caíndo ao mar, de noite, e morrendo, ergueu-se outro alarido e o plano de deportação caíu por si.

Assim, pois, os caes ficam na posse pacifica das ruas. Não afirmarei que não uivam de noite, ou que não atacam as pessoas que não tragam na cabeça um fez vermelho. Digo apenas que seria deslealdade da minha parte accusá-los d'estes actos indecorosos não os tendo eu presenciado com meus proprios olhos, nem ouvido com os meus proprios ouvidos.

(Continúa.)

Versão de MANUEL DE MACEDO.



PRAIA DA VICTORIA (AÇORES)

Cliché de J. Maya

Somatose

Reconstituinte de primeira ordem

Estimula fortemente o appetite

Farbenfabriken vorm. FRIEDR. BAYER & C.°, Elberfeld.



Senhoras em evidencia

Uma cantora illustre



MADAME KENDALL

O nome da illustre senhora, a quem os *Serões*, hoje, prestam rendida homenagem, está, de ha muito, consagrado no nosso meio artistico. A insigne e notavel amadora de canto, depois que chegou a Portugal, tem recebido as provas mais inequivocas de uma profunda veneração, que, *pour droit de conquête*, são devidas á sua gentilissima figura de mulher e á sua grande alma de artista. Ao seu talento maravilhoso e á nobreza do seu character, tão integro, teem as duas aristocracias — a do talento e *vieille roche* — prestado a mais enternecida e entusiastica homenagem.

Nunca a comissão de qualquer festa de caridade sollicitou o seu gracioso concurso, que a distincta cantora não accedesse, com a mais captivante amabilidade, a abrilhantar, com a sua Arte divina, uma iniciativa sympathica. Ainda está na memoria de todos o exito

colossal, traduzido em ovações delirantes, que Madame Kendall despertou no sarau que a Sociedade de Geographia organisou, no theatro D. Maria, a favor das victimas de Messina e Reggio. Essa homenagem, de que compartilhou Sua Magestade El-Rei — tão amador de boa musica — e que attingiu um verdadeiro delirio, é d'aquellas que consagram, em qualquer publico, não uma *amadora* mas sim uma notabilissima *cantora*. E, de então para cá, cada concerto, é um novo triumpho.

Dentro em poucos dias, no Conservatorio Real de Lisboa, com o distincto professor e concertista Rey Colaço, vae o nosso publico ter ensejo em assistir a uma série de notabilissimos concertos classicos. E assim ficará assignalado, mais uma vez, esse poderosissimo e scintillante talento de artista a quem prestamos esta pallida homenagem. Madame Kendall não é, apenas, uma grande cantora. Profundamente illustrada, a formosissima senhora de quem vimos traçando o perfil, é, tambem, uma pianista distincta, *double* d'uma polyglotta notavel.

Abertura das Côrtes



A GUARDA DOS ARCHEIROS

Em infantaria 16

A visita de El-Rei



EL-REI ELOGIANDO O COMMANDANTE
DA COMPANHIA DE GUERRA QUE MANOUBROU
NA SUA PRESENÇA

Sua Majestade tem visitado nos ultimos tempos quasi todos os quartéis de Lisboa. Acompanharam el-rei na sua visita ao regimento, os senhores: visconde



EL-REI ASSISTINDO AOS EXERCICIOS

de Asseca, coronel de estado maior José Joaquim de Castro, coronel commandante de brigada Souza Machado, ministro da guerra, coronel Mathias Nunes, e o commandante de infantaria 16, Celestino da Costa.

SERÕES N.º 56

Sport

Presta hoje este *magazine* a merecida homenagem a duas individualidades a quem a educação physica da nossa raça mais deve. Eduardo Romero e João



JOÃO BREGARO

Bregaro, conhecidissimos em Lisboa, figuras preeminentes na sociedade, teem pelo seu amor ao *sport*, no qual são eximios, seja qual fór a sua especiali-



EDUARDO ROMERO

dade, dado um exemplo proveitoso á juventude actual. De trato lhanissimo, fidalgos pelo nascimento e pelos dotes de character, gosam de uma popularidade e de uma estima no paiz e no estrangeiro, que não é facil ser excedida.

FL. 5

Chronica da moda

A extinção d'um reinado... — A morte d'uma soberana... — As bombas anarchistas no reinado da... pelle de lontra — Moda democratizada é moda passada — O horror da elegante ao vulgacho — A democracia é sempre inimiga dos reinados... — Os vassallos fieis e a economia das finanças — A volubidade da moda — Os forros brancos e de côr — Tecidos antigos a fazerem de novos — Os milagres da varinha magica... — As blusas russas — Os casacos dos esquimós — Os trages biblicos — Os kimonos japonezes — Receios da cabala e do rabi-cho... — Conselhos á leitora.

Na nossa ardua e espinhosa missão de chronista, temos hoje a annunciar ás nossas queridas leitoras, nada menos do que a extinção d'um reinado e a morte d'uma pobre soberana, victima da impiedosa democracia...

Socegue porém, a leitora, tranquillise os seus sentimentos monarchicos, e não se enfade, suppondo que vou falar-lhe de politica; do movimento dos partidos revolucionarios.

Nada d'isso.

A moda, como a sociedade, tem os seus eleitos, que arvora em pequenos reis de momento, festejando-os com entusiasmo e parecendo mesmo amal'os com dedicação...

Aos profanos tudo isto parece sincero e duradouro; mas, ainda na moda, como nos agrupamentos sociaes, ha tambem o perigoso rastilho das bombas anarchistas, e quando os profanos começam a jurar a sua fé a um reinado, a bomba rebenta e *zás*... o reinado extingue-se!...

Foi o que aconteceu agora á pelle de lontra, e aos que se lhe tinham dedicado, pensando servir um bom partido...

Não devemos nunca pôr muita fé na moda que se vulgarisa.

A psychologia d'esta deusa, é toda feita de aristocracia, raridade e luxo intangivel...

Parece isto um contra-senso, não é verdade? Pois quanto mais usado é um objecto, mais em voga está, e portanto parece que mais a moda se devia enraizar.

Mas aqui, como sempre, as apparencias mentem.

Quando a moda se democratiza, já a bomba anarchista tem rebentado e o que se vê são apenas estilhaços... restos d'um imperio que derruiu!...

Emquanto a lontra foi uma pelle rara e cara, pouco accessivel aos orçamentos modestos, só usada pelos eleitos da fortuna e do bom tom, deu leis, impoz-se, gosou de homenagens, teve em suma o seu reinado...

Mas os industriaes começaram a fazer imitações tão perfeitas, tão lindas e tão baratas, que já não valia a pena gastar somas fabulosas para ter uma pelle verdadeira; o genero barateou-se pois e todo o mundo começou a usar a lontra.

As elegantes cheias de requintes de luxo desgostaram-se com esta voga seccante... e começaram então a abandonal'a como cousa democratizada... E a democracia, já se sabe, é um terrivel inimigo dos reinados... mesmo quando elles são... d'uma pobre pelle vasia...

Mas não vá a leitora ficar triste, se possui um bonito abafo de lontra, porque... já se vê... sim... ha sempre fieis vassallos... que se não rendem...

E além de ficar bem aos nossos sentimentos de constancia partidaria... fica ainda melhor ao nosso tacto administrativo de mulheres economicas, não deixar desbaratar as finanças do «ménage», seguindo apressada e irreflectidamente as rapidas mudanças da moda.

Quem quizer seguir á risca os caprichos d'esta volubel mariposa, não tem quasi tempo de vestir as suas *toilettes*.

D'antes a moda implantava-se durava mezes; agora dura apenas semanas e as cousas começam logo a estar *demodées*.

Veja a leitora que ainda ha tão pouco tempo o uso dos forros de setim branco nos casacos era d'uma elegancia requintada, e já hoje essa elegancia começa a ser posta de lado.

Tomou-lhe o passo e impõe-se agora para fóro um setim preto de largas palmas ou flôres brancas, côr de rosa ou azues formando magestosas ramagens, que, diga-se de passagem podem ter muita novidade para as nossas filhas, mas para nós!... Já são nossas conhecidas de ha uns bons 15 annos!

Voltou a ser novo o que já tinha caducado na nossa mocidade!...

A varinha magica da moda tem ás vezes d'estes milagres!...

Tambem voltam a usar-se muito as blusas russas.

Nos centros de patinagem em Paris, em todos os *skatings*, abundam d'estas blusas, dando ás graciosas parisienses um ar estranho de moscovitas, recémchegadas em linha recta, das frias margens do Néva...

Mas, como a moda tem a duração d'um relampago, não se admire a leitora, se, na minha proxima chronica, eu lhe apresentar estas linhas moscovitas de hoje, transformadas em bellas japonezas de vestuario ainda mais apropriado do que os soltos *kimonos* que já se usam.

Para tudo devemos estar prevenidas.

Não se faz senão imitar os paizes longinquos.

Por ali, nos automoveis de carreira vertiginosa, passam vultos, de trajes excetricos, imitando os esquimós do fundo da Groelandia; á noite, nas saídas dos theatros, as roupagens das senhoras imitam os trages fluctuantes das figuras biblicas; no interior dos seus gabinetes familiares, as elegantes, tem a apparencia de lindas figurinhas do Japão, envoltas nos seus pitorescos *kimonos*... O vestuario vae perdendo as suas caracteristicas nacionaes.

Depois das blusas russas, dos casacos groelandeses, das fluctuantes capas biblicas e dos *kimonos* do Japão, a moda irá talvez buscar ainda aos confins da



UMA «TOILETTE» DE INVERNO QUE FEZ FUROR NO HYDE PARK, EM LONDRES

A alegria de ver as crianças sans, robustas, fortes e rosadas, consegue-se unicamente administrando-lhes **SOMATOSE**.

Asia — oh! horror! — o uso da cabaia e do rabi-cho!!...

Quem sabe?

Veremos... veremos!...

De tudo ella é capaz, a endiabrada!

E a leitora apesar do seu bom senso moral e esthetico, nunca diga: «—d'esta agua não beberei...»

Pois não se prova por ahí todos os dias que a moda allucina e cega a ponto de obrigar as pessoas mais conspicuas aos maiores crimes de lesa bom senso e de lesa bom gosto?!

A policia na Allemanha



UM POLICIA DE BERLIM,
NO CUMPRIMENTO DO SEU DEVER, NO INVERNO

E' uma innovação de que nós não precisamos, felizmente, essa de andar de trenós e de patins para correr atrás dos criminosos.

Livros novos

Sentido de viver, de Manuel Ribeiro. — E' um livro de versos, que este anno não teem apparecido com a prolixidade do ultimo anno. E' poesia posta a serviço da causa social, com um largo e amplo ambiente, defendendo os humildes, combatendo as desigualdades sociaes, erguendo um hymno ao Bem, á Verdade, e á felicidade humana.

O sr. Manuel Ribeiro trabalha o verso com facilidade e elegancia e se no volume, aqui e além, ha pequenos senãos, o conjuncto faz esquecer esses pontos escuros, filhos, certamente, da hesitação. O sr. Manuel Ribeiro não parece ser amante da Arte



MANOEL RIBEIRO

pela Arte. Não a comprehende sem um fim, sem um alcance viavel, ou defendendo uma idéa, ou firmando uma escola.

No elegante volume elle define e que seja para si o *Sentido de viver*. Fazemos votos para que se não engane.

Os humildes

O PEQUENO MENDIGO

*Avesinha cahida um dia á lama,
Do coração d'alguma humilde mãe,
Que o deixou ir sem forças, como quem
Uma onda vê sumir-se o que mais ama.*

*Foi da miseria ao vicio e irá tambem
Na preverção que os maus instinctos chama,
Do vicio hediondo ao crime, que ninguem
Nesse espirito em flôr a luz derrama.*

*E passa os dias o innocente — a errar
De porta em porta, mendigando o pão
Que á noite a um dono tem d'apresentar*

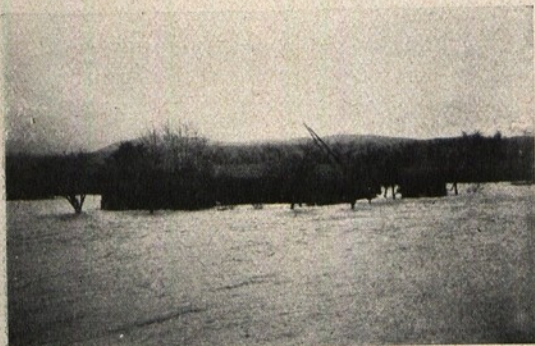
*Ha lá mais triste e negra condição?
Morrer de fome e não poder tocar
Nas três miserias codeas que lhe dão!...*

As inundações

Foi um mau sonho que passou, mas que deixou os mais terríveis vestígios. Quasi todo o paiz tem a lamentar prejuizos materiaes importantes e a perda de dezenas de victimas. Houve quem de um instante para o outro se visse lançado, de uma relativa abastança em que vivia, para a mais negra e desoladora miseria. E' necessario que, na medida do possivel, todos concorram, conforme puderem, para se mitigar tanta desgraça, que a horrorosa tempestade produziu!



UMA VISTA DA CHEIA EM FRIELLAS



OS TERRENOS JUNTO A' RIBEIRA DE ODIVELLAS, INUNDADOS



UMA DAS RUAS DA POVOA DE SANTO ADRIÃO, QUE LIGA ESTA LOCALIDADE COM LOURES



A PONTE DO ESPIRITO SANTO, EM ALEMQUER, DERRUBADA

Visconde de Santarem



Com o titulo *O 2.º visconde de Santarem e os seus Atlas geographicos*, acaba de apparecer um estudo interessantissimo feito pelo erudito official da Real Bibliotheca da Ajuda, Jordão A. de Freitas, publicado por um sentimento de piedosa admiração pelo actual visconde de Santarem. E' escusado encarecer o enorme valor do trabalho do benemerito e sabio titular. Devehle a geographia e a sciencia involvidaveis serviços. Não é no pequenissimo espaço de que hoje dispomos que podemos apreciar o importante labor do livro recebido. Por isso ficará para mais tarde a sua analyse.



ALFREDO PINTO (SACAVEM)

Alfredo Pinto (Sacavem)

Rapaz dos mais sympathicos do nosso meio lisboeta e escriptor cheio de finura e de gracil maneira de dizer, acaba de publicar um livro, *Impressões*, que tem obtido um grande triumpho de livraria. Idólatra pela musica, como todas as almas sensiveis e espiritos cultos, uma parte da sua obra é reservada a chronicas sobre esse interessante assumpto. A flux, com um grande poder de observação, um *quid* especial de graça e estylo facil e elegante, offerece ao leitor uma serie de notas attrahentissimas que se leem, como quem saboreia uma taça de champagne alegre e effervescente. Aquí e ali presta a devida homenagem aos mortos.

Bloc-Notes, a ultima parte do mimoso trabalho do illustre escriptor, não só tem graça, mas possui uma base de philosophia moderna.

A impressão que resalta do livro, finda a sua leitura é que foi escripta por um profissional que modestamente occulta o muito que sabe por trás de fórmulas despretenciosas e de facil assimilação. Matizam o livro ainda outros themas, de modo a tornal-o indispensavel não só na estante de uma senhora de bom gosto, como tambem na de qualquer rapaz que deseje passar por illustrado.

A Princeza Patricia de Connaught

Muito se tem falado n'estes ultimos tempos na futura rainha de Portugal. Affirmam uns que será a princeza Alexandra, filha do duque de Fife, neta do rei Eduardo VII; asseguram outros que é a princeza Patricia de Connaught, filha do duque de Connaught e sobrinha, portanto, do mesmo soberano. Ambas são formosas, novas, ambas esperam noivo. Nada mais é preciso, portanto, para que a imaginação dos jornalistas borde phantasias a seu bello prazer.

A gravura que hoje damos representa essa princeza com sua irmã, no momento de embarcarem no Arsenal, na sua ultima viagem a Lisboa.



A PRINCEZA PATRICIA DE CONNAUGHT, EM LISBOA

Theatros

S. Carlos. — Como succedera com a companhia de opera franceza, conquistou um legitimo successo a companhia italiana logo na sua inauguração.

A grandiosa partitura de Bérlioz, *Dannazione di Fausto*, abriu a série de ovações dispensadas todas as noites aos artistas, entre os quaes se contam alguns de grande merito.

O barytono De Lucca e o soprano Baldassare, já conhecidos do publico de Lisboa e que de-empenharam os respectivos papeis de *Mephistopheles* e *Margarida*, se revelaram artistas de maior envergadura, deliciando o numero auditorio com as suas lindas vozes, d'um timbre agradavel e firme nos registos.

De Lucca junta á sua arte de bem cantar, a de ser um magnifico actor. A canção da *fuga*, a *invocação* do 2.º acto, foram executadas com extraordinario brilho. A canção do *Rei de Thule* e o duetto de amor



GIUSEPPINA BALDASSARE

com o tenor Giorgi, valeram á sr.ª Baldassare uma estridente ovação. E como esta artista se houveram o tenor que se estreára n'esta opera e o baixo Dammaco.

A orchestra, sob a direcção do eximio maestro Mascheroni, foi de inexcedivel correcção. O final do 1.º acto — a encantadora *marcha hungara* — teve as honras de ser bisada, merecendo igualmente elogios a *Dansa das Sylphides* e os côros, que sustentaram sempre uma brilhante afinação.

Da partitura de Bérlioz seguiu-se a de Verdi — *Aida* — a opera da velha guarda, que constitue o prato obrigado de todas as épocas lyricas.

Se, porém, a platea de S. Carlos tem ouvido a *Aida* com o brilhantismo que merece este magistral trabalho de Verdi, nunca elle se elevou a tão subido grau.

A *Aida* foi, de facto, cantada por o actual grupo de artistas com uma superior interpretação.

A sr.ª Mathilde de Lerma, que voltou ao palco de S. Carlos com a sua voz em pleno vigôr, foi uma primorosa *Aida*. Especialisar este ou aquelle dos seus trechos musicaes, não será traduzir a verdade com-



GIUSEPPE GIORGI

pleta. Desde o monologo *ritorna vincitor* até final, manteve sempre uma perfeita correcção.

Das estreias, ha a citar a do tenor Gillion e a do barytono Carlo Galeffi.

Gillion possui os requisitos d'um cantor distincto.

Emitte a voz com muita facilidade, é firme nos



MARIA JUDICE

agudos, phraseia com arte e tem precisão no ataque.

Logo na romanza *Celeste Aida* conquistou o agrado da platea, bem como nos duettos com o soprano, principalmente no do 4.º acto, e no quartetto final do 2.º

Galeffi é igualmente um cantor de merito.

É dos melhores barytonos que teem pisado o palco de S. Carlos. A sua potente voz, muito bem timbrada e pastosa, se revelou na *Aida* com sobejo valor, mórmente nos *concertantes* do 2.º acto.



FELY DEREYNE

Todo o auditorio lhe fez uma quente manifestação.

A sr.^a Hotkowska foi uma apreciavel *Amneris*. Além de possuir uma boa voz de mezzo-soprano, tem uma linda figura para a scena. Merece menção o seu duetto com a *Aida* no 2.º acto e a scena do *juízo*, em que sustentou a devida tensão dramatica.

Muito bem os baixos Dammaco e Kormann.

Bem ensaiados os bailados, e os còros sob a direcção de Loriente, bem como a orchestra, sob a de Mascheroni, formando tudo um conjunto deveras apreciavel.

Não foi, porém, na opera de Bérlioz, *Dannazioni di Fausto*, aquella em que De Lucca mais se patenteou como distinctissimo cantor que é; foi no *Rigoletto*. Quer cantando, quer representando, o barytono De Lucca foi o que se chama um artista genial.

Com a grandeza que requer toda a partitura da personagem *Rigoletto*, tanto nas scenas violentas como nas de sentimento, o distincto artista se houve d'uma fórma magistral. A *aria* do 3.º acto teve de ser bisada, a pedido geral, sendo De Lucca, ao terminar, coberto de applausos vibrantes.

O soprano Scafidi, no papel de *Gilda*, secundou bem De Lucca, contribuindo para os applausos dispensados nos duettos do 2.º e 3.º actos.

Como nas operas anteriores, se distinguiram os còros e a orchestra, que executaram o *spartitto* com bastante colorido.

E quando não bastassem estas operas a que vimos de nos referir, para bem conhecer o valor do maestro Mascheroni, o *Samsão e Dalila* provou, d'uma fórma

segura, as suas excepcionaes qualidades artisticas. Toda essa obra modelar, cuja contextura musical assenta sobre as normas da escola franceza, foi executada pela orchestra com a delicadeza e vigôr que exige a linda partitura de Saint-Saens.

A *Tempestade* do 2.º acto, que constitue uma das mais bellas paginas orchestraes do *spartitto*, a *suite* dos bailados *Buchanan*, toda a opera emfim, foi superiormente executada pela orchestra, o que valeu a Mascheroni uma entusiastica ovação.

A sr.^a Hotkowska e o tenor Gilion, que se estrearam na *Aida*, confirmaram os seus credits, formando com o barytono Rossi o bello conjunto que teve o *Samsão e Dalila*.

Por ultimo, como um remate de série, nos deu a intelligente empresa Anahory a encantadora e suggestiva opera de Bizet — *Carmen* — que já ha alguns annos se não cantava no theatro de S. Carlos, a empolgante opera de Verdi — *O Othello* e a deliciosa partitura do *Fausto*.

É a *Carmen*, sem duvida, uma das mais queridas e apreciadas pelo nosso publico, o que se explica pelas bellezas que encerra.

Alegre e saltitante nos dois primeiros actos, adquire a sua accentuação dramatica nos finaes do 3.º e 4.º actos, em que exerce toda a sua acção dominadora e onde, em especial, Bizet conseguiu suggestionar o publico n'uma melodia mejestosa e bella.

Tem o *spartitto* diversos recifes, que só um bom grupo de artistas pode vencer, e d'ahi o motivo de ter estado retirada da nossa scena lyrica.

Coube á empresa Anahory o havel-o torneado com



EDUARDO MASCHERONI

as sr.^{as} Fely Deryne e Scafidi, tenor Giorgi e barytono Galeffi.

A sr.^a Deryne, que a platéa já conhecia da época passada, na *Mignon*, foi uma arrebatadora interprete da *Carmen*. Viva, graciosa e sabendo, a um tempo,

tirar todo o effeito d'uma acção dramatica, desde a *habanera* até ao final, no duetto com o tenor, a sr.^a Dereyne foi d'uma admiravel correção, sendo, por isso, delirantemente applaudida.

A parte de *Michaela*, que em geral tem uma fraca interprete, encontrou na sr.^a Scaffidi uma conscienciosa artista. Com a sua bonita voz, imprimiu, a toda a sua parte, muito sentimento, especialmente no duetto do 1.^o acto, com o tenor, e na aria do 3.^o

O tenor Giorgi e barytono Galeffi podem contar no seu repertorio com a *Carmen*, como sendo das operas em que mais se evidenciavam os seus bons dotes artisticos.

Frizemos tambem as cuidadas encenações e luxuosos guarda-roupas de todas estas operas.

Os côros e orchestra, como sempre, muito bem.

Outro magnifico exito obteve a companhia com o *Othello*.

Sem receio de errar, se pode dizer que nunca a monumental obra de Verdi teve tão superior interpretação.

Desde a orchestra aos côros, se manteve de principio a fim uma inexcedivel correção.

A sr.^a De Lerma, no papel de *Desdemona*, De Lucca no de *Yago* e Gilion no de *Othello*, conquistaram immarcessiveis loureiros. Bem claramente o demonstrou a manifestação que o publico lhes fez.

A sr.^a De Lerma cantou d'uma fórma irreprehensivel o duetto do 1.^o acto com o tenor, o concertante do 3.^o e a deliciosa *Avé Maria*, uma das mais bellas paginas do *Othello*.

De Lucca foi um *Yago* brilhante, fazendo-se acclamar logo no *Credo*, que cantou com verdadeiro pri-



DE LUCCA

môr. No *Sogno* foi de veras surpreendente, tendo de bisar.

O tenor Gilion manteve, com a sr.^a De Lerma e De Lucca, o bello tríó que a opera teve.

E, como dissemos, não foram unicamente as primeiras partes em destaque, foram tambem as segun-



VICO DAUMACCO

das partes da partitura, os côros e a orchestra, sob a intelligente batuta de Mascheroni.

O *Fausto* obteve tambem um ruidoso triumpho de que fallaremos no proximo numero.

D. Maria. — Antes de fazermos uma rapida resenlia dos espectaculos no Normal, é de justiça que dediquemos algumas palavras ao distincto homem de letras, Maximiliano de Azevedo, actual gerente d'aquelle theatro.

É assaz conhecido no nosso meio litterario e theatral o nome de Maximiliano de Azevedo.

Attestam o seu valor um grande numero de produções suas nas quaes se revelam, de uma fórma notavel, as suas primorosas qualidades de estylista, marcando-lhe um logar illustre no campo da litteratura portugueza.

Como escriptor de theatro o seu nome apparece-nos á luz da ribalta como um mestre d'essa complexa arte, revelando, além de conhecedor profundo do *metier*, um espirito de grande observador.

Com estes predicados, portanto, não podia ter sido mais acertada a escolha para o cargo de gerente do Normal, onde, sem duvida, se evidenciará.

Dos espectaculos temos a registar a marcha triumphal da peça de Wilde, *Um marido ideal*, a que já nos referimos no nosso numero anterior, e as *reprises* das peças: *Amor de perdição* de D. João da Camara, e *As pupillas do sr. reitor*, que o sr. Anthero de Figueiredo extrahiu do celebre romance de *Julio Diniz*.

Não é esta a primeira peça que se extrahiu do alludido romance, outras ha de que nos não occorre o seu exito. Esta ultima conseguiu, em parte, debellar o mal que advém do ingrato trabalho. Foi ouvida com

bastante agrado e sem favor, pois que tem scenas de-
véras felicissimas.

O desempenho perfeitamente á altura dos artistas



MAXIMILIANO DE AZEVEDO

do Normal. Ignacio, Augusto de Mello, Joaquim Costa, Luiz Pinto, Carlos Santos, Adelina Abran-
ches e Cecilia Machado se houveram de fórma a se-
rem muito applaudidos.

D. Amelia. — Para bem se comprehender o que é
Mimi Aguglia; para bem se ajuizar da sua extraor-
dinaria arte de representar, é preciso tel-a visto.

O que sobretudo torna excepcional essa grande
actriz sicilliana, é o seu soberbo jogo physionomico.

De temperamento histerico, o seu corpo convulsio-
na-se ao traduzir um forte sentimento, a sua alma vi-
bra n'uma expressão nitida de tortura quando impul-
sionada por uma dôr intima.

Toda a gamma do sentimento humano encontra
n'essa genial artista uma real interprete.

Se é correctissima na declamação, é verdadeira-
mente assombrosa na mimica.

A mais simples particularidade surge clara no vol-
ver d'um olhar ou no desenho d'um gesto.

Mandam as leis de bem representar que o artista
sinta a personagem a interpretar, mas que não seja
por ella dominado, assim é e assim deve ser; pois,
com Mimi Aguglia, dá-se o facto, de ser tão intenso,
intimo e forte o seu sentir, que quasi nos transmite
a impressão d'esse erro, não deixando, por isso, de
ser grande e majestoso o seu trabalho.

Já não é pequeno o numero de notabilidades estran-
geiras que, devido á gentileza do distincto empreza-
rio sr. visconde de S. Luiz de Braga, nos tem sido
permittido admirar no palco do D. Amelia. Mas se
todas ellas teem, mais ou menos vivamente, prendido
a attenção do no-so publico, talvez que nunca o ten-
ham conseguido, d'uma fórma tão vibrante, como
Mimi Aguglia. E firma-se este nosso parecer, muito

em especial, na interpretação do papel de *Margarida
Gauthier*, da *Dama das Camélias*, que foi como que a
pedra de toque da differença na sua maneira de re-
presentar.

Mimi Aguglia não encarnou a personagem nem
pelo lado romantico, como a Sarah, nem pelo lado
cruelmente duro, como a Duse; deu-lhe uma exte-
riorisação mais humana e real, a nosso vêr; tirou-a
do vulgar, despiu-a das suas *ficelles* e apresentou-a
com um côrte da sua prodigiosa observação.

Todos os artistas teem a sua predilecção por este
ou aquelle genero dramatico e assim succede com a
celebre actriz a que nos referimos, cujo temperamento
se manifesta mais propenso para a tragedia popular,
sem deixar, comtudo, de ser distincta na comedia.
Como exemplo, deu-nos Mimi Aguglia as tragedias
Malia e *Figlia di Jorio*, verdadeiros estudos patholo-
gicos, explorando as crendices populares n'um decor-
rer encantador de scenas campezinias.

Quanto possamos dizer, é quasi nada comparado
com o seu colossal trabalho.

Mimi Aguglia tem o condão, como diremos, de
hypnotizar uma platéa. Faz mesmo esquecer-nos de
que estamos vendo representar. Transporta-nos ao
meio da acção e obriga-nos a viver n'elle.

Na *Figlia di Jorio*, por exemplo, quando essa fi-
gura *Milia di Cotra*, creada por Gabriel d'Annunzio,
se vê perseguida pelos segadores e quando por fim se
encontra presa do lascivo Lazzaro di Rojo, um arre-
pio de forte tenção dramatica atravessa a platéa.
Sente-se como que uma angustia e tão grande é a
impressão, que ao cahir do panno parece accordarmos
d'um pesadelo.

Extraordinaria mulher essa!

E, sem esmorecimento, confirmando sempre o po-
der da sua arte, Mimi Aguglia nos deu empolgantes
trabalhos na *Cavalleria Rusticana*, na *I Carburnara* e
Zázá.

A primeira e a ultima, sobejamente conhecidas, não
deixaram, por isso, de ter a sua completa novidade,
pois que a genial artista fez um destaque frisante de
quantos as teem desempenhado.

Quem nos lê e a não viu, parecer-lhe-ha exaggero,
mas não ha tal; muito principalmente na *Zázá*, ella
é verdadeiramente assombrosa de verdade e, talvez,
a nosso vêr, na que tem a sua melhor corôa de gloria.

Quem bem conhece a peça e pelo que acabamos de
expôr, poderá calcular quanto Aguglia, que é eximia
no real dos desenhos, soube apresentar a personagem
frivola do 1.º acto,—a genuina coupletista de café
concerto,—quanto foi terna e amante no 2.º, subtil e
delicada no 3.º, d'uma commovente paixão no 4.º, de
completa desillusão e de encantadora simplicidade
no 5.º

Em contraste na *I Carburnara*, nova para Lisboa,
bem como na *Buona gente*, apresentou mais uma facéta
do seu formoso talento. A primeira violenta e tra-
gica, a segunda serena, genero alta comedia, e que
constituíram um novo successo.

E para complemento e poder tambem admirar-se a

comediante e de novo no drama, deu-nos Mimi Aguglia as peças *Santarellina*, extrahida da *Mam'zelle Nitouche*, *Um quarto d'ora*, *Teresa e Lupa*.

Bella comediante nas duas primeiras, provocou a franca gargalhada, querendo deixar a impressão do seu temperamento fragico, conseguiu vibrar na sala, durante as duas ultimas peças, principalmente na *Lupa*, o sentimento d'uma dôr impetuosa e grande.

Não veio, porém, a celebre actriz desacompanhada, como tem succedido em algumas das companhias estrangeiras, pois que poucas vezes temos visto um conjunto tão harmonico, devendo citar-se os artistas: Faló Majorana, Sterim e Majivana.

Todas as peças tiveram uma boa encenação e bello guarda-roupa.

Após Mimi Aguglia representou a companhia portugueza a deliciosa comedia *Canto do Cysne*. O publico applaudiu-a com calor. O mesmo succedeu com a *reprise* da comedia *Direitos Paternos*, que subiu á scena na festa artistica de Palmyra Bastos.

Como estava anunciado, Jean Richepin, o illustre litterato francez, realizou no D. Amelia as suas duas conferencias sobre os themas: *O mar* e a *Lenda Napoleonica através os poetas*.

Quer declamando os seus lindos versos, quer apenas conversando, Richepin, que é hoje um dos vultos mais preeminentes da litteratura de França, empolgou o selecto auditorio com a sua palavra quente, sendo, por vezes, interrompido em fremitos de entusiasmo.

Não esqueceu o distincto escriptor, nas suas dissertações, de prestar homenagem aos heroes portuguezes que em caravellas sahiram o Tejo na conquista de

novos mundos, e, sempre com elegancia de estylo e delicadeza de phrase, soube recordar que foi debaixo do nosso lindo céo que as victoriosas aguias imperiaes receberam as primeiras feridas.

Teve egualmente o illustre poeta palavras de elogio para o sr. visconde de S. Luiz de Braga, recordando, a um tempo, a passagem pelo tablado do D. Amelia, de algumas das celebridades francezas, bem como para com Julio Dantas, que o apresentára n'am breve discurso, proferido pelo actor Chaby Pinheiro.

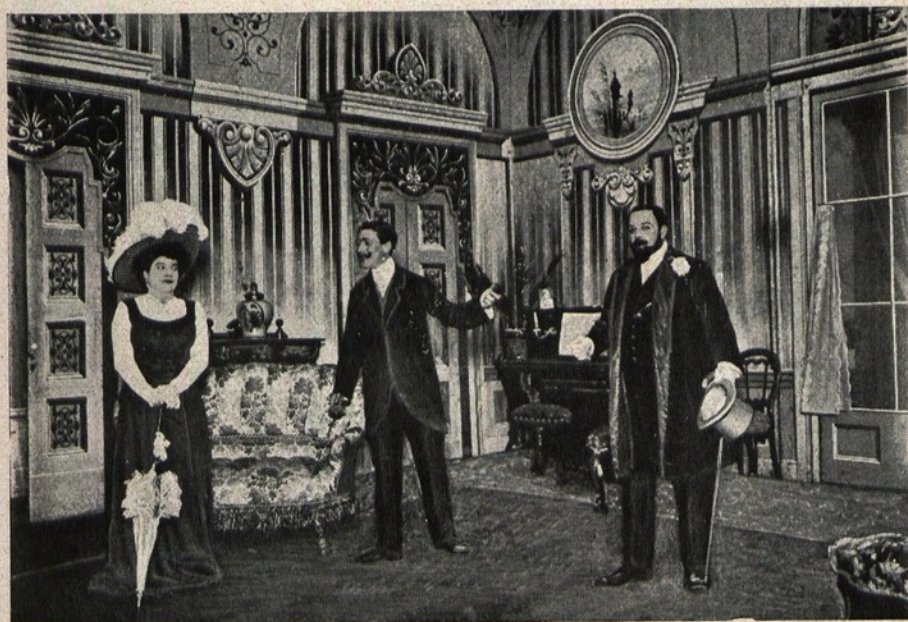
A Richepin succedeu Madame Jane Catalle Mendés, que effectuou duas conferencias, escolhendo para assumpto d'ellas *La chanson populaire en France* e *Les poetesses francaises*. A sala do elegante theatro acolheu festivamente a illustre litterata.

Trindade. — Não offerece duvida que esta casa de espectaculos encontrou uma verdadeira *mascotte* na operetta *Sonho de valsa*. Apenas umas *rèprises* com a *Bohemia*, *Barbeiro de Sevilha* e *Semana dos nove dias*, e como prato de resistencia a encantadora peça de Strauss que parece não sahir mais do cartaz. Ao *Espadachim do Outeiro*, letra de Lopes de Mendonça e musica de Augusto Machado nos referiremos no proximo numero. Desde já, porém, podemos afirmar que é uma obra á altura da fama conquistada pelos dois eminentes vultos.

Gymnasio. — Duas peças novas: *A mulher electrica*, imitação por André Brun, para recita da actriz Jesuina Marques e *Vinte dias á sombra*, traducção de Portugal da Silva, para festa artistica do actor Telmo

A mulher electrica é um perfeito *embroglio* mas que desperta franca gargalhada. A acção é curta, mas as scenas acham-se urdidadas com habilidade, de fórma a prender a attenção do espectador. Do desempenho teve o primeiro logar a beneficiada, seguindo-se-lhe Telmo, Cardoso, Alegirim, Laura Hirsch e Rosa de Andrade.

A outra peça, *Vinte dias á sombra*, é o que se chama uma fabrica de risota. Os episodios comicos succedem-se, as situações hilariantes não tem conta. São tres actos polvilhados de um espirito esfuante e com um recommendavel requisito: não faz uso da pornographia. Ha na peça do mais que



THEATRO DO GYMNASIO — UMA SCENA DOS «VINTE DIAS A' SOMBRA»

graça, ha engenho; é das que teem principio, meio e fim; é, n'uma palavra, uma comedia.

O desempenho muito harmonico por parte de Telmo, Cardoso, Albuquerque e todo elemento feminino.

A traducção de Portugal da Silva muito esmerada.

É peça para lavar durar.

Jesuina Marques e Telmo, nas suas respectivas festas, foram muito brindados.

Avenida. — Succedeu com a revista *Sol-e-dó*, de Luiz d'Aquino e Accacio de Paiva, o que bastas vezes temos presenciado. Recebida friamente na sua *première*, tem seguido com successo de noite para noite. Possui esta revista todas as condições das peças do seu genero — graça, critica, por vezes um pouco mordaz, bom scenario e luxuoso guarda-roupa. Não havia, pois, motivo para essa frialdade na sua primeira representação; mas as coisas são o que são, e, passada essa noite, os applausos não teem sido regateados aos artistas, scenographos, auctores e maestros. Já lá vae nas sua vinte e tantas e... continuar-se-ha.

Principe Real. —

Outra revista nos deu esta popular casa de espectaculos da rua da Palma, *Sol e sombra*, de Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes e Marçal Vaz, musica de Filippe Duarte e Calderon, que agradou sem favor.

Toda a peça está recheada de bellos ditos de espirito e apresenta novidade. É um tanto *fresquinha*, mas o facto já está tanto em moda que quasi o approvamos. O 1.º acto é talvez o melhor, sem que possa dizer-se que os seguintes não sejam tambem de deguro effeito.

Está bem vestida e o scenario é bom.

Merecem elogios pela maneira como desempenharam os seus papeis, Lucinda do Carmo, Amelia Pe-



THEATRO DA AVENIDA — UMA SCENA DO QUADRO «NA ROÇA»
DA REVISTA «SOL E DÓ»

reira, Carlos Leal, Emilia Romo, Isabel Pacheco, Eduardo Vieira e Gentil.

A musica está bem coordenada o que valeu aos maestros bastos applausos, dos quaes partilharam auctores e actores.

Muito bom o scenario de Luiz Salvador no final do 1.º acto.

Rua dos Condes. — Conhecida a predilecção do publico pelo genero revista, é natural que os escriptores de theatro o explorem, e assim mais uma revista *Fado e Maxixe* subiu á scena n'este theatro. E diga-se em verdade que o successo foi extraordinario.



THEATRO DA RUA DOS CONDES — BAILE FINAL DO 3.º ACTO DO «FADO E MAXIXE»

Não ha melhor, nem peor; ha apenas tres actos que não dão tempo para descansar de rir, tal é a graça que em abundancia se acha espalhada por elles.

Os auctores, André Brun e João Phoca, foram muito victoriados na primeira noite que subiu á scena o *Fado e Maxixe*, bem como os principaes interpretes Raul Soares e Martins dos Santos.

A musica, coordenada por Luz Junior, tambem

agradou bastante, partilhando por esse facto o maestro dos applausos do publico.

Colyseu dos Recreios. — De novo tem constituido o *clou* dos espectaculos no Colyseu a estonteante Imperio que todas as noites chama ao theatro uma romaria de espectadores que entusiasticamente a applaudem. A voluptuosidade das suas dansas, o seu



SOPRANO DORA THEOR



TENOR VITTARIO GAMBA

talhe airoso e attrahente, os seus lindos olhos verdes, fascinam o publico que todas as noites a palmeia com delirio. E quando não bastasse a volupia dos seus bailes caracteristicos, a divina Imperio fez-se tambem *coupletista* de grande poder fascinante.

Junto a este numero, os parodistas *Chimenti*, a *troupe Marmorini* e o impagavel Walter e seu companheiro Tonitoff, teem constituído a serie de attractivos que fazem com que aquella tão grande quanto elegante casa de espectaculos, se encha... *á cunha*.

Terminada a época da companhia gymnastica principiou a da companhia liliputiana de opera, que se estreou com a *Lucia de Lamermoor*. A estreia foi auspiciosissima e nas recitas subsequentes os pequenos artistas conquistaram triumphos sobre triumphos, sendo a *Geisha* uma das operetas em que a petizada foi mais vibrantemente applaudida.

Dispensario de Santa Izabel



UM GRUPO DE PROTEGIDAS



UMA BIXA... DE VARIAS CABEÇAS

**FARINHA
LACTEA**

NESTLÉ

Alimento completo para crianças e
pessoas edosas.

MUSICA
DOS
SERÕES



BOURRÉE

DE

Joh. Seb. Bach.



No. 3. BOURRÉE

aus der Englischen Suite No. 1.

de la Suite Anglaise No. 1.

Moderato.

Joh. Seb. Bach.

The first system of musical notation consists of two staves. The upper staff is in treble clef and the lower staff is in bass clef. The time signature is common time (C). The music begins with a piano (*p*) dynamic. The upper staff features a melodic line with various ornaments and fingerings (1-5). The lower staff provides a steady accompaniment of eighth notes.

The second system continues the piece. The upper staff has more complex melodic patterns with slurs and ornaments. The lower staff continues with a consistent eighth-note accompaniment.

The third system includes a repeat sign (double bar line with dots) in the middle of the system. The upper staff shows a change in melodic direction, and the lower staff continues its accompaniment.

The fourth system features more intricate melodic lines in the upper staff, including slurs and ornaments. The lower staff maintains the eighth-note accompaniment.

The fifth system continues the melodic development in the upper staff. The lower staff accompaniment remains consistent.

The sixth system concludes the piece. The upper staff ends with a final melodic phrase, and the lower staff concludes with a final accompaniment phrase. The piece ends with a double bar line and repeat dots.

AS GOTTAS CONCENTRADAS DE

FERRO BRAVAIS



São o mais eficaz
remedio contra

**DEBILIDADE, FALTA DE FORÇAS, ESGOTAMENTO
ANEMIA, CLOROSE, CORES PALLIDAS.**

Sem cheiro nem sabor o Ferro Bravais é recomendado por todos os Medicos do mundo
Não dá prisão de ventre. Não ennegrece os dentes. Dá em pouco tempo :

SAUDE - VIGOR - FORÇA - BELLEZA

Desconfiar das Imitações. — *Só se vende em Gottas e em Pilulas*

Em todas as Pharmacias ou Drogarias. **Deposito : 130, r. Lafayette, PARIS**

BAUME BENGUÉ

Cura Totalmente

RHEUMATISMO

~~~~~  
**GOTA**

~~~~~  
NEURALGIAS

D^r BENGUÉ, 47, rue Blanche, Paris, e em todas as Pharmacias.



LOCÃO DEQUEANT

**CABELLO
BARBA
PESTANAS
SOBRANCELHAS**

Unico producto scientifico apresentado na **Academia de Medicina de Paris** contra o microbio da Calvicie e todas as affecções do couro cabelludo.
L. DEQUEANT, Pharmaceutico, 38, Rue Clignancourt, Paris.

Em LISBOA, 15, Rua dos Sapateiros, a quem deve-se dirigir para todas as informações gratuitas.

A VENDA EM TODAS AS BOAS CASAS DO PORTUGAL.

Em LISBOA, Rua dos Sapateiros, 15, 1.º, direito,
a quem devem dirigir-se para todas as informações gratuitas.

CH. DENIS. — Agent exclusif pour les annonces étrangères, **128, Faubourg Poissonnière — PARIS.**

OS BASTIDORES DO NIHILISMO

POR

MAX PEMBERTON

TRADUÇÃO DO INGLEZ DE

EDUARDO DE NORONHA

OBRA ILLUSTRADA COM 16 GRAVURAS

INDICE DOS CAPITULOS

Capitulos	Pags.	Capitulos	Pags.
I—Bruce Ingersoll principia a sua historia	7	XIX—Na praça de touros	255
II—Adeus a Cambridge	17	XX—O dr. Luthero James	27
III—Jehan Cavanagh	29	XXI—Barcelona	299
IV—A casa do Fen	41	XXII—No palacio da Ponte	321
V—As noticias do jornal	55	XXIII—As desconfianças de Paulina.	331
VI—O grito nocturno	65	XXIV—O regresso a Inglaterra	337
VII—A mulher e a creança	77	XXV—Fédoro	351
VIII—O destino de Cavanagh	93	XXVI—Um conhecimento	367
IX—Prospero de Blondel	105	XXVII—Jornada nocturna a Waterbeach	377
X—A festa do Corpo de Deus	119	XXVIII—A dama do bosque	395
XI—A luz da janella	143	XXIX—Na bibliotheca	403
XII—Ainda Paulina Mamavieff	165	XXX—O barco	413
XIII—A prisão de Bruges	177	XXXI—Robiniof	429
XIV—A encarcerada	189	XXXII—A sua familia	437
XV—A segunda intrevista	203	XXXIII—Paulina emmudece	447
XVI—Raiz e tronco	217	XXXIV—O milagre	461
XVII—O homem de cabelo ruivo	229	XXXV—A memoria de Jehan Cavanagh	469
XVIII—O expresso de Vienna	249		

PREÇO 500 RÉIS

À venda nas principaes livrarias

e no deposito, Livraria Ferreira, editora

132, Rua do Ouro, 138

LISBOA



O Cunha

ALMANACH HUMORISTICO
PARA 1910

À venda o 5.º volume

200 réis

Collaboração inédita em prosa e verso de **Alves Barbosa,**
Amadeu Salles, Arnaldo de Lacerda, Arnaldo Leite, Augusto Veras,
D. Branca de Gonta Collaço, P.º Daniel da Cruz,
El-Mano, Humberto Beça, Julio Moutinho, Manuel de Moura,
D. Maria do Carmo Peixoto, Maximiano Ricca, Oliveira Passos,
Rangel de Quadros, Raul Tamagnini, Vidal Oudinot, visconde de Villa-Moura
e de muitos outros escriptores consagrados

Caricaturas e desenhos do **dr. Manuel Monterroso, Amarelhe,**
dr. Virgilio Ferreira, Emmanuel Ribeiro, Alberto Meira, Marques Abreu,
F. Alves Mendes, Jorge Collaço,
Julio Nogueira e dr. José Moreira de Carvalho

MAGNIFICAS GRAVURAS = EDIÇÃO ELEGANTE

Publica um interessante artigo do ex.º sr. Visconde de Villa-Moura,
intitulado

Coimbra do meu tempo

com gravura representando o curso do 5.º anno de Direito de 1899-900.

CALENDARIO HISTORICO — UMA VALSA

ESCRITORIO

Rua da Victoria, 33-A — PORTO

Agente em S. Paulo: AURELIO MACHADO — Caixa 630

Mais vantagens aos nossos assignantes e compradores dos SERÕES

A todos os nossos assignantes e compradores dos SERÕES offerecemos o **Bonus de 10 %**, sobre o preço da venda, de um exemplar do **ANUARIO COMMERCIAL DE PORTUGAL**, edição 1909, para o que, bastará a apresentação d'este bilhete na administração do Anuario Commercial, Praça dos Restauradores, 30 (Palacio Foz).

José Maria da Silva

PHOTOGRAPHO

*Convida V. Ex.^{as} a visitarem os seus estabelecimentos,
onde possui as melhores machinas operadoras
e executa todo o genero de trabalhos por preços sem equal*

121, Rua do Poço dos Negros, 123

25, Rua de Alcantara, 25

Gravuras dos SERÕES

Alugam-se quaesquer clichés publicados n'este Magazine.

Para tratar, na Administração dos SERÕES,
Praça dos Restauradores, 30.